

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
MESTRADO**

**O CONCEITO DE INFÂNCIA NA HISTORIOGRAFIA
ACADÊMICA: UM MAPEAMENTO (1991-2008)**

DANIELLA TIZZIANI BALADELI

**MARINGÁ
2010**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO**

**O CONCEITO DE INFÂNCIA NA HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA: UM
MAPEAMENTO**

Dissertação apresentada por DANIELLA TIZZIANI BALADELI, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: História e Historiografia da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador(a):
Prof^(a). Dr(a).: ELAINE RODRIGUES

MARINGÁ
2010

DANIELLA TIZZIANI BALADELI

**O CONCEITO DE INFÂNCIA NA HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA: UM
MAPEAMENTO (1991-2008)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elaine Rodrigues (Orientador) – UEM

Prof.^a Dr.^a Diana Vidal – USP- SP

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Teodoro da Silva – UEM

Prof. Dr. Maria Cristina Gomes Machado - UEM

Maringá, 12 de abril de 2010

Á Deus em sua grandeza e sabedoria que a tudo alimenta. Obrigado por me dar forças e tornar tudo isso possível.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelas misericórdias renovadas a cada manhã.

À Elaine Rodrigues, pelo exemplo de dedicação, liderança e esforço. Sempre soube, com delicadeza e tato, extrapolar o caráter meramente acadêmico do termo “orientadora” dando um novo sentido à palavra, ajudando-me a melhorar não só como aluna, mas principalmente como ser humano. É a número um em meu coração e tenho orgulho de poder dizer que serei sua eterna orientanda. Este trabalho definitivamente só foi possível pela sua ajuda. Ninguém mais teria tanta maestria para guiar-me. O seu sorriso e a disposição para a luta do dia-a-dia muitas vezes me valeram de fonte de ânimo e ficarão para sempre na minha lembrança. Obrigada com muito amor!

Aos meus pais Luiz Roberto e Sueli, que não só me amam, mas sempre investiram em mim tudo que podiam. Obrigado por permitirem que as oportunidades do mundo chegassem a mim e que eu pudesse usufruí-las. Obrigado por apoiar incondicionalmente minhas escolhas. Desde cedo, sempre me deram todo apoio que alguém possa desejar. Amo vocês.

À Prof^a. Dr^a. Diana Vidal por tão prontamente ter aceitado o convite para participar desta banca e por compartilhar comigo desde a qualificação tão grande sabedoria.

À Ana Cristina Teodoro Machado minha primeira orientadora no curso de Pedagogia e sem dúvida uma das melhores docentes de quem tive o prazer e honra de ser aluna. Obrigada por ser a minha madrinha científica, acreditando no meu potencial e conduzindo-me ao Mestrado. Serei eternamente grata pelo apoio.

Aos mestres que tive a honra de conhecer ao longo das disciplinas do Mestrado e que de alguma maneira acabaram por contribuir comigo e com este trabalho Lizethe Shizue Bomura, João Luiz Gasparim e Terezinha Oliveira. Muito obrigado!

À Fatima Maria Neves minha professora querida, meu exemplo e hoje, minha amiga. Obrigada por existir em minha vida. Que brilhe sempre a tua luz!

À Franciele Bento minha amada irmã de coração e companheira que sempre esteve do meu lado, dando apoio aos meus sonhos e objetivos, mesmo quando estar ao meu lado significava me ouvir por horas e consolar-me.

À Cicília, Priscila e Liliana por tudo que me proporcionaram com suas amizades. Vocês são daquelas pessoas raras com o objetivo único de dar alegria às pessoas que lhes cercam. A vocês que sempre estiveram por perto, quero agradecer de coração pelo que me ajudaram a conquistar. Obrigada!

Às amigas que fiz durante os Congressos Analete e Maria Cristina, pela boa vontade e disposição de compartilharem comigo momentos únicos. Jamais esquecerei!

À Fabiane e Humberto (Fabi e Beto) novos e preciosos amigos que tornaram esta caminhada mais leve. Só com vocês... as maiores risadas, as melhores baladas a amizade mais sincera!

Aos secretários do programa de pós-graduação em educação Márcia e Hugo pela atenção e prontidão em me ajudar sempre que precisei.

À Sandra Altoé (Gerente da Educação Infantil do Município de Maringá) por ter me estendido a mão e possibilitado o início desta pesquisa.

Aos meus irmãos, pelo barulho constante e pelas vezes incessantes que entravam no quarto e me desconcentravam. Distraíam-me. Obrigada!

A todos que me ajudaram, de uma forma ou de outra, fazendo com que eu pudesse ir em frente. Aos que perguntaram, criticaram e sugeriram, a participação de vocês fez com que esse trabalho ficasse mais rico.

A criança não é nem antiga e nem moderna, não está antes e nem depois, mas agora, atual, presente. Seu tempo não é linear nem evolutivo, nem genético, nem dialético, nem sequer narrativo. A criança é um presente inatural, intempestivo, uma figura do acontecimento. (LARROSA, 2001, p. 284)

BALADELI, Daniella Tizziani. **O CONCEITO DE INFÂNCIA NA HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA: UM MAPEAMENTO (1991-2008)**. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Elaine Rodrigues. Maringá, 2010.

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido em consonância com os objetivos da linha de História e Historiografia da Educação, mais especificamente voltado à temática da infância. Tem por objetivo mais geral inventariar a produção acadêmica em História da Educação de 1991 a 2008, buscando responder à seguinte questão: “O que revela a historiografia da educação acerca do conceito de infância?” Utiliza como campo de pesquisa a produção das comunidades brasileiras constituídas por historiadores da educação: a Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE; o Grupo de Estudos e Pesquisas em “História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR”; o Grupo de Trabalho GT 02 – História da Educação e o Grupo de Trabalho 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. Toma por fonte os trabalhos produzidos por estas comunidades, mais especificamente aqueles que tratam do conceito de infância. Metodologicamente o estudo se desenvolveu por meio de pesquisa bibliográfica: primeiro foram descritos cada um dos trabalhos cuja temática da infância fora contemplada, nesta fase reuniu-se um total de 86 (oitenta e seis); em seguida foram selecionados aqueles trabalhos cujo conceito de infância fora tomado pelos autores, o que constituiu um grupo de 44 (quarenta e quatro) trabalhos; por fim, realizou-se a análise destes 44 (quarenta e quatro) trabalhos. O que permitiu esta análise foram as possíveis aproximações entre estes trabalhos eleitos como fontes. Tais aproximações levaram em conta os seguintes aspectos: fontes utilizadas pelos pesquisadores, métodos e teóricos tomados nas pesquisas. No que tange à questão das fontes, constatou-se que a maior parte delas constituía-se de fontes escritas, as fontes orais e imagéticas foram sempre secundarizadas pelos pesquisadores. Na questão do método, nota-se a forte influência do positivismo sobre os trabalhos. No que diz respeito aos teóricos, percebe-se o grande número de trabalhos filiados à Phillipe Ariés. A pesquisa é concluída com a idéia de que a infância dos pesquisadores é ainda a infância dos livros, construída e calcada na idéia positivista de documento como representação da realidade. A infância das pesquisas é também em sua maioria a infância de Phillipe Ariés, uma infância construída na modernidade que, graças à uma tradição teórica vem guiando e modelando o pensamento de educadores e pesquisadores em relação ao que pode ser dito sobre a infância, à forma de concebê-la.

Palavras-chave: História da Educação; Historiografia da Educação; Conceito de Infância

BALADELI, Daniella Tizziani. **THE CONCEPT OF ACADEMIC HISTORIOGRAPHY IN CHILDHOOD: A MAPPING.** 220 sheets. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Adviser: Profa. Dra. Elaine Rodrigues, Maringá, PR, 2010.

ABSTRACT

This study was developed according to objectives of a History and Historiography line related to Education, more specifically focused on the theme of childhood. Its purpose is to survey the broader academic research in the History of Education from 1991 to 2008, seeking to answer the following question: "Do these studies reveal the historiography of education about the concept of childhood?" Used as a research field production of Brazilian communities formed by historians of education: the Brazilian Society of History of Education - SBHE, Group Study and Research on "History, Society and Education in Brazil - HISTEDBR"; Working Group GT 02 - History of Education and the Working Group 07 Education of Children 0 to 6 years of the National Association of Graduate Studies and Research in Education - Northern Alliance. It builds the source of the work produced by these communities, especially those that deal with the concept of childhood. Methodologically the study was conducted by means of literature: it was first described each one of the themes about childhood that had been contemplated at this stage met a total of 86 (eighty six) searches and then those whose concept of childhood was taken by the authors were selected, forming a group of 44 (forty four) studies that were analyzed. What allowed this analysis was the possible similarities between these works as first sources. Such approaches take into account the following aspects: sources used by researchers, methods and theories taken in the search. Regarding the question of sources, it was found that most of them consisted in written sources, oral sources and images that have always been left behind by the researchers. About the method question, there is the strong influence of positivism on the work. As regards the theoretical, one sees the large number of papers affiliated with Philippe Aries. The paper concludes agreeing that childhood researchers are still in the infancy of the books, built and founded on a positivist perspective documents as a representation of reality. The childhood present in this research is also mostly the children of Philippe Aries, a childhood built on modernity, thanks to a theoretical tradition that has guided and shaped the thoughts of educators and researchers about what can be said about childhood, the right way to conceive it.

Keywords: History of Education; Historiography of Education; Concept of Childhood

LISTA DE SIGLAS

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAC – Congresso Americano da Criança

CBHE – Congresso Brasileiro de História da Educação

CBPI – Congresso Brasileiro de Proteção à Infância

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CEA – Casa dos Educandos Artífices do Maranhão

CNS – Conselho Nacional de Saúde

COPEP – Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

GT 2 – Grupo de Trabalho de História da Educação da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação

GT 7 – Grupo de Trabalho Educação da Criança de 0 a 6 anos da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação

HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Sociedade e Educação no Brasil

IDI – Índice de Desenvolvimento Infantil

MS – Ministério da Saúde

RCN/EI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SBHE – Sociedade Brasileira de História da Educação

SISNEP – Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Primeiro grupo de fontes.....	90
Quadro 2: segundo grupo de fontes.....	90
Quadro 3: terceiro grupo de fontes.....	94
Quadro 4: grupo 1 – trabalho 1.....	99
Quadro 5: grupo 1 – trabalho 2.....	100
Quadro 6: grupo 1 – trabalho 3.....	101
Quadro 7: grupo 1 trabalho 3.....	101
Quadro 8: grupo 2 - trabalho 1.....	102
Quadro 9: grupo 2 – trabalho 2.....	103
Quadro 10: grupo 2 – trabalho 3.....	104
Quadro 11: grupo 2 – trabalho 4.....	104
Quadro 12: grupo 2 – trabalho 5.....	105
Quadro 13: grupo 2 – trabalho 6.....	106
Quadro 14: grupo 2 – trabalho 7.....	106
Quadro 15: grupo 2 – trabalho 8.....	107
Quadro 16: grupo 2 – trabalho 9.....	108
Quadro 17: grupo 2 – trabalho 10.....	109
Quadro 18: grupo 2 – trabalho 11.....	109
Quadro 19: grupo 2 – trabalho 12.....	110
Quadro 20: grupo 2 – trabalho 13.....	111
Quadro 21: grupo 2 – trabalho 14.....	111
Quadro 22: grupo 2 – trabalho 15.....	112
Quadro 23: grupo 2 – trabalho 16.....	113
Quadro 24: grupo 2 – trabalho 17.....	114
Quadro 25: grupo 2 – trabalho 18.....	114
Quadro 26: grupo 2 – trabalho 19.....	115
Quadro 27: grupo 2 – trabalho 20.....	116
Quadro 28: grupo 2 – trabalho 21.....	117
Quadro 29: grupo 2 – trabalho 22.....	118
Quadro 30: grupo 2 – trabalho 23.....	118
Quadro 31: grupo 2 – trabalho 24.....	119
Quadro 32: grupo 2 – trabalho 25.....	120
Quadro 33: grupo 2 – trabalho 26.....	121
Quadro 34: grupo 2 – trabalho 27.....	121
Quadro 35: grupo 2 – trabalho 28.....	122
Quadro 36: grupo 2 – trabalho 29.....	123
Quadro 37: grupo 2 – trabalho 30.....	124
Quadro 38: grupo 2 – trabalho 31.....	125
Quadro 39: grupo 2 – trabalho 32.....	126
Quadro 40: grupo 2 – trabalho 33.....	126
Quadro 41: grupo 2 – trabalho 34.....	127
Quadro 42: grupo 2 – trabalho 35.....	128
Quadro 43: grupo 2 – trabalho 36.....	129
Quadro 44: grupo 2 – trabalho 37.....	129
Quadro 45: grupo 2 – trabalho 38.....	130
Quadro 46: grupo 2 – trabalho 39.....	131
Quadro 47: grupo 2 – trabalho 40.....	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fontes utilizadas pelos trabalhos selecionados.....	134
Tabela 2 – Filiações.....	154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem da utilização de fontes.....	135
Gráfico 2 – Porcentagem de filiações.....	154

SUMÁRIO

MEMORIAL	15
1. INTRODUÇÃO	26
2. MAPEAMENTO E CATALOGAÇÃO DA PRODUÇÃO	32
2.1. GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” HISTEDBR.....	33
2.2. SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – SBHE	39
2.3. GT 7 DA ANPED – EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS	54
2.4. GT 2 DA ANPED – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	83
3. CATALOGAÇÃO DE FONTES	89
3.1. GRUPO 1 – CONCEITO DE INFÂNCIA PRIORIZADO ENTRE OS AUTORES.....	89
3.2. GRUPO 2 – CONCEITO DE INFÂNCIA SECUNDARIZADO PELOS AUTORES.....	90
3.3. GRUPO 3 – CONCEITO DE INFÂNCIA NÃO TRABALHADO PELOS AUTORES.....	94
3.4. APROFUNDANDO A CATALOGAÇÃO: REVELANDO O INTERIOR DAS FONTES.....	98
4. DAS FONTES SELECIONADAS – UMA ANÁLISE	133
5. DAS INFÂNCIAS PESQUISADAS – CONCEITOS	151
5.1. EDUCANDO A INFÂNCIA BRASILEIRA: MOYSÉS KUHLMANN JÚNIOR.....	155
5.2. A INFÂNCIA QUE CONHECEMOS: FRUTO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS? MARIA ISABEL EDELWEISS BUJES.....	159
5.3. O DESAPARECIMENTO DA INFÂNCIA: NEIL POSTMAN.....	162
5.4. UMA HISTÓRIA DA INFÂNCIA: COLIN HEYWOOD.....	165
5.5. HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA - PHILIPPE ARIÉS...170	
5.6. INFÂNCIA E PRODUÇÃO NO BRASIL: UM CAMPO DE ESTUDOS EM ANÁLISE.....	178
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS	187
FONTES	189
ANEXOS	198

MEMORIAL

Pretendo realizar um memorial. Quero contar o que fui, explicar o passado. Mas antes, preciso explicar o presente, este presente: porque iniciar esta dissertação resgatando memórias?

Todo livro de história digno deste nome, deveria comportar um capítulo ou [, caso se prefira], inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulam algo como: “Como posso saber o que vou lhes dizer?” Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reverses, raramente entedia. *É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio.* [Grifo nosso] (BLOCH, 2001, p. 83)

Quero mostrar que a minha/nossa trajetória como pesquisador não se desenvolveu linearmente, seguindo um traçado pré-determinado. Fazer pesquisa em educação não foi caminhar por vias seguras e nem estáveis. Esta trajetória não se construiu apenas de caminhos, mas de descaminhos, não foram somente construções, mas também desconstruções.

Muitos dos que terão acesso a este memorial descobrirão que fomos companheiros de travessia. Como se cada um de nós ao construir diferentes pesquisas fosse se deparando com semelhantes inquietações, angústias, problemas, necessidades de mudanças.

Como aprendemos em Soares (2001) o nosso trajeto em pesquisas compara-se a um bordado, vamos bordando a nossa trajetória sem conhecer o risco por inteiro, neste bordado, “[...] cada forma vai se acrescentando à anterior e a ela se ajustando. Há cortes bruscos de linhas que de repente se interrompem – e o risco do bordado toma outra direção, tão diferente!” (SOARES, 2001, p. 31)

Minhas/nossas memórias têm como ponto de partida o projeto inicial de seleção do Mestrado e como ponto de chegada esta dissertação. Assim, apresentaremos aqui as lembranças de uma trajetória curta, de um passado próximo.

A esta primeira parte denomino: O projeto de Mestrado – o eu e minhas inquietações.

A elaboração do projeto para a seleção do Mestrado no ano de 2007 foi uma tarefa que me fez retomar alguns estudos realizados durante a minha graduação em Pedagogia. Realizei em 2004 uma pesquisa que teve como tema o Brincar no espaço da Educação Infantil enfocando as contribuições da brincadeira para o desenvolvimento infantil¹. Esta foi uma tarefa muito agradável. A releitura da monografia possibilitou-me uma primeira intenção, propor neste novo espaço de pesquisa um aprofundamento sobre o tema, ou quem sabe uma nova reflexão sob nova perspectiva. Ampliando as leituras vislumbrei um novo olhar, uma nova possibilidade de pensar o assunto já estudado, decidi levá-lo a termo. Minha tentativa configurou-se num projeto de Mestrado, ressaltando a importância que atribuo aos estudos sobre o tema infância.

No estudo realizado em 2004 entrevistei 30 (trinta) profissionais da Educação de duas escolas de Educação Infantil do Município de Maringá². As perguntas que dirigiram a entrevista foram traçadas objetivando compreender o sentido que cada profissional atribuía à brincadeira e o quanto o brincar permeava sua prática na educação infantil. O instrumento de pesquisa indagava: Por que a criança brinca? Qual a relevância da brincadeira na vida da criança? Que lugar a brincadeira deve ocupar na pré-escola?

Uma nova leitura de cada uma das entrevistas foi realizada no momento de elaboração do projeto de Mestrado, retomei o contato também, com os rascunhos, por meio dos quais, novamente as transcrevi. Transcrevê-las, três anos depois, já em 2007, me possibilitaram aos poucos traçar o que entendi ser um alargamento dos horizontes que foram possíveis em 2004. Este novo olhar sobre o estudo fez-se porque percebi que, havia um pouco mais a se

¹ A pesquisa denominada monografia foi realizada como meio de cumprimento do critério de avaliação formal da disciplina de Metodologia e Técnicas de Pesquisa do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá sob orientação da Prof^a Dra. Ana Cristina Teodoro da Silva.

² As escolas pesquisadas no Município de Maringá foram, respectivamente, Colégio Estadual Dr. José Gerardo Braga e Escola Estadual Elvira Balani. No ano de 2004 tais instituições ainda ofereciam a modalidade Educação Infantil. Cada uma dispunha de duas turmas de Educação Infantil. As vagas para essa modalidade de Ensino foram oferecidas nestas escolas até o ano letivo de 2006, passando em 2007 a ser encargo da Prefeitura Municipal, nos Centros Municipais de Educação Infantil.

descobrir ali, objetivei avançar para além das considerações dos professores entrevistados sobre o porquê da brincadeira.

Os estudos que realizei para a elaboração do projeto trouxeram a possibilidade de uma releitura das anotações e a compreensão de que as palavras compõem um discurso que evidencia aquilo que cada profissional representa como infância.

Comecei a observar naquelas palavras a maneira pela qual a infância era significada; como, na concepção daqueles profissionais as crianças eram vistas: criaturas inocentes, maleáveis que necessitavam dos adultos como guias. Um discurso que atribui aos adultos a responsabilidade de definir valores morais e estabelecer limites acerca do que pode ser conhecido e uma necessidade de desenvolver ao máximo as potencialidades daqueles indivíduos para que estivessem preparados para se inserir no universo adulto. Discurso corrente repetidas vezes proferido entre os entrevistados.

Trago agora algumas das palavras utilizadas por eles para referir-se à infância. As entrevistas trazem a criança como um ser natural, puro, inocente, imaginário, curioso, descobridor que necessita estímulos para desenvolver-se. Traduzem a infância como etapa ou fase da vida do ser humano em que se aprende a relacionar-se, partilhar, respeitar, momento em que se desenvolve o raciocínio, os aspectos cognitivos e motores, a autonomia. Uma criança que brinca para representar o mundo em que vive e para participar dele. Sujeito que deve ser trabalhado para poder um dia participar do universo adulto.

Na análise destas considerações comecei a formular a hipótese de que ali a infância colocava-se em discurso; a suposição de que cada um dos profissionais traçava um perfil, ou ainda conceituava o que para si representava o universo infantil, essa instância chamada infância. Os profissionais não fizeram um discurso puro e desligado do mundo ao seu redor. Comecei então a me questionar sobre alguns aspectos. No que se sustentavam tais discursos? Por que, no momento histórico em que foram construídos, aqueles indivíduos concebiam a infância daquela maneira? Quais os processos que instituíram esses discursos? Será que os sujeitos infantis ali tratados eram fabricados por aqueles discursos? Tais discursos operam no modo de olhar e significar a infância? Quais os processos que vieram a constituir a infância daquela maneira?

É em busca desses liames que senti a necessidade de traçar meu novo objeto de estudo. Pretendia me colocar sob outro ponto focal, assumir um novo objetivo e sair em busca de novas perspectivas. Compreender como o sujeito infantil vinha sendo fabricado pelos discursos que se traçaram acerca da infância no Brasil desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 até o ano de 2006 (ano em que a lei completava dez anos de implantação) e mais especificamente, compreender como o discurso autorizado sobre infância vinha sendo apropriado pelos professores de duas escolas Maringaenses.

Tinha em mim o desejo de educar-me para olhar de outra maneira aquilo que eu não podia ter visto num outro momento, problematizando práticas, noções e conceitos que até então me pareciam naturais. Nessas circunstâncias tracei ali o meu novo objeto de pesquisa: O discurso como formador do conceito de infância.

Em novembro de 2007, ingresso no Mestrado em Educação.

Mestrado em mãos era hora de repensar o projeto inicial. Agora, com o suporte de minha orientadora o meu “eu e minhas inquietações” se transforma em “nós e nossas ações”.

Um novo olhar para o projeto nos revela que, não poderíamos utilizar como fonte as mesmas entrevistas realizadas na monografia em 2004. Como se tratava de um trabalho inicial de graduação, cujo objetivo era apenas apreender as metodologias e técnicas de pesquisa, não houve naquele momento uma preocupação com os aspectos legais do trabalho.

Sabe-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos precisa necessariamente passar pela aprovação do Comitê de Ética da instituição a qual está ligado o pesquisador. O papel dos comitês de ética em pesquisa está estabelecido nas diversas diretrizes éticas internacionais (Declaração de Helsinque, Diretrizes Internacionais para as Pesquisas Biomédicas envolvendo Seres Humanos – CIOMS) e nacionais (Resolução nº 196/96-CNS e complementares). Tais diretrizes ressaltam a necessidade de revisão ética e científica das pesquisas envolvendo seres humanos, visando salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito da pesquisa.

Desta maneira, e de acordo com a Resolução 196/96-CNS/MS, “toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa”, cabendo à Instituição onde se realizam pesquisas, a constituição e manutenção deste Comitê.

Era então preciso ir novamente a campo para coletar novos dados. Decidimos que tal coleta seria realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e observação.

Elegemos o campo. Optamos por visitar todos os Centros Municipais de Educação Infantil do Município de Maringá, o que significava um total de 55 (cinquenta e cinco) instituições. Elaboramos as entrevistas. Dos educadores, decidimos por realizar as entrevistas com os Gestores Educacionais por entender que é ele quem assume o papel de orientador da escola, aquele que define metas e políticas educacionais no interior da instituição.

O passo a ser seguido após a eleição do campo e a elaboração das entrevistas foi a submissão da pesquisa para a apreciação legal do Comitê Permanente de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – COPEP da Universidade Estadual de Maringá.

Primeiramente, realizamos o cadastro da pesquisa e dos pesquisadores junto ao Sistema Nacional de Ética e Pesquisa- SISNEP.

A pesquisa, junto ao SISNEP foi intitulada “Como os educadores maringaenses significam a infância nos dias atuais?”. Com o presente registro, obtivemos o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de número CAAE 0190.0.093.000-08 (Anexo I). De posse do CAAE, elaboramos o Protocolo de Pesquisa para Apreciação Ética e encaminhamos os documentos ao COPEP.

O Protocolo de Pesquisa (Anexo II) é o documento que justifica a pesquisa junto ao COPEP. Nele estão contidas questões como descrição dos propósitos e das hipóteses a serem testadas; antecedentes científicos e dados que justifiquem a pesquisa; descrição detalhada e ordenada do projeto de pesquisa como material, método e resultados esperados; análise crítica de riscos e benefícios; cronograma com a duração total da pesquisa; explicitação das responsabilidades do Pesquisador, do Promotor e da Instituição; instituição

sediadora; critérios para suspender ou encerrar a pesquisa; local da pesquisa; orçamento financeiro da pesquisa; sujeitos da pesquisa.

O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução nº 196/96 e complementares do CMS/MS na 157ª reunião do COPEP em 01/08/2008 obtendo parecer favorável à pesquisa - Parecer nº 386/2008 (Anexo III).

Parecer favorável nos dirigimos à Secretaria Municipal de Educação – Gerência da Educação Infantil e junto à Coordenação Pedagógica obtivemos autorização para visitar os Centros Municipais de Educação Infantil e realizar as entrevistas (Anexo IV).

Elaboramos, conforme exigência da Resolução 196/96 CNS/MS, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo V). Tal termo deveria ser entregue ao entrevistado no ato da coleta de dados para que o mesmo tomasse ciência dos objetivos da pesquisa, dos resultados esperados, da metodologia e da garantia de sigilo e privacidade dos dados do entrevistado por parte do pesquisador.

As entrevistas (Anexo VI) foram compostas por quatro módulos. O primeiro referente aos dados pessoais do entrevistado como sexo, idade, formação e tempo de experiência na educação infantil. Conforme exigência do COPEP a identidade dos entrevistados manteve-se em sigilo. O segundo módulo intitulado “Considerações sobre a infância” trazia um total de 4 (quatro) questões. São elas, “Qual a sua concepção de infância? Quando se inicia e quando termina a infância? Qual é o significado de infância? Infância e criança são sinônimos?”. O terceiro módulo foi denominado “Educação da Infância” e trazia um total de 6 (seis) questões. São elas, “A partir de que idade se deve educar uma criança? Em que instâncias da sociedade a criança é educada? Qual é o objetivo da Educação da Infância? Qual é o papel do educador infantil? De quem é a responsabilidade pela educação da criança? Quem tem exercido essa responsabilidade?”. O quarto e último módulo – “Rotina escolar” trazia 5 (cinco) questões. São elas: “Quanto tempo em média a criança permanece no Centro de Educação Infantil diariamente? Do tempo em que ela permanece na escola, quanto você atua com ela? O que é um bom aluno em sua opinião? Por que as salas de aula foram dispostas da maneira como se encontram? Descreva a rotina diária de um Centro de Educação Infantil.”

O primeiro obstáculo com o qual nos deparamos quando buscamos acesso ao campo foi a autorização para conduzir o estudo que planejamos. Traçamos um inquérito preliminar de todos os passos que tínhamos que seguir para obter o acesso. O sistema formal foi vencido (conforme comprova o Anexo III e IV), restou-nos o sistema informal.

Um passo importante que tomamos como parte da tentativa de obtenção da autorização informal foi uma reunião com a Coordenação de Educação Infantil do Município. Expusemos detalhadamente a pesquisa para obtenção do consentimento superior.

Tínhamos a clareza de que a obtenção da autorização para realizar o estudo envolvia mais do que uma bênção oficial, os gestores implicados precisavam estar dispostos a ajudar.

O acesso ao campo é um aspecto delicado. Ao traçar os objetivos da pesquisa é preciso que se contemple a possibilidade de que os sujeitos podem não estar dispostos a colaborar com os pesquisadores.

O tópico 1.7 do Protocolo de Pesquisa (Anexo II) trazia os critérios para suspender ou abandonar a pesquisa. Nele, traçamos que a pesquisa seria encerrada quando concluída as entrevistas nos Centros Municipais de Educação Infantil e/ou quando não houvesse o consentimento dos sujeitos envolvidos, impossibilitando assim sua realização.

De um total aproximado de 55 (cinqüenta e cinco) Gestores educacionais dos Centros Municipais de Educação Infantil apenas 12 (doze) se dispuseram a responder às questões. De acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fica assegurado aos entrevistados o direito de não responderem a quaisquer questões que lhes possam causar constrangimento.

Sendo 12 (doze) um número de amostragem pouco representativo, pois corresponde a aproximadamente 22% do total de entrevistas optou-se por encerrar a pesquisa.

Não temos a pretensão de justificar o porquê da não participação dos Gestores. Mas compartilhamos das idéias de Bogdan e Biklen (1994, p. 119) acerca do acesso ao campo. Para os autores há uma série de preocupações que envolvem os sujeitos de uma pesquisa e que devem ser levados em conta pelo pesquisador.

“Irá causar perturbação?” (BOGDAN;BIKLEN, 1999 p. 119). As pessoas que trabalham em qualquer escola sempre temem por isso, pois receiam que a presença do pesquisador interfira na rotina de seus trabalhos. Por mais que o pesquisador se submeta aos horários dos sujeitos, a preocupação prevalece. “O que é que vai fazer com os resultados?” (BOGDAN;BIKLEN, 1999 p. 119). A maior parte dos sujeitos entrevistados receia que o pesquisador faça uma publicidade negativa ou uma utilização política dos dados recolhidos e isso acontece mesmo que se garanta a privacidade e sigilo dos nomes e moradas dos indivíduos.

Realizamos inúmeras tentativas de acesso aos sujeitos. Não fomos exaustivos para preservar os direitos que lhes cabem. Um bom investigador qualitativo é também aquele que percebe o momento de abandonar o campo de investigação. Assim, demos por encerrada esta fase do processo de pesquisa.

Iniciamos aqui uma nova fase da pesquisa à qual denominamos “a busca de novas fontes”.

Começamos então a estudar e investigar onde poderíamos trabalhar para constituir o que agora chamaríamos de fonte.

Nosso recorte era claro, a História da Educação, pois somos ligados à linha de História e Historiografia da Educação. Nosso tema e interesse maior, a infância.

Perguntamos: “Quem no Brasil faz estudos sobre História da Educação?” e ainda, “Quem faz estudos sobre a infância?”

Optamos por algumas comunidades constituídas por historiadores da Educação que se organizam em eventos, seminários e congressos, entre as quais enfatizamos, a Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, o Grupo de Estudos e Pesquisas em “História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR”, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPED, mais especificamente o Grupo de Trabalho GT 02 - História da Educação e o Grupo de Trabalho GT 07 Educação de crianças de 0 a 6 anos. Iniciamos as nossas buscas por elas. Justificamos a escolha destes grupos de estudo e pesquisa por tratar-se de comunidades interpretativas sérias reconhecidas nacionalmente.

Tendo delimitado o novo campo de trabalho, fomos em busca dos Anais dos Congressos e Jornadas de estudos realizados por estas comunidades³.

Após reunir o material, tínhamos em mãos aquilo que denominávamos arquivos. Nossa inquietação: como os arquivos encontrados se constituiriam em fontes para o nosso estudo?

Os arquivos tornam-se fontes à medida que o historiador formula suas questões sobre eles. É o olhar crítico do historiador que reverte os arquivos em fontes para o seu estudo.

De acordo com Le Goff (1924-) o historiador tem o poder de decidir sobre aquilo que irá considerar fonte para seu estudo. É o historiador que atribui ao arquivo encontrado o caráter de documento, “[...] a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar seu mel, quando faltam as flores habituais [...] palavras, sinais, paisagens e telhas.” (LE GOFF, 2003, p. 107)

É olhando criticamente os arquivos que o pedagogo se transforma em um historiador “[...] é justamente no manuseio crítico das fontes que o pedagogo [...] torna-se, pela sua prática e pelo seu projeto, um historiador.” (NUNES;CARVALHO, 1993, p. 23)

Toda busca em arquivos tem origem em uma inquietação. Em Nunes aprendemos que cabe ao historiador a decisão da história que ele pretende refazer da fonte escolhida “[...] quantas são as histórias embutidas num levantamento de fontes de história da educação?” (Nunes;Carvalho,1993, p. 25) O esforço que nos levou a consultar informações, mapear ideias é movido pelo desejo de responder a seguinte questão: O tema infância é alvo de interesse destas comunidades interpretativas?

O passo seguinte foi a leitura e o mapeamento das fontes com o objetivo de selecionar aqueles trabalhos cuja temática da infância era contemplada. Selecionamos um total de 86 (oitenta e seis) trabalhos.

³ Conforme indicará nossa Referência os anais foram encontrados em sua maioria em sítios da internet. Levamos alguns meses para reunir o material, pois se trata de um número extenso e de um trabalho minucioso e por vezes manual, em muitos casos tínhamos que realizar o *download* de um a um dos trabalhos.

Realizamos a descrição de uma a uma das 86 (oitenta e seis) fontes selecionadas e passamos para outra fase do trabalho. A catalogação das fontes nos permitiu a divisão dos trabalhos em três grupos: que chamamos de: Grupo 1 – Conceito de infância priorizado entre os autores; Grupo 2 – Conceito de infância secundarizado pelos autores; e Grupo 3 – Conceito de infância não trabalhado pelos autores. Até este momento a pesquisa havia nos possibilitado conceber três questões. A primeira questão, “Quem no Brasil faz estudos sobre a infância?” nos foi possível responder por meio da eleição das comunidades constituídas por historiadores da Educação. A segunda questão “O tema infância é alvo de interesse dessas comunidades interpretativas?” Foi alcançada no momento do mapeamento e da catalogação das fontes. Restamos agora o desafio da terceira questão que tomamos como nossa problemática central: O que revela a historiografia recente⁴ sobre o conceito de infância?

Chegamos aqui à fase de qualificação. Problemática tomada, fontes descritas, era preciso o olhar de outrem para a finalização do trabalho. O processo de qualificação foi para nós tão ou mais importante do que os conselhos do orientador. Foi a fase em que pudemos avaliar tudo o que foi feito e desenhar novos traçados. E assim foi.

Chega o tempo de finalização.

Pensar em finalização parece destoar de nossos objetivos. Como já ouvimos outras vezes de outros pesquisadores repetimos...agora nos sentimos prontos a começar.

Olhando para estas páginas notamo-nos diferentes. Foram tempos de mudanças. De destruir e formar novos conceitos. Não nos lamentamos pelas transformações. Elas foram necessárias nesta nova caminhada, pois nos fizeram crescer.

O desafio da pesquisa, tal qual relatamos aqui, é, a nosso ver, o mesmo desafio de um artista que se propõe a pintar quadros. Pinceladas por vezes precisas, por vezes não lineares, até que a obra seja concluída.

⁴ O recorte temporal adotado é de 1991 ano de Realização do primeiro Congresso das comunidades eleitas até o ano de 2008, ano do último trabalho encontrado acerca do conceito de infância.

Imagino/imaginamos que os pintores assim como eu/nós, olhando para suas obras, por hora sintam-se satisfeitos, por vezes tenham vontade de refazê-los.

Eis aqui o meu/nosso retrato. Advertimos: ele não está completo e nem tampouco temos a pretensão de completá-la. Encaramos o desafio deste memorial como uma tentativa de dar significado ao cotidiano e registrar experiências para utilizar durante a vida.

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi desenvolvida em consonância com os objetivos da linha de História e Historiografia da Educação mais especificamente voltada ao tema da infância.

Tem por objetivo mais geral inventariar a produção acadêmica recente em História da Educação para responder à seguinte questão: “O que revela a historiografia da educação acerca do conceito de infância?”

Toma como campo de pesquisa as produções das comunidades constituídas por historiadores da Educação, entre as quais enfatiza-se a Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, o Grupo de Estudos e Pesquisas em “História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR”, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPED, mais especificamente o Grupo de Trabalho GT 02 - História da Educação e o Grupo de Trabalho GT 07 Educação de crianças de 0 a 6 anos.

Justificada está a escolha destes grupos de estudos e pesquisas por tratarem-se de comunidades interpretativas reconhecidas nacionalmente no campo da história da educação. O Grupo de Trabalho GT 07 Educação de crianças de 0 a 6 anos apesar de não fazer parte do campo da História da Educação, foi incluído em função do tema do presente estudo – a infância. Os trabalhos deste GT são, em sua maioria estudos sobre a infância brasileira. Apesar do caráter prático dos trabalhos apresentados, muitos trazem a preocupação em conceituar a infância da qual tratam. Desta forma julgamos imprescindível a inclusão do grupo no campo de pesquisa do presente estudo

O trabalho toma por fonte os anais dos Congressos e Jornadas de estudos realizadas por estas comunidades, mais especificamente aqueles trabalhos que tratam do conceito de infância.

O estudo foi realizado tendo como recorte temporal o ano de 1991 até o ano de 2008. Justifica-se tal recorte por ser 1991 o ano de consolidação da comunidade interpretativa mais antiga encontrada, o Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" – HISTEDBR e 2008 o ano do último trabalho encontrado sobre o conceito de infância. A periodização de um trabalho deve ter seu marco na lógica do objeto pesquisado, pois a

periodização não é um mero recorte temporal. “A definição de um período para o estudo faz parte da configuração do próprio objeto.” (LOPES; GALVÃO 2001, p. 46)

A inspiração para as idéias aqui tratadas, em especial para a escolha do tema infância advém de um estudo realizado em 2004⁵. A construção da problemática do estudo é resultado de um esforço que se organizou primeiramente na busca por comunidades interpretativas nacionais, constituídas de historiadores da educação; em seguida, na busca de estudos, no interior destas comunidades que trouxessem a infância como temática e, finalmente, o que hoje corresponde à questão central da pesquisa, a atitude de inventariar a produção acadêmica recente a fim de mostrar o que revela a historiografia da educação acerca do conceito de infância.

A primeira parte do trabalho, anterior mesmo à introdução trata-se de um Memorial. Sempre achamos misterioso enquanto leitores pensar de que forma determinado autor chegou a aquele conhecimento. Onde e como ficou sabendo? Como se construíram os pedaços de história para que chegassem ao resultado daquelas pesquisas? Como ter acesso às experiências pelas quais passou? Assim decidimos por incluir nas páginas deste trabalho nosso relato enquanto pesquisador. Certamente, por meio dos traços que pudemos deixar neste memorial, dos vestígios não apagados poderemos contar um pouco de nossa trajetória. Afinal este trabalho é resultado do esforço de um pedagogo que se fez historiador da educação e como tal teve que se alfabetizar no ofício; se atreveu de tal forma que tomou o desafio de analisar o trabalho de outros historiadores, cumprindo assim o papel da historiografia.

Para o pedagogo e o educador de modo geral, é necessário um profundo mergulho nas teorias e metodologias da História e nas práticas dos arquivos, a fim de que se possa sentir um pesquisador com habilidade para realizar a “operação historiográfica”. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 32)

O início da pesquisa revela o nosso esforço em mapear e catalogar a produção acadêmica das comunidades interpretativas tomadas. Primeiramente foram listados todos os trabalhos dos anais das comunidades, selecionando

⁵ O estudo em questão refere-se a uma monografia intitulada “O Brincar na Pré-escola” realizada como meio de cumprimento do critério de avaliação formal da disciplina Metodologia e Técnicas em Pesquisa do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

aqueles cuja temática da infância fora contemplada. Foram reunidos nesta fase inicial um total de 86 (oitenta e seis) textos. O esforço que guiou este mapeamento: o tema infância é alvo destas comunidades interpretativas?

Posteriormente foi feita uma descrição de cada um destes oitenta e seis artigos para selecionar aqueles que tratavam do conceito de infância. Este esforço pode ser identificado na segunda seção desta dissertação. A opção por preservar esta descrição, por mais longa e cansativa que ela possa parecer, nos parece importante pelo fato de que ali se iniciou o nosso trabalho como historiador da educação. Foi neste momento que começamos colocar em prática aquilo que aprendemos em Le Goff (1923 -), *fabricar o nosso mel*. (LE GOFF, 2003, p. 530)

Na terceira seção os trabalhos foram dispostos em três grupos distintos: Grupo 1 – Conceito de infância priorizado entre os autores; Grupo 2 – Conceito de infância secundarizado pelos autores; e Grupo 3 – Conceito de infância não trabalhado pelos autores. Ainda nesta seção aprofundamos a análise sobre estes grupos da seguinte maneira: o primeiro e segundo grupos foram tomados como fontes para este estudo; o terceiro permaneceu apenas como dado de registro. Partimos do princípio que cabe ao historiador a escolha de suas fontes. A sensibilidade do historiador é convocada para a eleição do valor do objeto que têm em suas mãos, e para descartar aqueles que não forem identificados de acordo com a problemática central de sua pesquisa.

Para uma melhor visualização e análise, os estudos tomados como fontes (Grupo 1 e 2) foram dispostos em quadros com o objetivo de facilitar o estudo. Esta divisão levou em consideração os seguintes aspectos: autor; título; palavras-chave; tipo de apresentação (conferência, comunicação individual, mesa-redonda); tipo de texto (resumo, trabalho completo); nível da pesquisa (iniciação científica, mestrado, doutorado); fontes utilizadas pelos autores (orais, escritas, imagéticas); principais referências bibliográficas.

A quarta seção ocupa-se em analisar os trabalhos dispostos nestes quadros. Tal análise levou em conta as fontes utilizadas pelos pesquisadores. Percebe-se nesta fase do trabalho que a maior parte das pesquisas utiliza o

documento escrito como fonte. As fontes imagéticas e orais são tomadas sempre em menor número nos trabalhos.

Na quinta seção nossa análise ocupa-se do conceito de infância propriamente dito. Trata-se de uma tentativa de identificar o conceito de infância adotado em cada uma de nossas fontes e “filiar” os trabalhos aos teóricos pertinentes. Nota-se aqui que a maior parte deles conceitua a infância segundo Phillipe Ariés (1914-1984).

Os dados da quarta e quinta seções foram dispostos em gráficos para melhor visualização do leitor.

Ressaltamos que o presente estudo tem um caráter descritivo; tivemos o cuidado de trazer sempre a fala dos autores por meio de citações numa tentativa de evitar inferências.

O trabalho é finalizado com algumas reflexões e questionamentos que supomos, serão norteadores de próximos processos investigativos.

A quem servirá esta pesquisa? Assim temos nos interrogado nos últimos tempos sobre a legitimidade do presente estudo. Eis portanto que, como historiadores somos chamados a prestar contas.

Talvez a resposta mais sensata para a questão que tanto nos incomoda esteja naquilo que concebemos por história. Deve a história servir a algo?

Não podemos negar que uma ciência sempre nos parece um tanto incompleta quando não nos ajuda a viver melhor, quando não nos é útil. No entanto, a história que abraçamos aqui não é a história que nos revelará utilidades, não é a história que nos trará certezas nem tampouco buscará o passado objetivando compreender os dias atuais. A história que faremos é a história como ciência do homens, a ciência dos homens no tempo. (BLOCH, 2001, p. 55).

Em princípio a história é mesmo um saber sem utilidade. Há muito deixou de julgar o passado e tentar dele extrair lições para o futuro. Tem antes disso contribuído para que entendamos o tempo que insistentemente se coloca ao historiador como presente. Nem julgar, nem tirar lições, apenas reconstruir. Este é o desafio que tomamos.

Em Le Goff (2003, p. 530) aprendemos que a parte mais apaixonante de todo nosso trabalho se deu no esforço de fazer falar as coisas mudas, de tirar delas o que elas por si próprias não diziam sobre os homens, sobre a infância. Pudemos desta forma perceber a relevância do esforço que aqui realizamos tendo sido o tema pouco tomado anteriormente.

Quanto ao tema escolhido, acreditamos em sua importância, por ser ainda pouco explorado no campo da história da educação. De todos os trabalhos pesquisados, apenas 4 (quatro) tratavam especificamente do conceito de infância. Destes, nenhum teve a preocupação em retratar a concepção de infância tal qual realizamos aqui. A preocupação dos trabalhos se deu sempre em buscar a infância na poesia, na pintura ou na pedagogia.

Diante do acima exposto, sentimos diante o exposto a necessidade de um trabalho que inventariasse a produção acadêmica brasileira a fim de descobrir de que infância falam aqueles que se dedicam a pesquisar esta instância da população. O que concebem como pertencente à esta fase de vida e em que se baseia o conceito tomado pelos pesquisadores?

Para além de identificar conceitos por vezes nos perguntamos por que a infância estava sendo desta forma concebida? Que matriz teórica influenciou os autores para conceberem a infância da maneira como a concebiam no momento em que as pesquisas foram construídas?

Não chegamos a certezas nem tampouco conclusões, pois acreditamos no princípio de que pesquisar não é partir de conceitos estáveis e nem chegar a eles. Queremos apenas demonstrar que, aquilo que os pesquisadores concebem como infância é um discurso construído e firmado na modernidade, cristalizado por uma tradição teórica que até a contemporaneidade modela o nosso pensamento e forma de agir. Queremos mostrar que a infância dos pesquisadores é a infância dos livros fabricada na modernidade; uma infância que talvez não mais corresponda aos dias atuais.

Esperamos que nossos objetivos durante o trabalho sejam alcançados a fim de

[...] mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas têm por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da

história, e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída. (FOUCAULT, 1994 apud Veiga-Neto, 2004, p. 26)

2. MAPEAMENTO E CATALOGAÇÃO DA PRODUÇÃO

O objetivo desta seção é mapear e catalogar a produção das comunidades interpretativas que realizam atualmente⁶ no Brasil estudos sobre a História da Educação, são elas: Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, o Grupo de Estudos e Pesquisas em “História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR”, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPED, mais especificamente o Grupo de Trabalho GT 02 - História da Educação e o Grupo de Trabalho GT 07 Educação de crianças de 0 a 6 anos.

O questionamento que norteou este mapeamento, o tema infância é alvo de interesse destas comunidades interpretativas?

O presente mapeamento foi realizado de maneira descritiva. Optamos por conservar a descrição, por mais extensa que possa parecer, por ser ela uma síntese dos estudos acadêmicos recentes sobre a infância no Brasil. Acreditamos que tal compilação é um guia para aqueles que porventura optarem por se aventurar no mesmo campo de pesquisa. Desta forma, ressaltamos a importância desta descrição.

Sobre o mapeamento das fontes queremos esclarecer alguns aspectos.

Primeiro, os trabalhos selecionados nem sempre trazem como título a infância, a leitura mais detalhada dos mesmos é que nos permitiu a seleção. Esta foi amparada pela temática de cada trabalho, por mais que a palavra infância não fosse contemplada no título, ou seja, para fazer parte desta seleção o trabalho tinha necessariamente que evidenciar a temática da infância.

Segundo, este mapeamento respeita a divisão interna estabelecida em cada Congresso. Os trabalhos selecionados sempre trazem consigo a referência do tema ou eixo ao qual pertenceram. Por este motivo, muitas vezes o leitor irá se deparar com divisões diferenciadas.

Esclarecemos que, termos como “encontramos”, “seleccionamos” foram usados aleatoriamente. Encontrar, não há de ter sentido de descoberta, nem

⁶ 1991 a 2008

tampouco selecionar de hierarquização, classificando-os como superior ou inferior.

2.1 GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” - HISTEDBR

O Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" – HISTEDBR é uma comunidade interpretativa que conta com a participação de Grupos de Trabalho da área de História da Educação de diversos estados brasileiros⁷.

O mapeamento sempre traz em nota de rodapé o subgrupo ao qual o trabalho selecionado pertence para facilitar a busca do leitor.

Segundo nossas pesquisas, o primeiro trabalho⁸ que mostra interesse pelo tema infância é de 2001⁹.

O trabalho de Wenzel (2001)¹⁰ tem como tema a infância na literatura infantil.

⁷ O Grupo foi criado em 1986 tendo como fundador principal Dermeval Saviani, que até os dias de hoje ocupa o posto de Coordenador do grupo, e se consolidou em 1991 com seu primeiro Seminário realizado na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Entre os eventos promovidos pelo HISTEDBR destacam-se os Seminários, as Jornadas, os Encontros de Estudos e Pesquisas, as Comunicações em História da Educação e os Colóquios de Filosofia e História da Educação.

Tais eventos foram mapeados desde a fundação do Grupo com o I Seminário até o último evento registrado, a VIII Jornada, 2008 em São Carlos – SP.

⁸ Registramos que, do ano de consolidação do Grupo, 1991 com o I Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, realizado na UNICAMP entre os dias 06 e 10 de maio e entre os dias 09 e 13 de setembro até o ano de 1997 no IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, realizado na UNICAMP, entre os dias 14 e 19 de dezembro, não encontramos nenhum trabalho cuja preocupação foi o tema infância. Somam-se nestes seis anos o total de quatro Seminários e nenhum trabalho encontrado.

⁹ No V Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” que realizou-se entre os dias 20 e 24 de agosto de 2001 na UNICAMP, com o tema central “Transformações do Capitalismo, do Mundo do Trabalho e da Educação”: subgrupo “Idéias Pedagógicas e Pensamento Educacional”.

¹⁰ WENZEL, Maria Cristina Rosa. *A concepção de infância na literatura infantil*.

O objetivo da autora é analisar livros produzidos para o público infantil. Apresenta uma análise da Série "Estórias para pequenos e grandes" de Rubem Alves e alguns livros selecionados de Maria Dinorah.

A autora justifica a pesquisa relatando que a partir do século XVI a construção da idéia de infância conheceu uma importante mudança, a consideração do adulto à especificidade do universo infantil. A partir do século XIX escritores e ilustradores se dirigem cada vez mais às crianças por meio das modas predominantes e dos discursos pedagógicos. Para a autora nada é mais ocioso que tentar produzir objetos materiais ilustrativos, brinquedos ou livros – supostamente apropriados às crianças pois todo esse arsenal é útil apenas para o mercado editorial e a cultura material do brinquedo. Assim a criança não precisa imaginar porque o livro imagina por ela e nem mesmo brincar porque o brinquedo assume essa função por si só.

O trabalho de Cruz e Neto (2001)¹¹ tem como tema a infância no interior das políticas públicas.

O objetivo do trabalho é analisar as conexões que se estabelecem entre instituições jurídicas e escolares, abordando especificamente a população infanto-juvenil em "abandono" e em "delinquência". O período analisado compreende o contexto da edição do Código Brasileiro de Menores em 1979 ao o do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Leva em consideração as transformações advindas do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, relacionadas principalmente ao mundo do trabalho.

Metodologicamente, analisa as concepções de infância contidas nas que tratam a questão do abandonado e delinquência, ao longo da história brasileira, buscando refletir sobre a história e a educação das crianças e dos adolescentes classificados como socialmente desajustados do Brasil.

A concepção de infância é analisada no interior de duas leis do Código Brasileiro de Menores (1979) ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Para o autor, a infância é fruto dos discursos contidos nestas políticas públicas voltadas para esta porção da população.

¹¹ CRUZ, Cristina Pedrosa. NETO, Wenceslaw Gonçalves. *A INFÂNCIA SOCIALMENTE DESAJUSTADA NO BRASIL: do Código Brasileiro de Menores (1979) ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)*. Encontrado no subgrupo "Políticas Públicas em Educação Abordagens Históricas".

Em Freitas (2002)¹² encontramos um estudo cuja temática é a pesquisa acerca da infância.

O trabalho tem como objetivo relatar a experiência de formação de um grupo interessado em estudos sobre a História Social da Infância. O grupo nasceu em decorrência da disciplina de Tópicos Especiais em Educação, que foi oferecida para o Curso de Pedagogia no primeiro semestre de 2001, quando foram estudados conteúdos específicos sobre a historicidade do conceito de infância e sobre o movimento social e político para a conquista dos seus direitos.

Segundo o autor o grupo ainda está na primeira etapa, catalogando dissertações e teses, fazendo contatos com as pessoas interessadas e já realizando algumas palestras e debates sobre as primeiras dissertações que tratam da institucionalização da infância.

Valdez (2003)¹³ realiza um estudo cuja temática é a infância na literatura infantil.

A pesquisa tem como intuito investigar qual foi o papel delegado à infância nos livros de leitura que para ela foram direcionados, ou seja, como as crianças aparecem nos textos e nas ilustrações. São livros de autores brasileiros que inauguram em meados do século XIX uma série de obras destinadas a infância brasileira, e que se tornaram populares e utilizadas até meados do século XX. São livros considerados inovadores na época por substituírem os escassos materiais impressos destinados a infância que frequentava as escolas.

Metodologicamente pretende situar a infância dessas obras num período no qual a ordem republicana reivindicava um espaço primordial para a criança, pois ela tinha um significado de começo que contrapunha com a velha ordem imperial.

¹² No ano de 2002 o grupo promoveu a I Jornada do HISTEDBR em Salvador-BA e a II Jornada do HISTEDBR na Região Sul do Brasil. Na segunda Jornada encontramos no subgrupo "Fontes E História Das Instituições Escolares" FREITAS, Joseania Miranda. *História Social da Infância: a construção de um grupo de estudo e mobilização*.

¹³ No ano de 2003 o HISTEDBR promoveu o VI Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" em Aracajú e a III Jornada do HISTEDBR no Centro Universitário Salesiano de São Paulo/UNISAL. No VI Seminário encontramos, subgrupo "Ensino Fundamental" VALDEZ, Diane. *A infância nas linhas e nas imagens dos livros de leitura (1890/1950)*.

O estudo de Andreotti (2003)¹⁴ tem por tema a imagem da infância no Jornal *A Voz da Infância* (1936-50).

Seu objetivo é apresentar o jornal *A Voz da Infância* criado em 1936, e é parte de uma pesquisa em andamento sobre esse jornal como fonte de pesquisa para a história da educação.

O jornal em questão compôs um projeto educativo de complementação escolar promovido pela Biblioteca Infantil Municipal, unidade do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo e foi escrito por crianças e jovens frequentadores dessa biblioteca, num total de 3698 participantes, a maioria entre 12 e 16 anos.

Metodologicamente a pesquisa pretende ir além do aspecto descritivo que uma fonte primária de pesquisa expressa, buscando na interpretação de seus conteúdos relações mais amplas como a preocupação com a criança, reconhecida como o futuro da nação, personagem a ser educada e ilustrada, como também a ampliação do acesso à educação, considerada um valor importante para o desenvolvimento e a promoção social.

Em Benica (2005)¹⁵ encontramos um trabalho cuja temática é a história da infância Pontagrossense.

O trabalho tem como objetivo reconstruir a trajetória histórica do Centro de Educação Infantil Rosazul do Município de Ponta Grossa PR.

Com esta reconstrução, pretende mostrar a importância do Centro com relação à educação infantil e a história da educação regional. A reconstrução da institucionalização da instituição escolar será realizada por meio da análise do contexto histórico que deu origem a ela, bem como, através da análise de fontes primárias e secundárias que nortearam a sua reconstrução histórica.

O trabalho de Ferreira (2005)¹⁶ tem como tema a concepção do brinquedo sob a luz da teoria de Jean Piaget.

¹⁴ No subgrupo "Escolas, Cursos e Programas Especiais", ANDREOTTI, Azilde L. *O Jornal A Voz da Infância (1936-50) - fonte de pesquisa para a história da Educação*.

¹⁵ Em 2005 o HISTEDBR promoveu a V Jornada do HISTEDBR em Sorocaba e a VI Jornada do HISTEDBR em Ponta Grossa. Não registramos nenhum trabalho na V Jornada. Na VI Jornada encontramos: BENICA, Dalvana Paola. *Trajétória Histórica do atendimento à Infância em Ponta Grossa*.

¹⁶ FERREIRA, Raquel Slobojan. *Notas acerca da infância no Brasil sob a ótica de Piaget*.

Considerando o rápido desenvolvimento tecnológico na sociedade, o autor acredita ser conveniente uma análise da concepção do brincar segundo este teórico.

Tem por objetivo investigar, segundo a teoria de Piaget, a evolução da trajetória histórica da concepção do brinquedo, sem perder de vista sua origem no contexto europeu e sua influência na educação brasileira. O autor toma por fonte não apenas livros, jornais, revistas, mas também os dados eletrônicos.

O tema do trabalho de Walsh (2005)¹⁷ é infância e políticas públicas.

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo a investigação histórica da origem dos jardins de infância no Distrito Federal, capital da República, nas primeiras décadas do século XX, buscando evidenciar que as propostas de instituição infantil aparecem de forma dual: filantrópicas e assistenciais. .

O trabalho apresenta diferentes conceitos de infância que perpassaram a educação das crianças ao longo dos tempos. Ocupa-se em refazer a história da infância brasileira, e a reconstrói do Descobrimento do Brasil, em 1500, ao ano de 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional - LDB 9394/96.

No estudo o autor procura dialogar com autores que vem discutindo a história da Educação Infantil, entre eles: Civilette, Del Proiri, Fazolo , Jobim e Souza, Kramer e Leite Filho. Ao refazer a história da infância busca ressaltar os direitos atribuídos às crianças, as iniciativas de cuidado e educação.

Os conceitos de infância se relacionam com um processo histórico em que se acentuam sobre a criança os problemas sociais. A criança é aquela que é usada para fins políticos, onde Estado e adultos manipulam-na segundo interesses.

O trabalho de Sarat (2007)¹⁸ tem como tema a história da infância nas instituições escolares do município de Dourados e região.

Utiliza fontes documentais que procuram recuperar um período compreendido entre as décadas de 1940 a 1990.

¹⁷ WALSH, Tania Maria de Amorim. *Conceitos de infância na realidade brasileira*

¹⁸ No ano de 2007 aconteceu em Campinas o Encontro de Estudos e Pesquisas em História, Trabalho e Educação e em Campo Grande a VII Jornada do HISTEDBR. Na VII Jornada encontramos, no subgrupo "GT 3" SARAT, Magda. Mancini, Ana Paula. *História e memória da educação: instituições escolares e infância no município de Dourados e região - 1940-1990.*

O objetivo é retratar uma época a partir de seus projetos, sujeitos e instituições. O que justifica a intenção é dar voz a grupos sociais, homens, mulheres, crianças e instituições.

Não utiliza somente a documentação registrada, mas também aquela construída a partir de relatos orais, entrevistas e histórias de vida, que foram recolhidas a partir da metodologia da História Oral.

Busca compreender o advento da escolarização regional e também as relações entre instituições formadoras e a infância no seu aspecto formal, qual seja, a educação infantil.

O trabalho de Calsa (2007)¹⁹ tem como tema o conceito de infância.

Visa discutir a relação infância/ literatura. Descreve detalhadamente a obra evidenciando os pontos em que Machado de Assis relata a infância e a adolescência.

Após a descrição e análise da obra se ocupa em retomar alguns conceitos de infância. Para isso vai percorrendo a história do período “clássico” com Platão, passando pela Idade Média com Postman, Moderna com Ariés, e finalmente à contemporaneidade com Salle.

Busca discutir a relação criança, adolescência e escola desde a antiguidade clássica até os dias de hoje.

A autora percorre a história da antiguidade à modernidade investigando os conceitos de infância presentes em cada época. Na Antiguidade, as crianças eram concebidas como um ser pouco desenvolvido intelectual e fisicamente, sua educação deveria ser bem direcionada, tendo em vista a formação dos adultos em potencial. Na Idade Média, segundo a autora, não existia um conceito específico de criança, o indivíduo era considerado criança até os sete anos, pois após esta idade acreditava-se que ela poderia entender e fazer o mesmo que os adultos. Com o advento da Modernidade a partir do século XVIII, a infância passou a ser observada de modo diferente, com mais cuidado e preocupação. Com o desenvolvimento do sentimento de infância, a criança começa a conquistar um espaço peculiar na comunidade em que vive.

O estudo de Lira (2008)²⁰ tem como tema a infância e os jogos.

¹⁹ No subgrupo “GT 4” CALSA, Geiva Carolina. *A representação da concepção de infância na criança e no adolescente em Dom Casmurro*.

O trabalho tem como objetivo investigar como se constituiu e engendrou a idéia moderna que confere valor educativo aos jogos e brincadeiras; quais sentidos lhes são atribuídos nas instituições e nas práticas e quais efeitos produziu na constituição dos sujeitos infantis.

O autor toma como fonte os dois volumes da Revista do Jardim da Infância, de 1896 e 1897, que veiculam a experiência de educação infantil do primeiro Jardim de Infância público do país, criado na cidade de São Paulo em 1896.

A experiência relatada nas revistas revela o reconhecimento da infância como momento propício para moldar os sujeitos, controlando suas ações e comportamentos.

O autor conclui que por meio dos jogos de inspiração froebeliana a infância foi sendo forjada, moldada e construída na instituição de educação infantil.

Registramos um total de 11 (onze) trabalhos sobre a temática da infância no Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" – HISTEDBR.

2.2 SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – SBHE

A Sociedade Brasileira de História da Educação é uma entidade que objetiva reunir profissionais e pesquisadores em História da Educação, promovendo para isso Congressos com congêneres nacionais e internacionais e especialistas de áreas afins²¹. Os trabalhos apresentados nos congressos são sempre divididos em eixos temáticos. O mapeamento a seguir respeita a divisão interna do congresso.

²⁰ No ano de 2008 na VIII Jornada do HISTEDBR realizada em São Carlos SP encontramos LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. *Infância e valor educativo dos jogos: reflexões a partir de manuais exemplares*.

²¹ O primeiro Congresso da SBHE intitulado I Congresso Brasileiro de História da Educação – CBHE ocorreu no ano de 2000 na cidade do Rio de Janeiro RJ. Os trabalhos foram divididos em eixos temáticos: Estado e Políticas Educacionais; Fontes, Categorias e Métodos; Gênero e Etnia; Imprensa Pedagógica; Instituições Educacionais; Pensamento Educacional; Processos e Práticas Educativas; Profissão Docente. Em consulta aos anais do I CBHE não encontramos nenhum trabalho que contemplasse a temática da infância.

O II Congresso Brasileiro de História da Educação aconteceu no ano de 2002 na cidade de Natal. O Congresso trouxe como eixos para a apresentação dos trabalhos: História Comparada da Educação; História dos Movimentos Sociais na Educação Brasileira; Culturas Escolares e Profissão Docente no Brasil; Intelectuais e Memória da Educação no Brasil; Relações de Gênero e Educação Brasileira; Estado, Nação e Etnia na História da Educação; Processos Educativos e Instâncias de Sociabilidade.

O tema do trabalho de Paixão (2002)²² é infância e fotografia.

O autor propõe uma nova forma de analisar a história da infância brasileira, a fotografia, rompendo com os modelos tradicionais de análise.

O trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre a utilização da imagem fotográfica como fonte documental na investigação da construção da noção de infância no Brasil da década de 50, discutindo seu estatuto, seus campos temáticos, alguns procedimentos de análise e, principalmente, a sua articulação com a história oral e a memória.

Metodologicamente, investiga a construção da noção de infância num dado contexto histórico, para romper com os padrões tradicionais pelos quais a construção histórica da noção de infância vem sendo compreendida, tendo como referência a ênfase na materialidade das práticas e dos objetos culturais, materialidade no trabalho referida à imagem fotográfica.

A autora nos chama a atenção para o fato de que a infância ainda é concebida por moldes presos aos modelos da historiografia tradicional. Desta forma propõe que, no estudo da história da infância, esta deveria ser concebida tendo como fonte a fotografia, pois é considerada como produção social, evitando, portanto, concebê-la como reflexo do real, que espelharia fielmente a infância da época analisada.

O tema do trabalho de Arce (2002)²³ é a infância nas obras de Pestalozzi e Froebel.

²² No eixo "Culturas Escolares e Profissão Docente no Brasil" encontramos PAIXÃO, Candida Gomides. *O uso da Fotografia como fonte para o estudo da história da infância*.

²³ No eixo "Intelectuais e Memória da Educação no Brasil" encontramos ARCE, Alessandra. *Os Pedagogos da Primeira Infância: Pestalozzi e Froebel, uma análise de suas obras educacionais*.

O trabalho tem como objetivo o estudo do pensamento de Johann Pestalozzi (1746-1827) e Friedrich Froebel (1782-1852) por meio suas obras educacionais e filosóficas.

A investigação pretendeu desvelar e analisar as razões históricas, de natureza política, cultural e epistemológica que poderiam levar Pestalozzi e Froebel a se tornarem pioneiros nos processos de descaracterização do papel do professor e secundarização do ensino, analisar nas obras de Pestalozzi e Froebel suas concepções de homem, educação e sociedade procurando contextualizá-las no universo liberal e burguês do final do século XVIII e início do século XIX, apontando os reflexos desse universo nos estudos desses educadores, bem como as consequências disso em termos de alienação do trabalho educativo.

No final, trabalha com a visão que possuíam os autores dos acontecimentos de sua época, juntamente com suas idéias sobre o homem, a criança, a mulher, a família, Deus e a natureza.

No eixo “Processos Educativos e Instâncias de Sociabilidade” encontramos KUHLMANN JR. Moysés. *Idéias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, Rio de Janeiro, 1922.*

O trabalho de Kuhlmann Jr (2002)²⁴ tem como tema infância e políticas públicas.

Tem por objetivo explorar a realização do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CBPI), em conjunto com o 3º Congresso Americano da Criança (CAC), no Rio de Janeiro de 27 de agosto a 5 de setembro de 1922.

Neste trabalho o referido congresso será abordado com o propósito de analisar como naquela época diferentes setores sociais envolviam as ideias sobre a educação das crianças. O objetivo é identificar o modelo de infância presente nestes discursos.

Naquela época, a infância e a sua educação integram os discursos sobre a edificação da sociedade moderna. Os cuidados com a infância tornam-se um aspecto a ser considerado, nesse modelo de nação moderna, com suas políticas sociais e instituições. É parte do modelo geral referencial das

²⁴ No eixo “Processos Educativos e Instâncias de Sociabilidade” encontramos KUHLMANN JR. Moysés. *Idéias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, Rio de Janeiro, 1922.*

instituições e da estrutura do Estado para uma nação *avançada* que se difunde no processo de transformação mundial.

A temática do estudo de JINZENJI (2002)²⁵ é infância e escolarização. Tem como objetivo compreender como se caracterizavam os discursos acerca da escolarização da infância na província de Minas Gerais do século XIX, assim como que concepções sobre a infância buscavam nortear o saber e a prática pedagógica no período.

O autor trabalha realizando uma interlocução entre os campos da História da Infância e da História da Educação.

Utiliza múltiplas fontes, o que possibilita o acesso a discursos de diversas naturezas.

Traz como fontes: um manual didático-pedagógico de origem francesa intitulado *Curso Normal para Professores de Primeiras Letras ou Direcções Relativas á Educação Physica, Moral e Intellectual nas Escolas Primarias* escrito pelo barão Joseph-Marie de Gérando; *O Universal*, impresso na capital mineira de Ouro Preto e que teve circulação no período de 1825 e 1842; a legislação educacional mineira, em especial a Lei Orgânica de número 13 de 28 de março de 1835; os relatórios dos Presidentes da província de Minas Gerais de 1835 a 1846; ofícios, requerimentos e portarias referentes à instrução pública mineira; um relatório intitulado *Memória*, escrito pelo professor Francisco de Assis Peregrino em 1839 que constitui um plano para a reforma do ensino público primário, além de dois dicionários de pedagogia do final do século XIX: *Dicionário Universal de Educação e Ensino* de E.M. Campagne (1886) e o *Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire* de F. Buisson (1887).

Realiza a leitura destas fontes tendo como referência a perspectiva da História Cultural, utilizando o conceito de *representação*, preconizado por Roger Chartier.

O trabalho de DOURADO (2002)²⁶ tem como tema infância e iconografia. Ele objetiva uma análise histórica que percebe o texto literário como

²⁵ JINZENJI, Mônica Yumi. *O projeto de escolarização da infância pobre na província de minas gerais (1825-1846)*.

²⁶ DOURADO, Ana Cristina Dubeux. *Imagens da Infância Brasileira na Primeira República: um diálogo entre iconografia, discurso histórico e narrativa literária*.

documento da cultura material da sociedade, em diálogo permanente com outras expressões da materialidade, tais como a iconografia e os textos de viajantes que também abordam o tema da infância na mesma época, para tal análise elege o escritor Joaquim Maria Machado de Assis que iniciou na década de 1870, tanto nos seus romances como em suas crônicas, uma crítica à influência do ideário positivista no processo de construção da identidade nacional.

O trabalho nasceu da percepção do autor de que existe uma distância entre concepções idealizadas da infância e o modo como as crianças e adolescentes são de fato tratadas numa determinada sociedade e isso, segundo ele, pode ser observada ao longo da história da humanidade.

Com o advento da modernidade a educação passou a ser vista através de uma perspectiva não-privada que buscava construir o futuro de modo racional, objetivo e científico. Influenciada, sobretudo pelo positivismo francês, uma elite de intelectuais brasileiros, no final do século XIX, debruça-se sobre um universo de discussões filosóficas que fazem da infância o fundamento para a formação da Nação.

O discurso higienista importado da França recebeu no Brasil adaptações que moldaram as idéias sobre educação.

Verificamos no estudo que existe certa distância entre as concepções de infância idealizadas em uma época e a forma como realmente as crianças são tratadas. Segundo a autora, influenciada, sobretudo pelo positivismo francês, uma elite de intelectuais brasileiros, no final do século XIX, debruça-se sobre um universo de discussões filosóficas que fazem da infância o fundamento para a formação da nação. Desta forma, a infância é concebida como futuro da nação; aquela parte da população sob a qual dever-se-iam voltar os olhares médicos, juristas e políticos, investia na criança para garantir o futuro de uma nação que se antevia “moderna”.

O trabalho de Filizzola (2002)²⁷ tem como tema infância e disciplinação. Seu objetivo era responder ao questionamento: por quais razões organizar a educação, a assistência e a recreação das crianças filhas de operários?

O autor trabalha com a criação dos parques infantis na cidade de São Paulo na década de 1930. Segundo o autor os parques se caracterizavam como instituições extra-escolares, funcionando nos períodos da manhã e da tarde, atendendo crianças entre 3 e 13 anos de idade, gratuitamente. Por determinação da prefeitura deveriam ser instalados nos arredores de escolas, casas, prédios e bairros operários, tendo como objetivos: educar, assistir e recrear os filhos de operários.

Como resposta o autor conclui que Interferir no cotidiano dos operários e dos seus filhos é um objetivo explícito da burguesia, por isso, defendemos a idéia de que esse objetivo será institucionalizado na metade da década de 1930, quando o município da cidade de São Paulo cria os parques infantis.

No ano de 2004 aconteceu na cidade de Curitiba o III Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), que contou com oito eixos: Arquivos, fontes, historiografia; Estudos comparados, Políticas educacionais e modelos pedagógicos; Cultura escolar e práticas educacionais; Profissão docente; Gênero, etnia e educação escolar; Movimentos sociais e democratização do conhecimento; Ensino da História da Educação.

O estudo de FREITAS(2004)²⁸ tem como tema infância e educação. Seu objetivo é realizar um estudo sobre as estratégias educacionais direcionadas à infância rústica de lugares considerados arcaicos (Brasil e Portugal, 1860-1935)

Segundo o autor, com o terceiro mundo nasce a ideia de um novo personagem: a pessoa rústica e subdesenvolvida. Na América Latina e principalmente no Brasil a pessoa rústica deixava de ser personagem de literatura e ganhava atenção especial em documentos estratégicos que indicavam políticas de intervenção junto a essa população com vistas a evitar o

²⁷ FILIZZOLA, Ana Carolina Bonjardim. *A organização e a disciplinação do lazer da Infância operária nos parques infantis da cidade de São Paulo na década de 1930.*

²⁸ No eixo "Estudos comparados" encontramos FREITAS, Marcos Cesar. *Cuidar da infância "rústica": um estudo comparado sobre estratégias educacionais direcionadas às crianças de lugares considerados arcaicos (Portugal e Brasil, 1860-1935).*

atraso populacional. O analfabetismo, a desnutrição são fatores que prejudicam o enriquecimento do país.

Assim, o estudo confere atenção ao pensamento educacional brasileiro analisado em razão da aposta que fez a modernidade tomando a escola como instituição capaz de reformatar o homem. O autor trabalha com a difusão da escola pública como antídoto capaz de curar a sociedade.

O trabalho de Silva (2004)²⁹ tem como tema infância e formação de professores.

O objetivo do estudo é compreender o movimento de mudança que ocorreu junto aos cursos de formação de professores catarinenses, a transformação das Escolas Normais em Institutos de Educação.

Os Institutos de Educação, ou Colégios Equiparados, eram os locais de formação dos professores catarinenses nas décadas de 1930 e 1940. Anteriormente, a formação dos professores se dava nas Escolas Normais.

Para o autor a mudança de nomenclatura não é simplesmente gramatical, mas interfere nos conceitos e na concepção de formação destes profissionais.

Conhecer a criança na figura do aluno passa a ser o principal pressuposto na formação do professor, com uma compreensão aprofundada dos seus aspectos físicos, orgânicos e psicológicos. A criança traduzida na figura do aluno representava a noção política que se queria construir, o vir a ser de uma sociedade dependia dos professores que iriam educar a criança adaptando-a ao modelo de sociedade almejado.

O estudo de SILVA (2004)³⁰ tem como tema infância e escolarização. Pretende identificar as simetrias e assimetrias entre Brasil e Portugal do final do século XIX ao início do XX, principalmente no que diz respeito às representações da infância no interior de duas instituições: as Escolas Centrais e os Grupos Escolares.

²⁹ No eixo “Políticas educacionais e modelos pedagógicos” encontramos SILVA, Ana Claudia. *Infância e formação de professores: concepções produzidas no instituto de educação de Florianópolis nas décadas de 1930 e 1940.*

³⁰ SILVA, Elizabeth Figueiredo de Sá Poubel. *A infância e sua escolarização: um diálogo entre o Brasil e Portugal.*

De acordo com a pesquisa, é no final do século XIX e início do XX que a infância irá fazer parte do discurso da sociedade moderna.

As instituições de educação escolar infantil são então privilegiadas. A educação é um projeto cultuado nesta nova sociedade.

No processo de educação da infância é depositada a esperança de progresso e civilidade. Por este motivo as escolas são vista como instituições capazes de formar as crianças para o exercício da cidadania.

O estudo de Camara (2004)³¹ tem como tema infância e políticas públicas.

Tem por objetivo compreender e refletir algumas políticas de proteção à infância pobre desenvolvidas no Brasil e em Portugal durante as décadas de 1910 e 1920.

O foco central da análise são os projetos de pedagogização da infância pobre preconizada pela criação de escolas direcionadas aos menores e a implementação de ações que visavam a regeneração das infâncias sujeitas e carentes da proteção, guarda e tutela do Estado.

No caso brasileiro realiza análise do Código de Menores e no caso português o Decreto de 1911.

Para entender a conexão entre essas políticas públicas o autor atenta-se para a necessidade de compreender como se processou a circulação de objetos e modelos culturais entre os diferentes contextos históricos.

O trabalho de KUHLMANN JR (2004)³² trata da temática da infância e das práticas higienistas destinadas a esta parcela da população.

Pretende mostrar que a ideia de ciência e progresso caminhavam juntas na sociedade, cabendo à educação e ao cuidado com a infância a civilização da sociedade.

O trabalho trata da infância brasileira, especialmente em relação aos seus cuidados divulgados nos almanaques de farmácia durante as primeiras décadas do século XX.

O discurso cuidar e educar torna-se explícito nesta época.

³¹ CAMARA, Sonia. *Sob a defesa da República": a produção da infância pobre nos debates jurídicos-educacionais no Brasil e em Portugal nas décadas de 1910-1920.*

³² No eixo "Cultura escolar e práticas educacionais" encontramos KUHLMANN JR, Moysés. *A infância nos almanaques de farmácia (higiene e dietética entre as décadas de 1920 a 1940).*

Os cuidados higiênicos aliados a ideia de progresso foram divulgados para além de discursos oficiais, chegando as propagandas de apelo sanitário e currículos escolares.

Os almanaques de farmácia foram distribuídos em grande número reproduzindo um discurso sanitarista. Dirigiam-se principalmente às mulheres, mães e donas de casa, mas as crianças apareciam neste contexto.

Quanto à infância, a ideia de cuidado com o corpo infantil pode ser identificada nos almanaques estudados. A imagem de infância saudável estava intimamente ligada as ideias de desenvolvimento da sociedade.

O estudo de Oliveira (2004)³³ tem como tema infância e práticas educacionais.

Tem por objetivo analisar o cancionário escolar contendo a letra e a música de hinos dos cantos patrióticos aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e entregue a todas as instituições escolares mineiras na primeira metade do século XX.

Para isso ele utiliza o conceito de infância presente em uma parcela do pensamento educacional brasileiro a partir de fins do século XIX. Na análise o autor procura mostrar de que forma tal conceito atuou sobre a formação do canto enquanto disciplina escolar.

Tomando por fonte as escolas primárias de Minas Gerais, o autor pretende mostrar o quanto as canções procuravam inculcar nas crianças valores cívicos, morais e eugênicos condizentes com o ideal republicano vigente.

Sobre a questão da do processo civilizador utiliza-se o referencial de Norbert Elias, em estudos sobre a história da infância, Mariano Narodowski e Cynthia Veiga.

O autor utiliza para conceituar a infância, sobretudo, os pressupostos teóricos de Mariano Narodowski. Os estudos de Narodowski são tomados principalmente no que diz respeito a referência do autor ao teórico Phillipe Ariés (1914-1984) que concebe que a infância, desde o período moderno passou a ser compreendida como um ser carente de proteção e resguardo, um ente para um ser amado e educado.

³³ OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva. *A infância na pauta da república: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em minas gerais na primeira metade do século xx.*

O trabalho de GAETA (2004)³⁴ traz como tema imagens de infância. Seu objetivo é reconhecer conceitos de infância que, na linguagem textual e imagética dos manuais alfabetizadores, circulavam na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX.

O referencial adotado é o da história cultural e parte da compreensão de que leitura e escrita são partes indivisíveis.

Traz como princípio a ideia que ao alfabetizar, reproduziam-se saberes pedagógicos que indicavam um projeto social de conformação infantil.

Para entender os textos escolares o autor discute algumas das concepções de infância presentes entre educadores no final do século XIX e parte do XX.

O trabalho de Costa (2004)³⁵ traz a temática história da infância.

Tem por objetivo reconstruir a história da infância de Criciúma SC no período de 1945-1961. Sobre a vida das crianças nesta vila o autor pretende responder: Como as crianças viam o local de moradia? Como experimentava este local? Havia locais específicos para esta infância? Quem intervinha na infância?

As fontes utilizadas para esta pesquisa foram fotografias, recortes de jornais, relatórios e histórias de vida que mostram a infância na Vila Operária Mineira Próspera em Criciúma, SC dos anos de 1945 a 1961.

Para o autor, responder tais questionamentos resultará na reconstrução histórica do período em questão.

O trabalho de Rodrigues (2004)³⁶ trata da temática da infância e governmento.

Pretende contribuir para explicitar as maneiras pelas quais, desde o início do primeiro período republicano no Brasil 1890 até a década de 1960 o poder público e os especialistas das áreas da educação, saúde, direito e psicologia procuraram administrar a infância e as famílias.

³⁴ GAETA, Maria Aparecida Junqueira de Veiga. *Práticas de representação: as visões de infância em manuais para o ensino das primeiras letras*.

³⁵ COSTA, Marli de Oliveira. *Infância e educação: a experiência da vila operária mineira próspera em criciúma SC: 1945-1961*.

³⁶ Em "Gênero, etnia e educação escolar" encontramos RODRIGUES, Flavia Silvia. *O governo da família e da infância: um estudo a partir da legislação e da literatura pedagógica*.

O autor emprega os conceitos de “governamentalidade”, “biopoder” e “tecnologias do eu”, tais como formulados por Foucault.

O autor divide o período estudado em duas fases: o período de transição entre o Império e a Primeira República, marcado pela assistência higiênica e o Estado Novo onde se verifica um movimento de centralização da assistência no âmbito do governo federal.

Recorre à legislação federal brasileira e a textos escritos na época por especialistas de áreas como medicina, psicologia e direito.

Em 2006 a Sociedade Brasileira de História da Educação promove o IV Congresso Brasileiro de História da Educação em Goiânia. O Congresso contou com oito eixos para a divisão temática dos trabalhos. Políticas educacionais e movimentos sociais; História da profissão docente e das instituições escolares; Cultura e práticas escolares; Gênero e etnia na história da educação brasileira; Historiografia da educação brasileira e história comparada; Intelectuais, pensamento social e educação; Arquivos, centros de documentação, museus e educação; O ensino de História da Educação.

O estudo de CASTRO (2006)³⁷ trata da temática infância e educação. Visa estudar a educação da Infância na Casa dos Educandos Artífices do Maranhão (CEA) que foi criada através da Lei Provincial Nº 105, de 23 de agosto de 1841.

Trabalha diversos aspectos como a estrutura física da Casa, quando de sua criação, o número de alunos matriculados, a procedência dos alunos, o funcionamento das atividades no interior da instituição.

Segundo nos informa o autor, na inauguração a casa contava com 28 meninos matriculados. Muitos deles eram oriundos da Casa dos Expostos, outros enviados pelos juízes de órfãos ou por indicação do presidente da Província. A estrutura da casa era formada por salas onde eram realizadas as oficinas de carpintaria, de carpina, de pedreiro e de sapateiro, uma enfermaria (que contava com um enfermeiro e dois ajudantes de enfermaria), cozinha, capela, dormitórios e sala de aulas para o ensino de primeiras letras.

³⁷ No eixo “História da profissão docente e das instituições escolares” encontramos CASTRO, César Augusto. *A educação da infância desvalida no maranhão oitocentista: a casa de educandos artífices*.

Com o advento da República, a Casa dos Educandos encerraria suas atividades depois de 48 anos de vida fecunda e brilhante.

O trabalho de Ferreira (2006)³⁸ insere-se na temática infância e práticas pedagógicas. Ele realiza um estudo para discutir os problemas ligados à educação infantil nas séries iniciais no Grupo Escolar João Pinheiro de Villa Platina, na cidade de Ituiutaba - MG, no período compreendido entre 1966 e 1988.

O autor pretende trabalhar com a temática relativa às instituições escolares, que de certa forma, contemplam a maioria dos estudos desenvolvidos sobre a história da educação. Tal temática aqui será direcionada ao Grupo Escolar João Pinheiro de “Villa Platina”.

Neste cenário o autor ainda pretende discorrer como foram construídas as concepções de infância e suas mutações no momento em que se pensou na criança como um ser singular, com características diferentes dos adultos, onde nascemos sensíveis e desde então somos molestados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam.

O trabalho de Valdez (2006)³⁹ trata da temática infância e pedagogia.

A pesquisa tem por objetivo analisar a representação de infância nas propostas pedagógicas do barão de Macahubas⁴⁰, médico baiano que na segunda metade do século XIX ocupou um lugar representativo na instrução do Império brasileiro.

As propostas do barão estavam inseridas no projeto de eleger a instrução e a educação da infância como bandeira prioritária.

Ao investigar a representação da infância nas propostas pedagógicas de Abílio, o autor tem por meta identificar o lugar reservado a criança do ensino primário neste período da história. A representação da infância é realizada na perspectiva da história cultural.

³⁸ FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto. *Educação e infância: as práticas pedagógicas no âmbito do grupo escolar João Pinheiro de Ituiutaba, MG, (1966-1988)*.

³⁹ Em “Cultura e Práticas Escolares” encontramos VALDEZ, Diana. *A Infância Na Pedagogia Do Dr. Abílio Cesar Borges: O Barão De Macahubas (1856-1891)*.

⁴⁰ Abílio César Borges, primeiro e único barão de Macaúbas, (Rio de Contas, 9 de setembro de 1824 — 17 de janeiro de 1891) foi um médico e educador brasileiro.

Na visão de Abilio, a criança deveria ser educada e instruída por adultos capazes de compreender seu desenvolvimento. Por isso, prescreveu uma série de medidas para os adultos compreenderem a infância enquanto portadora de características próprias. O autor investiu na tese de que, para formar uma 'nova infância', era preciso uma 'nova escola', pois a existente não assegurava a formação adequada.

A criança é aquela que deveria ser educada e instruída por adultos capazes de compreender seu desenvolvimento particular, portanto ela deveria receber atenção permanente, até mesmo no sentido da vigilância, para evitar que se manifestassem suas paixões e vícios, ou seja, para corrigir suas falhas. A criança, antes de tudo, não pode ser vista como um adulto em miniatura e sim um ser em desenvolvimento que merecia cuidado particular. Ela não é portadora de inocência nata, ao contrário, trazia consigo pequenos defeitos que deveriam ser corrigidos pelo adulto. Não era 'tão má' como pensavam algumas pessoas, era moralmente frágil, porém propensa a receber bons ensinamentos. Era uma criatura feita por Deus, portanto tinha que ser educada sob os princípios morais religiosos. Era o futuro adulto, daí a necessidade de uma instrução que lhe garantisse conhecimentos científicos e literários para atuar posteriormente na construção da sociedade.

A pesquisa de Vasconcelos (2006)⁴¹ circunscreve-se na temática infância e práticas pedagógicas.

O estudo tem por objetivo a análise das práticas e representações acerca da infância em Serrolândia- BA. Serrolândia é um pequeno município do interior da Bahia localizado no semi-árido baiano, a 319,9 Km de Salvador, no sertão da região Nordeste.

Levando em conta ser a infância um conceito construído historicamente, o autor procura analisar, nessa sociedade discursos e práticas que refletem visões a respeito da criança, representadas na escola.

As fontes utilizadas na pesquisa se constituem predominantemente por entrevistas com pessoas que vivenciaram experiências como pais, filhos,

⁴¹ VASCONCELOS, Tania Mara Pereira. *Práticas e representações acerca da infância e da escola numa comunidade do interior (1940-1970)*.

alunos e professores no período estudado, além de uma documentação escolar como: fotografias, livros de ata, de matrícula e de assiduidade.

Ao tratar da infância o autor a toma como um tema recente na historiografia, tendo sido inaugurado pelo historiador francês Phillipe Áries ao publicar a obra *A criança e a família no Antigo Regime*, em 1960.

O trabalho de Berto (2006)⁴² tem como tema a infância e educação física. Busca analisar o modo pelo qual a disciplina de Educação Física foi organizada a partir de apropriações, usos e transformações de diversos saberes.

O estudo tem como fonte a imprensa pedagógica especializada - artigos da revista *Educação Physica*, impresso que circulou entre os anos de 1932 e 1945.

Toma por base para o estudo as questões relacionadas com a escolarização da infância e o modo como se articulavam com um projeto para a Educação Física escolar. Entre os eixos temáticos trabalhados destaca-se a saúde e higiene.

O autor ocupa-se também em demonstrar como a Educação Física consolidou-se como um importante espaço nas escolas, pois ela também apresentava, como as outras disciplinas, o papel de preparar as crianças para a época nova, construindo o tipo ideal de brasileiro.

O estudo de Souza (2006)⁴³ tem como tema a infância e as práticas higienistas.

Seu objetivo é analisar a promoção, organização e desenvolvimento dos concursos de robustez em São Paulo nas primeiras décadas da República.

Pretende estudar as práticas discursivas de seus idealizadores, as relações de higiene vigentes naquela época e a constituição de uma identidade infantil.

O estudo tem como fonte artigos publicados em jornais da grande imprensa, periódicos educacionais, em especial a Revista Educação (artigos

⁴² BERTO, Rosianny Campos. *Saúde, higiene, educação física e cultura escolar: um olhar sobre a infância a partir da revista educação physica*.

⁴³ No eixo "Gênero e etnia na história da educação brasileira" encontramos SOUZA, Rosângela Ferreira de. *A celebração da infância: os concursos de robustez e a construção de uma infância higienizada em São Paulo (1920-1930)*.

descritivos destes eventos), legislação, arquivos de instituições de assistência à infância e de órgãos responsáveis pela saúde e higiene das crianças.

A questão da infância é tratada no aspecto da proteção, atenção e cuidado. Para esta discussão serão realizadas incursões aos trabalhos sobre a infância de Moysés Kulhmann Junior.

Para a autora a criança deve ser compreendida como um ser que se estabelece a partir de relações alteritárias; defendia a idéia de uma infância que pensa e, portanto precisa ser ouvida e orientada com coerência e confiança. Cecília concebia as crianças como seres concretos e não abstratos. Buscava localizá-las nas relações sociais e reconhecê-las como produtoras da história.

O estudo de Rocha (2006)⁴⁴ circunscreve-se na temática infância e literatura. Seu objetivo é discutir sobre o lugar ocupado pela criança nos debates educacionais de 1930 e mais, lançar alguma luz sobre a concepção de infância defendida por Cecília Meireles.

O trabalho tem como fonte indícios deixados por Cecília Meireles em suas produções escritas, no período de junho de 1930 a janeiro de 1933, publicados no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, na página dedicada a Educação.

Segundo o autor os resultados parciais dessa investigação permitiram verificar que Cecília Meireles tratou o tema da infância como algo que escapava a uma visão de ciência cartesiana. Para ela a criança é um ser capaz de cunhar a sua própria palavra e através dela instituir a si mesmo e o mundo que a cerca.

Para além de uma concepção rousseuniana, que vê a criança como um ser naturalmente bom, Cecília a percebe como um ser que se constitui nos conflitos rompendo com a idéia de uma infância vista como etapa cronológica na evolução do homem.

Rocha afirma que a criança deve ser compreendida como um ser que se estabelece a partir de relações alteritárias; defendia a idéia de uma infância

⁴⁴ Em "Intelectuais, pensamento social e educação" encontramos JÚLIO, Rosângela Veiga. ROCHA, Marlos Bessa Mendes. *O lugar da criança nos debates educacionais de 1930 à luz do pensamento de Cecília Meireles.*

que pensa e, portanto precisa ser ouvida e orientada com coerência e confiança. Cecília concebia as crianças como seres concretos e não abstratos. Buscava localizá-las nas relações sociais e reconhecê-las como produtoras da história.

Registramos a seleção de 22 (vinte e dois) trabalhos no Congresso Brasileiro de História da Educação – CBHE.

2.3 GT 7 DA ANPED – EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED- foi fundada em 1978, mas só no ano de 1981 incluiu a Educação Infantil como um G.T. Inicialmente o G.T. 7 foi intitulado G.T. de Educação Pré-Escolar. Apenas no ano de 1988 opta-se pela denominação atual do grupo Educação de crianças de 0 a 6 anos.

Os trabalhos apresentados no G.T. 7 tem seu debate teórico em torno de cinco temáticas: a) concepção do processo de desenvolvimento de crianças; b) formação de profissionais (básica e em serviço); c) políticas públicas; d) concepções curriculares; e) e relações entre os programas de creche, pré-escola e o antigo 1º. grau.

O mapeamento que se segue será realizado por ano, desde a 21ª Reunião da ANPED, em 1998, até a 31ª Reunião em 2008.

O trabalho de Souza;Pereira (1998)⁴⁵ tem como temática a infância e conhecimento.

O objetivo do texto é refletir sobre as questões da infância e o conhecimento na contemporaneidade.

O trabalho foi assim dividido: num primeiro momento, a infância foi tomada como objeto de estudo, foi realizada a constituição de um discurso

⁴⁵ No eixo “concepção do processo de desenvolvimento de crianças” encontramos SOUZA, S. J. PEREIRA, R. M. R. *Infância, conhecimento e contemporaneidade*.

sobre ela, que o autor chama "discurso da época moderna sobre a infância" tomando-a como alguém que deve ser analisada e estudada por diferentes saberes disciplinares (psicológicos, pedagógicos, pediátricos, sociológicos...). Em seguida, a infância é tomada como um *caminho indireto* que não se esgota nos discursos que têm sido, na época moderna, proferidos sobre ela.

Com isso o autor pretende alcançar o objetivo de mostrar que a noção de infância não é uma categoria natural, mas, profundamente histórica e cultural.

O autor toma a infância em três momentos no texto. Primeiramente, ela é conceituada como “[...] alguém que deve ser analisada e estudada por diferentes saberes disciplinares (psicológicos, pedagógicos, pediátricos, sociológicos...), e que, portanto, exige a constituição de um discurso sobre ela.” (SOUZA, S. J. PEREIRA, R. M, 1998) a isto o autor atribui o nome de discurso da época moderna sobre a infância. Em seguida a infância é tomada conforme o próprio autor indica como um caminho indireto, ou seja, fruto dos discursos que têm sido na época moderna proferidos sobre ela, este discurso, portanto se entrecruza o discurso da dimensão filosófica da experiência da infância. Finalmente, o autor traz a idéia de que a infância não é uma categoria natural, mas profundamente histórica e cultural.

O estudo de Haddad (1998)⁴⁶ tem como tema infância e políticas públicas.

Seu objetivo é contribuir com uma reflexão sobre o RCN no contexto mais geral das políticas públicas internacionais para a infância.

A reflexão organiza-se em torno de dois aspectos: (I) A natureza e objetivos do RCN e a concepção de educação infantil subjacente; (II) A estrutura curricular apresentada no RCN no contexto de sua fonte inspiradora: a proposta espanhola.

O trabalho foi realizado por solicitação do Ministério de Educação e Desporto em fevereiro de 1998. Situa-se no contexto da redação do parecer da versão preliminar do *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCN* (Brasil, 1998).

O estudo de Bujes (1998)⁴⁷ tem como tema infância e educação infantil. A autora visa examinar preliminarmente as concepções que associam as

⁴⁶ Em “políticas públicas” encontramos HADDAD, L. *O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil no contexto das políticas para a infância: uma apreciação crítica.*

⁴⁷ BUJES, M. I. E. *O pedagógico na educação infantil - uma releitura.*

operações de educar e cuidar como representativas dos programas institucionais voltados para o atendimento à criança pequena, em creches e pré-escolas.

Pretende mostrar também como tais formas de conceber o que cabe à educação infantil, foram associadas às perspectivas que classificam tais iniciativas como educativas ou assistenciais. Por último pretende defender o aspecto pedagógico como solução para superar o caráter assistencial das instituições de educação infantil.

Na 22ª Reunião Anual da ANPED, ano de 1999, no GT 7 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos foram apresentados um total de 15 (quinze) trabalhos.

O trabalho de Guimarães (1999)⁴⁸ tem como tema infância e práticas pedagógicas.

Objetiva buscar na experiência da Itália os eixos de uma pedagogia construída especificamente para as crianças de pouca idade.

Como fonte o autor utiliza textos traduzidos para o português e, então, no diálogo com os interlocutores italianos discutimos particularidades das práticas pedagógicas vigentes.

O texto organiza resumidamente as idéias italianas que abraçam mais genericamente as concepções de infância e discussões sobre os profissionais que lidam com a criança para em seguida, enfocar aquilo que diz respeito à educação infantil, sublinhando princípios constituidores da *pedagogia dos pequenos*.

Segundo o estudo, graças às contribuições de autores italianos que há pouco tempo tem chegado ao Brasil uma nova imagem de infância vem sendo construída; sobre a criança há um novo olhar e nova atitude. Neste processo de construção de uma nova imagem da infância participam segundo o autor os estudos contemporâneos do campo da Psicologia. São estes estudos que atribuem às crianças o conceito de “[...] sujeito integral, não compartimentalizado, produto e produtor de sua sociedade, da humanidade - interlocutora real no seu relacionamento como mundo [...] sujeito ativo, empenhado num processo de contínua interação com seus pares, com os

⁴⁸ Encontramos no eixo “concepção do processo de desenvolvimento de crianças” GUIMARÃES, D; LEITE, M. I. *A pedagogia dos pequenos: uma contribuição dos autores italianos*.

adultos, com o ambiente e a cultura.” (GUIMARÃES; LEITE, 1999), portanto, alguém que não é mais consumidor, mas produtor de valores e de cultura.

O estudo de Gouvêa (1999)⁴⁹ circunscreve-se na temática da infância e literatura.

O trabalho tem por objetivo compreender a construção da noção da infância e de uma escrita dirigida à criança no interior do campo literário no Brasil, tendo como fonte de análise parte da produção literária destinada à criança, escrita entre 1900 e 1935, período de constituição desta produção.

O autor parte do princípio que as práticas literárias ao mesmo tempo em que retratam a(s) criança(s), constroem a infância através das narrativas. A pesquisa toma por base os estudos sobre a história social da infância, temática iniciada no campo historiográfico pelo clássico trabalho de Ariés (1981) “*História social da criança e da família*”. Em literatura, busca compreender a construção histórica da noção de infância para a criança tendo como referência a perspectiva apontada por Chartier (1945 -).

A autora compartilha da idéia do teórico Philippe Ariés (1914-1984), especificamente a desenvolvida em sua obra *História Social da criança e da família* (1981) de que a concepção de infância é fruto de uma longa construção histórica durante a qual passou-se de uma indiferenciação etária, característica da sociedade medieval, à constituição de um conjunto de saberes técnico-científicos e práticas culturais voltados para conhecer e atuar junto à criança e seus agentes socializadores nos diversos espaços de socialização. A autora trabalha, partindo deste princípio com a concepção de que infância e literatura têm entre si uma relação muito particular, pois a literatura ao qualificar, descrever, caracterizar a criança, constrói a infância por meio de suas narrativas. Assim, falar à criança como distinta do adulto é definir modelos de gestos, gostos, comportamentos, falas e ações do sujeito infantil.

O trabalho de Ramos (1999)⁵⁰ traz como tema infância e práticas pedagógicas.

⁴⁹ GOUVÊA, M. C. S. *A construção do “infantil” na literatura brasileira*.

⁵⁰ No eixo “formação de profissionais (básica e em serviço)” encontramos RAMOS, G. V. F. *O espaço e o cotidiano: relação dialética marcando a prática pedagógica*.

Busca analisar e discutir a relação que se estabelece entre o espaço organizado na Creche Municipal de Paraty e a apropriação deste no cotidiano por seus agentes.

O texto tem como fonte a Creche Municipal Alzira de Lima Coupê, zona urbana de Paraty. Traz como metodologia de pesquisa a observação do ambiente e das práticas cotidianas de seus agentes.

Algumas questões foram norteadoras do texto:

- Qual a concepção de criança e função da creche que fundamentou sua construção?
- Estando o espaço posto, como se apropriam deste espaço, crianças e professoras?
- Como a relação dialética entre espaço e cotidiano marca a prática pedagógica da creche?

Para responder aos questionamentos o autor divide o texto em 4 partes: tempo de infância: construção histórica do pensar/ fazer a educação infantil; apresentando a creche municipal; a busca do invisível; espaço - ambiente : limite ou possibilidade?

A autora pretende situar a pesquisa na perspectiva de criança como um ser social, produto de seu tempo e espaço, e não a partir de uma natureza infantil abstrata e universal. Para isso apoia-se na teoria de Phillipe Ariés (1914-1984) atribuindo ao sentimento de infância a consciência e noção da particularidade infantil.

O estudo de BUJES (1999)⁵¹ tem como tema infância e governo. O objetivo da autora é examinar alguns dos discursos do MEC, presentes nos documentos oficiais e nas publicações produzidas que tratam especificamente da questão curricular na educação infantil.

Tendo Foucault como referência teórica o autor pretende esmiuçar como se manifesta nestes discursos uma vontade de poder sobre as crianças.

O texto pretende lançar um olhar sobre as crianças revisitando-as desde o período moderno com Ariés (1981). Em seguida ela trata baseado em Foucault, sobre a arte de governar a infância e a produção de saberes sobre a

⁵¹ Em "políticas públicas" encontramos BUJES, M. I. E. *O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder.*

infância na história como meio de dominar essa instância da população. Por fim pretende dar destaque a alguns dos discursos que circula por meio do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil — RCN/Infantil (Brasil, 1998).

Na 24ª Reunião do GT 7 da ANPED, ano de 2001 foram apresentados 21 (vinte e um) trabalhos.

O trabalho Coutinho (2001)⁵² tem como tema Infância e cultura. Segundo o autor o trabalho tem por objetivo pensar a infância partindo dela mesma. Assim, ele pretende encontrar formas adequadas de olhar, ouvir, sentir estas crianças, e principalmente em interpretá-las, retomando a questão da diversidade.

Esta proposição remete ao que o autor denomina uma leitura do que as constitui: as crianças, suas diferenças, o lugar onde vivem as coisas que fazem, entre outras.

Trabalha teoricamente com a questão das culturas infantis em detrimento de serem próprias de infâncias e contextos diversificados.

O estudo de Sabat (2001)⁵³ tem como tema infância e gênero.

O objetivo do estudo é pensar como alguns artefatos culturais, tais como os filmes infantis de animação, estão constituindo a infância.

Para a construção do estudo toma por base o filme *Mulan*, como um artefato cultural que opera como meio de representação do *eu* e do *outro*, como forma de educar e governar sujeitos, como um meio de regular condutas.

O autor tem por meta solucionar com tal estudo três questões bases: Como as normas heterossexuais são construídas nos filmes infantis de animação? Quais os mecanismos utilizados nas narrativas fílmicas para reproduzir a heterossexualidade como norma social? Como o outro é representado no processo de produção de identidades de gênero e sexuais normalizantes?

O trabalho de Bujes (2001)⁵⁴ circunscreve-se na temática da infância e governo.

⁵² Quanto ao tema infância encontramos no eixo “concepção do processo de desenvolvimento de crianças” COUTINHO, A. M. S. *Infância e diversidade: as culturas infantis*.

⁵³ SABAT, Ruth Ramos. *Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?*

⁵⁴ Em “políticas públicas” encontramos BUJES, M. I. E. *Governando a subjetividade: a constituição do sujeito infantil no RCN/EI*.

Seu objetivo é apontar o caráter instrumental e técnico do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN/EI).

Para a análise opta pelo referencial foucaultiano.

O que o autor pretende enfatizar, ao analisar o documento, é o seu compromisso com a produção de determinados tipos de sujeitos em especial o sujeito moderno como uma invenção.

Ao longo da análise mostra como operam as chamadas *tecnologias do eu*, quando tomam as crianças como seu objeto.

No ano de 2002 a ANPED realiza a sua 25ª Reunião Anual. No GT 7 foram apresentados 21 (vinte e um) trabalhos entre trabalhos completos, pôsteres e trabalhos excedentes.

O trabalho de Oliveira (2002)⁵⁵ tem como tema a infância e a educação infantil.

Tem por objetivo oferecer um possível encontro com o outro (as crianças) e instigar o debate na área da infância. Mais do que apresentar um olhar sobre o outro (as crianças) ou o enquadramento deste num novo conceito a ser proclamado no território da Educação Infantil, esta investigação procura fazer emergir um número infindável de questões acerca dos procedimentos metodológicos de pesquisa.

O estudo busca dados tragam informações a respeito do outro lado da infância e isso coloca a necessidade de escutar as crianças, sentir e registrar as infâncias de maneira inversa ao dito normal, dos pêlos da história.

Um encontro com a alteridade da infância segundo o autor requer o resgate com a experiência humana. Pensar a infância desta maneira é abrir-se à interpelação de uma chamada, e não de reduzirmos de antemão as crianças a algo de que já sabemos e do que necessita, e mais, construir uma pedagogia, para as crianças de 0 a 6 anos de idade, onde elas possam viver plenamente as suas infâncias.

O trabalho de Richter (2002)⁵⁶ circunscreve-se na temática da infância e arte.

⁵⁵ No eixo “concepção do processo de desenvolvimento de crianças”, encontramos OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. *Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil.*

⁵⁶ RICHTER, Sandra Regina Simonis. *Infância e materialidade: uma abordagem bachelardiana.*

Tem por objetivo chamar atenção para um aspecto pouco considerado: *a dimensão poética do conhecer*.

O estudo é resultado do contato com crianças na sala de artes da Escola Educar-se e as reflexões e discussões sobre a obra de Gaston Bachelard realizadas no Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC.

Para realizar o exercício de pensar toma uma abordagem filosófico-educacional a concepção bachelardiana. Nesta perspectiva a infância é assumida mediante uma abordagem fenomenológica que permita interrogar o processo epistemológico da produção do conhecimento na infância, o processo pedagógico na especificidade das artes plásticas e o processo ontológico de formação do sujeito.

Em 2003 a ANPED realiza a sua 26ª Reunião anual. No GT 7 são apresentados um total de 9 (nove) trabalhos.

O estudo de Muller (2003)⁵⁷ tem como tema infância e cultura infantil. Seu objetivo é apresentar algumas conclusões de uma pesquisa realizada no município de São Leopoldo/ RS no que o autor denomina *Turma do Pré*.

Com base em fundamentos da sociologia, antropologia e pedagogia discute a categoria de infância plural.

Trabalha alguns conceitos como: O que é específico da infância? O que distingue infância da idade adulta? Buscando desvelar a infância das crianças “escolarizadas”.

O autor propõe-se a um desafio investigativo: o de escutar a voz das crianças: resistência, brincadeira, fantasia, trabalho, tristeza, riso, barulho, grito, comemoração.

A infância segundo a autora é discutida numa categoria que ela mesma denomina como plural, a infância é plural: infâncias. Para o estudo, falar de uma infância universal como unidade pode ser um equívoco ou um modo de encobrir uma realidade, todavia uma certa universalização é necessária para que se possa enfrentar a questão e refletir sobre ela, sendo importante ter sempre presente que ela não é singular, nem única. A identificação de uma só infância, igual em tempos e espaços distintos, como também a tendência

⁵⁷ No eixo “concepção do processo de desenvolvimento de crianças”: MULLER, Fernanda. *INFÂNCIAS NAS VOZES DAS CRIANÇAS: culturas infantis, trabalho e resistência*.

purista de separação entre o mundo infantil e o mundo adulto. O que a autora pretende dizer é que o que pode ser considerado próprio da infância é a sua pluralidade, o que diferencia as crianças dos adultos são os modos como essa infância se manifesta. Fica evidente no trabalho que o objetivo da autora é desvelar o que pensam e sentem as crianças, ouvir suas vozes para então conhecer como se constituem as culturas infantis.

O texto de Costa (2003)⁵⁸ trata da temática do lúdico concebendo-o como uma prática discursiva. Problematiza o tema invocando os limites e possibilidades da transposição didática em relação à brincadeira.

Dentro desta temática, a infância é entendida como aquela que está no lugar daquele que tem algo a dizer, e como tal impõe uma inversão no olhar que se lança sobre ela.

Entre as referências teóricas, destaca-se a linguística da enunciação na vertente bakhtiniana, a abordagem socioantropológica do jogo e da psicologia do desenvolvimento na vertente sócio-histórica e Winnicottiana.

No estudo, primeiramente o autor percorre a ideia de que o jogo é uma atividade cultural, em seguida adota o critério pelo qual Vygotsky classifica uma conduta como de jogo, que seja o de envolver uma situação imaginária com regras; finalmente concorda com Winnicott quando postula que tal atividade empresta um colorido especial à ação no que se refere a tensão entre objetividade e subjetividade.

A autora logo de início nos traz a concepção de infância que permeia o estudo. Compartilhando das idéias de Larrosa⁵⁹ concebe a infância como o outro, “[...] o que, sempre muito além do que qualquer tentativa de captura inquieta a segurança de nossos saberes, que questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio no qual se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhida” (Costa, 2003).

⁵⁸ COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. *Jogo simbólico e discurso: uma leitura dialógica do lúdico*.

⁵⁹ Jorge Larrosa é professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. É doutor em Pedagogia e realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne em Paris. Foi professor convidado em várias universidades européias e latino-americanas. Dentre as suas diversas publicações, destacam-se *La experiencia de la lectura* (1996) e *Pedagogia profana* (1998).

Neste sentido, a ótica do estudo coloca a criança no lugar daquele que tem algo a dizer, e como tal impõe uma inversão no olhar que se lança sobre ela.

O estudo de Barbosa (2003)⁶⁰ tem como tema infância e espaços urbanos.

Tem por objetivo pensar e refletir sobre os espaços que são destinados às crianças, bem como a maneira como a criança se apropria do espaço e do tempo.

O estudo foi realizado tendo como fonte os espaços reservados para a criança nos centros urbanos, dos quais o autor elegeu o shopping.

O trabalho foi dividido em duas partes: Na primeira, o autor busca alguns referenciais teóricos que o auxiliam a iluminar suas observações, trazendo algumas reflexões sobre infância (incluindo seu conceito), criança, brincadeira e espaço. Na segunda parte o estudo traz as observações e algumas reflexões. A conclusão foi um espaço de reflexão e não de fechamento de questões.

Na 27ª Reunião Anual da ANPED((2004) foram apresentados no GT 7 16 (dezesseis) trabalhos⁶¹.

O estudo de Costa (2004)⁶² circunscreve-se na temática infância e lúdico.

O objetivo do trabalho é refletir sobre o processo de constituição das crianças na cultura contemporânea, utilizando para isso o cenário lúdico.

O autor toma a infância por construção da modernidade e baseia-se em Ariés (1981) para realizar a afirmação.

Segundo o autor, a crescente pedagogização do lúdico e a mercantilização do brincar configuram-se numa espécie de domesticação da infância para o gozo do capital.

O autor toma como aspecto principal de sua análise as bonecas. Descreve sua história, relevando os aspectos que fazem da boneca um ser que produz estereótipos. O objetivo do autor é levantar algumas questões que

⁶⁰ BARBOSA, Silvia Néli Falcão. *Corre, vai, vai mais uma vez! Um estudo exploratório sobre o tempo e o espaço da brincadeira de crianças em um shopping.*

⁶¹ Quanto à temática da Infância encontramos um total de 8 (oito) trabalhos que estavam enquadrados todos no eixo “concepção do processo de desenvolvimento de crianças”.

⁶² COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos. *Bonecas: objeto de conflito identitário na arena da dominação cultural.*

apontam para a necessidade do professor, que está se formando ou que na sua formação não discutiu sequer essa temática, considerar que no seu âmbito de atuação operam mecanismos de exclusão racial a que eles nem sempre estão atentos.

O autor faz uma breve referência ao que seria sua concepção de infância. Para a autora, desde Phillipe Ariés (1914-1984) a infância é uma construção da modernidade, da qual também é tributária a noção de sujeito infantil, família e novas expressões sociais.

O trabalho de Cruz (2004)⁶³ tem como tema infância e educação. Seu objetivo é tratar de metodologias que procuram captar o ponto de vista da criança o que tem se mostrado portanto, oportuno para a área da educação.

O autor pretende destacar a ideia da criança competente com possibilidades antes insuspeitas de trocas interindividuais, de levantar hipóteses explicativas, de estabelecer relações entre fatos, de se comunicar.

Destaca que até então muitas das pesquisas que tratam da infância não se preocupavam em dar voz às crianças destacando que no Brasil, esta área ainda ressona-se de estudos que captem o ponto de vista do seu destinatário mais direto: a criança.

O trabalho de Moro (2004)⁶⁴ tem como tema infância e educação infantil.

O estudo foi realizado no município de São José dos Pinhais, integrante da região metropolitana de Curitiba, estado do Paraná e teve por objetivo desvendar as concepções das mães sobre a educação infantil do município.

Foram sujeitos da pesquisa um grupo de usuárias (15), mães com filhos menores de 6 anos atendidos no sistema público de Educação Infantil. Os dados utilizados foram os relatos verbais das mães entrevistadas.

Para análise das entrevistas buscou-se a definição de um método com contornos e procedimentos próprios, tendo servido como base os trabalhos de Lefèvre.

⁶³ CRUZ, Sílvia Helena Vieira. *OUVINDO CRIANÇAS: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa.*

⁶⁴ MORO, Catarina de Souza. *As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches.*

A infância é conceituada como categoria histórica e cultural que, mais especificamente na atualidade, tornou-se um produto de consumo em torno da qual se estruturam padrões de conduta, entretenimento, criação e educação.

O estudo de Scotton (2004)⁶⁵ tem como tema infância e literatura. A pesquisa tem como objetivo investigar a representação da criança na poesia investigar a representação da criança na poesia contemporânea. O autor seleciona para um estudo mais minucioso o poeta Manoel de Barros.

Com o advento da modernidade, uma imagem de criança idealizada e universal passou a ser desenhada por algumas áreas do conhecimento, em especial, a psicologia, a biologia, a psicanálise e a pedagogia.

Segundo o autor, a literatura, trabalhando em surdina, também foi responsável pela imagem da infância em circulação em sociedades como a nossa, mergulhando e fecundando o imaginário coletivo.

Assim, é inegável a influência de um poeta como Olavo Bilac na formação de muitas das nossas crianças.

A autora concebe a infância como uma instância da população que, desde a Modernidade, tem sido concebida como universal e idealizada. Desenhada por algumas áreas do conhecimento, em especial a biologia, a psicologia a psicanálise e a pedagogia, a infância é construída em tais discursos. Segundo a autora, nos últimos anos graças ao estudo pioneiro de Philippe Ariès (1981), passou-se a questionar a infância como um fenômeno natural e universal, para compreendê-la como uma realidade social construída e reconstruída historicamente.

O trabalho de Lopes (2004)⁶⁶ tem como tema infância e capital.

O autor inicia a discussão tratando da mudança na forma de se conceber as crianças. Se antes eram concebidas como fruto de uma construção social, hoje, ótica neoliberal, construída no jogo de interesse dos conglomerados nacionais e internacionais, tem encontrado na criança uma fonte fértil. Programas destinados ao público infantil (currículos) propõem a individualidade, a competição e o consumo como seus objetivos pedagógicos.

⁶⁵ SCOTTON, Maria Tereza. *A representação da infância na poesia de Manoel de Barros*.

⁶⁶ LOPES, Jader Janer Moreira. *Estandartes de identidade: o lugar da infância na decoração das escolas*.

A criança contemporânea é aquela que consome. Os espaços tradicionais de vivência de infância são lentamente deslocados, e os novos territórios erguidos, encerrados na lógica do consumo, acessados através do capital.

Uma das questões que norteou a pesquisa foi: como fica o papel da escola nesse processo?

Para responder o autor realiza um trabalho de Campo ocorrido na Zona da Mata de Minas Gerais, coletada em 2000.

Analisa neste local o nome de algumas escolas, a decoração das fachadas externas, os painéis e desenhos afixados nas paredes internas, os enfeite presentes nos pequenos objetos utilizados no dia-a-dia, como potes para lápis de cor, pastas para guardar trabalhos, caixas de brinquedos.

Conclui que a infância figurada está sendo lentamente retocada e definida a partir de novos traços que marcam o que é ser criança, convencionados pelo mercado consumidor.

A temática do trabalho de Martins Filho (2004)⁶⁷ é infância e cultura. Seu objetivo principal é conhecer, descrever e analisar as dinâmicas das relações que as crianças estabelecem umas com as outras no espaço/ tempo em que convivem no interior das instituições de educação infantil.

Para isso o autor toma como ponto de partida, a concepção de infância segundo a qual, a criança é vista como sujeito de direitos numa dimensão histórica, educacional, social e cultural.

O autor traça alguns questionamentos segundo ele norteadores do trabalho: Existem espaços/tempos no interior das instituições de educação infantil por onde possam fluir as relações das crianças umas com as outras? Quais seriam os aspectos mais reveladores das relações que as crianças estabelecem umas com as outras no interior das instituições de educação infantil? As relações que as crianças estabelecem umas com as outras apresentariam “padrões” de manifestações?

O estudo tem aporte na Sociologia da Infância e procura dialogar com as Ciências Humanas e Sociais, procurando apoio nas contribuições teóricas

⁶⁷ MARTINS FILHO, Altino José. *A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância no cotidiano da creche.*

desenvolvidas nas diversas áreas (Sociologia, Antropologia, História, Psicologia e Pedagogia).

A concepção de infância considera a criança como sujeito de direitos numa dimensão histórica, educacional, social e cultural. Articulada a esta concepção a pesquisa toma a criança como alguém que deve ser estudada por seu próprio mérito, por sua própria voz, como seres produtores de cultura infantil.

O trabalho de Moraes (2004)⁶⁸ circunscreve-se na temática concepções de infância.

Tem por objetivo desvelar: Quais abordagens teóricas orientam as concepções de infância e de criança nas produções acadêmicas recentes? As teorias educacionais e as metodologias indicadas definem as crianças enquanto sujeitos sociais ativos e participativos no processo educacional? Quais aspectos constituintes da infância (sociais, expressivos, afetivos, nutricionais, cognitivos, culturais) são contemplados nos estudos sobre a educação das crianças de zero a seis anos de idade? Quais as áreas do conhecimento mais recorrentes, utilizadas como base teórica, aparecem nesses estudos?

O estudo tem como objeto de investigação as produções acadêmicas recentes sobre a educação apresentadas no Grupo de Trabalho 07- Educação da Criança de Zero a Seis Anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), entre os anos de 1997-2002.

O estudo se inscreve num movimento investigativo atual que reconhece a criança como co-participante do processo educacional e parte do pressuposto de que a infância é fruto da construção histórica, social e cultural das sociedades de um determinado tempo e lugar.

A autora parte do pressuposto de que a infância é fruto da construção histórica, social e cultural das sociedades de um determinado tempo e lugar.

O trabalho de Muller (2004)⁶⁹ tem como tema a infância e as culturas infantis.

⁶⁸ MORAES, Andréa Alzira de. *EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise das concepções de criança e de sua educação nas produções acadêmicas recentes (1997-2002)*.

⁶⁹ MULLER, Fernanda. *Culturas Infantis na cidade: aproximações e desafios para a pesquisa*.

Seu objetivo é compreender: Como a *cidade* se revela *educadora* às crianças? De que forma a produção de culturas infantis aparece na cidade? Como as crianças interpretam os espaços [educadores] da cidade?

Apresenta como campo empírico a cidade de Porto Alegre.

Tem a Sociologia da Infância como referencial teórico, alçado no pensamento de Áries (1981).

As crianças são concebidas como responsáveis por suas infâncias, logo, afetam e são afetadas pela sociedade. Pautada na Sociologia da Infância assume que as crianças são seres ativos que constroem sua própria cultura e contribuem para a produção do mundo adulto, sendo, em contrapartida construídas por ele.

No ano de 2005 a ANPED realizou a sua 28ª Reunião Anual. Nesta ocasião, foram apresentados no GT 7 um total de 28 (vinte e oito) trabalhos entre trabalhos completos, trabalhos encomendados e pôsteres.

A pesquisa de Guimarães (2005)⁷⁰ tem como tema infância e educação infantil.

O objetivo do trabalho é mapear alguns desafios na consideração da infância e da Educação Infantil, no contexto contemporâneo, denominado por alguns autores como pós-moderno.

Em primeiro lugar, o autor discute o que define as fronteiras entre Modernidade e Pós-modernidade com o objetivo de situar o leitor na discussão.

Em seguida, analisa como, de um modo geral, paradigmas modernos e pós-modernos interferem no olhar sobre as crianças, no conceito de infância e nas práticas vigentes nas instituições que as acolhem.

O estudo de Oliveira e Abramowicz (2005)⁷¹ tem por tema a infância e sua educação.

A pesquisa tem como objetivo realizar uma análise das práticas educativas que ocorrem na creche, com ênfase na criança negra, verificando as maneiras pelas quais elas produzem e revelavam a questão racial.

A pesquisa foi realizada em uma creche da cidade de São Carlos (SP); a metodologia utilizada contemplou a observação de salas de aula dessa creche,

⁷⁰ GUIMARÃES, Daniela. *INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS MODERNOS E PÓS-MODERNOS - entre a criança-indivíduo e a criança-acontecimento*.

⁷¹ OLIVEIRA, Fabiana de. ABRAMOWICZ, Anete. *A 'paparicação' na creche enquanto uma prática que inviabiliza a construção de uma educação da 'multidão'*.

sendo acompanhado da realização de entrevistas com as profissionais da instituição (pajens e diretora da creche) e a produção de um diário de campo.

Como fundamento teórico utilizou-se estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze, sobre relações raciais contou com Paul Gilroy e Stuart Hall; e sobre a questão da multidão contribuições de Paolo Virno.

O trabalho de Castilhana (2005)⁷² tem como tema infância e educação infantil.

O objetivo do texto é, a partir da identificação de trabalhos que abordem a infância fora da Educação Infantil, iniciar uma discussão sobre as temáticas desenvolvidas no GT 7 da ANPED de 1995 a 2004.

No total, foram analisados 131 trabalhos dos quais 14 entraram no quadro apresentado em razão de trabalhar fora da escola e permitir conhecer propostas que apresentam a criança sob uma perspectiva mais ampla.

Para o autor o contato com estes textos garantiu uma visão geral da produção sobre a criança pequena que situa o problema do conhecimento a respeito daquelas que estão fora da Educação Infantil, mas, sobretudo, ajudou a discutir possibilidades de se conceituar a criança de forma independente de instituições como a família ou a escola.

Concebe a infância como uma categoria social em Philippe Ariès (1981), considerando a condição histórica e construída da infância, em contraposição a uma naturalização. Embora no Brasil o autor seja também referência neste tema, há diversas peculiaridades que devem ser consideradas no estudo da criança, principalmente quanto à inexistência de uma que seja única, com o mesmo padrão em todas as culturas.

O trabalho de Azevedo e Schnetzler (2005)⁷³ tem como tema a infância e educação infantil.

Tem por objetivo discutir a relação do binômio cuidar/educar na formação inicial de profissionais de Educação Infantil.

A metodologia utilizada foi a *análise de conteúdo* de artigos do GT 07 – Educação da Criança de 0 a 6 anos - da ANPED no período de 1994 a 2003.

⁷² CASTILHANO, Ana Lucia. *O GT 7 da ANPED: direitos e educação da criança pequena*.

⁷³ No eixo “formação de profissionais (básica e em serviço)” encontramos: AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. SCHNETZLER, Roseli Pacheco. *O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais*.

Entre os 154 artigos encontrados, o autor selecionou 39 nos quais buscou destacar as concepções de infância e de Educação Infantil de seus criadores.

Após análise do conteúdo dos artigos no que se refere ao cuidar-educar, análise esta com a qual os formadores concordaram, o autor preocupou-se em destacar suas principais idéias e propostas de superação do problema.

Os autores afirmam que a concepção de criança e a forma de atendimento a ela dispensado também vêm sofrendo mudanças significativas desde o início da Idade Moderna. Mudou-se de uma concepção de criança como um *adulto em miniatura* para uma de criança como *ser histórico e social*, de uma mãe *indiferente* para uma *mãe coruja*, de um atendimento feito em *asilos*, por adultos que *apenas gostassem de cuidar* para um feito em uma *instituição educativa*, por um profissional da área do qual se exige *formação adequada* para lidar com as crianças.

O estudo de Santos (2005)⁷⁴ trata da temática infância e consumo. O trabalho tem como objetivo trazer um estudo sobre as diferentes formas de inserção da criança na cultura do consumo.

Analisa do papel da escola e de situações que dizem respeito à publicidade que têm invadido este espaço. Busca discutir questões metodológicas que se referem à pesquisa com crianças.

A infância, tomada enquanto objeto de pesquisa exigiu um posicionamento acerca do conceito de infância. A criança que a pesquisadora toma neste estudo é sujeito, é ser social, produtora de cultura.

A autora traz a maneira de compreender a infância expressa na obra de Walter Benjamin para enfrentar os desafios de uma compreensão da infância e das populações infantis que considere a descontinuidade presente na singularidade, sem perder de vista a sua relação com historicidade e totalidade da vida social. Em Benjamin, a categoria da infância está situada no centro da categoria da história. Benjamin vê na infância a possibilidade de fazer uma crítica da cultura. Ao olhar o mundo com a lente da criança, o autor toma a

⁷⁴ SANTOS, Núbia de Oliveira. *O consumo nas práticas culturais infantis: crianças e adultos no contexto de uma escola pública*.

infância como método, valorizando o seu “não saber”, colocando-a como parceira na produção de conhecimento.

O tema geral da pesquisa de SANTOS (2005)⁷⁵ é infância e culturas infantis. O estudo tem por objetivo divulgar os resultados preliminares da pesquisa de mestrado que problematiza os conceitos de “culturas infantis” e “identidades infantis” articulados aos conceitos de “criança” e “infância” veiculados nos trabalhos da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), mais especificamente, no grupo de trabalho – “Educação da criança de 0 a 6 anos” – GT 7.

Os textos foram catalogados de acordo com as seguintes questões: O que se fala? Quem fala? Para quem, como e por quê?

O trabalho nesta perspectiva permitirá alcançar o objetivo de entrar no campo de disputas teóricas, identificando quais são os principais interlocutores de cada autor, com quem se concorda e de quem se discorda, o que se quer afirmar e o que se quer negar.

O estudo de Arenhart (2005)⁷⁶ circunscreve-se na temática infância e movimentos sociais. A pesquisa pretende refletir sobre a Pedagogia que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST construiu, para quê e como educam, focalizando a relação que as crianças estabelecem com os processos pedagógicos que perpassam a experiência da infância nesse movimento social.

Essa preocupação advém, segundo o autor, do fato que as crianças estão imersas em um sem-número de situações que, cada vez mais, ameaçam a experiência da infância. Problemas como “adultização” precoce, confinamento espacial, estranhamento entre as gerações, trabalho infantil, maus-tratos, abuso sexual, etc, mobilizam a sociedade e têm sido destaque na agenda das políticas públicas de proteção, assistência e educação.

O texto foi dividido em três partes: no primeiro tópico, o autor contextualiza sucintamente o cenário onde foi realizado o estudo; em seguida, traça um breve retrato da infância “Sem Terra”, no qual analisa a construção da

⁷⁵ SANTOS, Solange Estanislau dos. *Culturas infantis e saberes: caminhos recompostos*.

⁷⁶ No eixo “políticas públicas” encontramos ARENHART, Deise. *A educação da infância no MST: o olhar das crianças sobre uma pedagogia em movimento*.

infância na relação com a Pedagogia do MST; finaliza com a análise e discussão da relação que as crianças estabelecem com a Pedagogia do MST.

O estudo de CORSINO (2005)⁷⁷ aborda a infância e a educação infantil. O objetivo primeiro é conhecer as concepções de infância, linguagem e letramento que permeiam os discursos e as práticas das diferentes instâncias da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro.

O objetivo primeiro é conhecer as concepções de infância, linguagem e letramento que permeiam os discursos e as práticas das diferentes instâncias da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro.

Fundamenta-se teoricamente na política da educação da criança de 0 a 6 anos e na concepção de criança como produtora de cultura, cidadã de direitos e na linguagem enquanto espaço das interações sociais e lugar de constituição da consciência, desenvolvimento e formação.

O texto foi organizado seguindo os seguintes passos: conhecer e analisar as concepções de infância e de educação infantil, construídas historicamente e como as políticas públicas brasileiras, especialmente as do município do Rio de Janeiro; discutir as concepções de linguagem e suas implicações para a educação infantil; conhecer e analisar a estrutura político-pedagógica-administrativa da Educação Infantil da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

A metodologia de pesquisa contou com revisão bibliográfica e análise documental, se valeu de entrevistas semi-estruturadas e de observações em duas turmas de Educação Infantil, de duas escolas públicas municipais.

O estudo concebe a infância como categoria social e cultural, tem sido vista de forma diferenciada em cada época e local. Desde o século XVII muitos discursos têm sido produzidos sobre a infância, em diferentes áreas do conhecimento e sob vários enfoques. A criança chega ao século XXI com uma ampla gama de estudos e posições até mesmo antagônicas. Dessa forma, o estudo busca ver a criança como sujeito histórico, contextualizado, mas singular e único que, ao mesmo tempo em que recebe e se forma, cria e transforma. Noção que abre a infância ao inesperado e ao imprevisível, que

⁷⁷ CORSINO, Patrícia. *Infância, educação infantil e letramento na rede municipal de ensino do rio de janeiro: das políticas à sala de aula.*

entende a criança como criadora de cultura, capaz de transformar e transformar-se.

No ano de 2006 a ANPED realiza a sua 29ª Reunião Anual. No GT 7 foram apresentados um total de 22 (vinte e dois) trabalhos⁷⁸.

O tema geral do trabalho de Alcântara (2006)⁷⁹ é infância e socialização.

O estudo pretendeu identificar formas de resistência (ativas e passivas) que o sujeito infantil elabora durante a primeira etapa de socialização secundária.

Para alcançar o objetivo proposto realizou uma observação participante com crianças na faixa etária de dois a três anos obedecendo aos princípios da pesquisa de cunho etnográfico.

A análise dos dados segundo o autor, evidenciou situações que caracterizam de forma contundente uma dimensão que, criativamente, as crianças agregam ao processo socializador, pois ainda que submetidas às práticas de subjetivação, preservam a sua subjetividade.

A pesquisa parte da hipótese de que a modernidade trouxe consigo uma *vontade de saber* sobre a infância. A escola nesse novo cenário foi eleita o campo privilegiado para essas ações e a criança passou a representar a esperança de formação do homem civilizado. Ao aderir a este corpo de regras denominado escola a criança manifesta-se subjetivamente, assim, a importância do estudo está em investigar as formas de resistência que a criança esboça ao elaborar mecanismos de escape.

O trabalho de BORBA (2006)⁸⁰ tem como tema infância e culturas infantis. Traz como objetivo compreender como as crianças, nas relações que estabelecem entre si e nas formas de ação social que constroem nos espaços-tempos do brincar, constituem suas culturas da infância e são por elas constituídas.

⁷⁸ Quanto ao tema infância selecionamos um total de 5 (cinco) trabalhos. Destes, 4 (quatro) pertencentes ao eixo "concepção do processo de desenvolvimento de crianças".

⁷⁹ ALCÂNTARA, C. V. M. *Subjetividade e subjetivação: a "criança resistência" nas dobras do processo de socialização*.

⁸⁰ BORBA, A. M. *As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos*.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de educação infantil situada em Niterói - Rio de Janeiro e enquadra-se no campo teórico da sociologia da infância.

Discute a noção de culturas da infância. Em seguida, aborda o caminho metodológico, destacando o objetivo de dar voz às crianças na pesquisa. Finalmente, discute os resultados da investigação, revelando as crianças como participantes ativos nos processos de construção de regras e valores que regulam suas relações sociais e contribuem para a constituição de uma cultura de pares.

O estudo de LOPES (2006)⁸¹ tem como tema infância e demografia. O objetivo da pesquisa foi compreender como os territórios de infância estão se configurando em tempos de uma nova organização do capital.

As cidades escolhidas para o desenvolvimento do estudo foram: Niterói, Santo Antônio de Pádua e Juiz de Fora.

O estudo é resultado de um primeiro momento de pesquisa. Neste primeiro momento foi possível a confecção de mapas, tendo como referência central a observação direta dos pesquisadores. Esses mapas permitiram cartografar os principais locais onde as crianças se concentram nessas cidades.

O estudo de Vasconcellos (2006)⁸² tem como tema infância e territorialidade. Tem por objetivo o estudo da infância, a partir desse ponto de vista das territorialidades.

Foi desenvolvido tendo como campo de estudo e coleta de dados o Noroeste Fluminense.

A metodologia da pesquisa tem base na narrativa de memórias de infância e da prática docente de professoras de crianças até seis anos.

O trabalho apresenta a infância e o espaço como construção cultural e histórica, produto de relação social.

A produção do lugar e a produção da infância são conceitos presentes em todo o trabalho, pois o autor parte do princípio que toda criança é criança

⁸¹ LOPES, J. J.M. *Produção do território brasileiro e produção dos territórios de infância: por onde andam nossas crianças?*

⁸² VASCONCELLOS, T. *Criança do lugar e lugar de criança.*

de um local e que, simultaneamente, a ela cabe um lugar na estrutura do grupo social ao qual pertence.

A infância é concebida segundo a teoria de Phillipe Ariés (1914-1984). Segundo a autora, a infância é uma fase específica, uma invenção moderna.

O trabalho de Kappel (2006)⁸³ circunscreve-se na temática infância e regionalidade.

O estudo tem por objetivo mostrar os avanços nas diferentes áreas geográficas brasileiras, com base no Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI) de 1999 e 2004.

Segundo o autor, tal índice procura integrar, em uma única informação, dados relevantes sobre as crianças de 0 a 6 anos de idade. Sua utilização reveste-se de grande importância para a formulação e monitoramento de políticas públicas orientadas à infância.

Sobre a organização do texto registramos: primeiramente tece algumas considerações sobre a primeira infância, em seguida, mostra a sua representatividade populacional e por fim, apresenta a análise comparativa dos resultados regionais do IDI e dos indicadores sobre saúde e educação que o compõem.

O trabalho segundo o autor permite mostrar a situação da infância brasileira no início do Século XXI.

Na 30ª Reunião anual da ANPED, ano de 2007, foram apresentados um total de 18 (dezoito) trabalhos.

O trabalho de Abramowickz (2007)⁸⁴ tem por tema infância e educação infantil. Seu objetivo é discutir e propor uma educação para crianças pequenas no interior de uma educação infantil na perspectiva da diferença.

O referencial teórico é adotado na tentativa de “recuperar” o caráter múltiplo da infância, desvinculando-a da idéia de povo, e colocando a educação da criança na perspectiva da multidão. Desta forma, o conceito de infância se opõe ao poder sobre a vida exercida pelo capital.

⁸³ Seleccionamos 1 (um) pertencente ao eixo “políticas públicas”: KAPPEL, D. B. *Índice de desenvolvimento infantil no Brasil: uma análise regional*.

⁸⁴ No eixo “concepção do processo de desenvolvimento de crianças”: ABRAMOWICKZ, Anete. *O debate sobre a infância e a educação infantil na perspectiva da diferença e da multidão*.

Assumindo a perspectiva da diferença o autor espera o autor espera que a criança possa exercitar toda a sua potência a partir do exercício da infância.

A infância é concebida como *una*. A criança é multiplicidade. A infância é uma, porque guarda uma relação com a forma como tem sido configurado o povo. No ocidente, ela é uma teia e um conjunto de sentidos de caráter normativo que, de maneira geral, prescreve o seu brincar, a sua sociabilidade, estética, higiene, hábitos etc, e enfatiza o caráter normalizador e disciplinar do que é ser criança. Esta visão revela uma concepção de criança que deve ter determinada infância para desabrochar no adulto. O foco é o adulto. A criança e sua infância prescrita é um interregno. Desta forma, ela é vista como aquela que tem ou não infância. A criança é educada no interior do que é ter uma infância, mas na direção de se tornar um adulto.

O trabalho de Demathé (2007)⁸⁵ tem como tema infância e representação.

O estudo quer mostrar a representação social sobre infância das professoras de Educação Infantil de um pequeno município de Santa Catarina.

A pesquisa contou com a seguinte metodologia: participaram 41 professoras que foram entrevistadas individualmente.

As entrevistas foram iniciadas aplicando-se a técnica da associação livre, tendo como indutora a palavra “infância”. Após esta etapa, foi solicitado que elaborassem em um desenho com a imagem que para elas representava a infância. Imediatamente após foi solicitado que escrevessem sobre o que tinham feito.

Como parte da análise o pesquisador conclui que nos desenhos predominam brincadeiras ao ar livre, com a participação de várias crianças e adultos, em cenários idílicos, que recriam um clima de harmonia, amizade e carinho. Para o autor isso significa que as representações sobre a infância não se restringem mais a uma dimensão individual, relacionada à sobrevivência de cada criança, mas adquirem uma dimensão social, antropológica, relacionada à sobrevivência das culturas da infância.

⁸⁵ DEMATHÉ, Tércia Millnitz. CORDEIRO, Maria Helena Baptista Vilarés. *Representação social de professoras de educação infantil sobre infância: algumas considerações*.

A infância tem como ponto de partida a perspectiva demográfica, ou seja, a infância é considerada improdutiva, salvo as tarefas escolares. As crianças não devem ser vistas como um universo que pré-configura o dos adultos, nem tampouco como uma mera cópia imperfeita do mundo dos adultos. O termo criança remete a uma concepção psicológica, à preocupação com o sujeito criança em si, suas características individuais, destinado a passar por níveis diversos e sucessivos na aquisição de competências, cada um deles constituindo uma etapa na fabricação da personalidade dos indivíduos.

O trabalho de Corsino e Santos (2007)⁸⁶ tem como tema infância e educação infantil.

O objetivo da pesquisa foi identificar, conhecer e compreender as ações, relações e interações de adultos e crianças, no interior das instituições. O estudo foi realizado em creches, pré-escolas e escolas de ensino fundamental com turmas de educação infantil localizadas numa capital brasileira.

A pesquisa assenta-se em três campos descritos pelo autor: nos estudos da linguagem e estudos culturais; nas políticas públicas, formação de professores e educação infantil; na antropologia e nos estudos da infância.

A metodologia de pesquisa inclui revisão bibliográfica, aprofundamento teórico e trabalho de campo.

Como estratégia metodológica do estudo o autor destaca: observação; interação a partir de produções culturais das e para as crianças; fotografias dos diferentes espaços e equipamentos.

Destaca-se que o autor considera que por meio destas estratégias foi possível conhecer as concepções de infância, práticas culturais e princípios que sustentam o trabalho cotidiano com as crianças.

Conceber a infância como categoria social e cultural, tem sido vista de forma diferenciada em cada época e local. Desde o século XVII muitos discursos têm sido produzidos sobre a infância, em diferentes áreas do conhecimento e sob vários enfoques. A criança chega ao século XXI com uma

⁸⁶ Em “formação de profissionais (básica e em serviço)” encontramos: CORSINO, Patrícia. SANTOS, Núbia de Oliveira. *Olhares, gestos e falas nas relações de adultos e crianças no cotidiano de escolas de educação infantil*.

ampla gama de estudos e posições até mesmo antagônicas. Dessa forma o estudo busca ver a criança como sujeito histórico, contextualizado, mas singular e único, que ao mesmo tempo em que recebe e se forma, cria e transforma. Noção que abre a infância ao inesperado e ao imprevisível, que entende a criança como criadora de cultura, capaz de transformar e transformar-se.

O tema do trabalho de BUJES (2007)⁸⁷ é infância e políticas públicas. O objetivo do estudo é realizar uma análise da abordagem da Reggio Emília para a Educação Infantil.

Como posicionamento teórico o autor assume uma posição pós-estruturalista de inspiração foucaultiana,

O estudo ocupa-se em descrever a proposta italiana e anatomizar seus discursos.

Segundo a autora a utilização das ferramentas teórico metodológicas possibilita determinar um espaço analítico – no qual os domínios da ética e da política se cruzam permanentemente – para entender como operam as modernas práticas de subjetivação, nessas experiências educativas destinadas à infância.

A análise da referida abordagem possibilita destacar vocabulários provenientes de campos claramente identificáveis para indicar suas articulações, filiações e compromissos. Pressupondo que é a linguagem que permite tornar determinada “porção” da realidade pensável o autor nos mostra de que maneira as palavras podem tornar inteligíveis as práticas sociais e expressar direções desejáveis para ali produzir intervenções.

Em 2008 foram apresentados um total de 19 (dezenove) trabalhos na 30ª Reunião da ANPED– GT 7.

O trabalho de Oliveira (2008)⁸⁸ circunscreve-se na temática infância e arte.

⁸⁷ Em “políticas públicas” encontramos: BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Artes de governar a infância: no cruzamento entre a ética e a política*.

⁸⁸ OLIVEIRA, Keila Andrea Santiago. *A concepção de infância retratada nas obras de Candido Portinari*.

O estudo tem por objetivo investigar a concepção de infância presente nas obras de Candido Portinari.

A concepção de infância na análise da obra do artista faz uma interlocução com as teorias de Ariès (1981) e Heywood (2004), destacando o sentimento de infância, a iconografia e os cuidados devotados à criança.

A pesquisa promoveu uma leitura sensível da obra do artista ao assumir o compromisso de delinear o retrato da criança segundo os aspectos históricos, sociais e culturais.

A análise das obras do artista foram realizadas seguindo os seguintes questionamentos: Qual seria o caminho percorrido pelo conceito de infância? Qual seria a trajetória da concepção de criança? Na sociedade dos séculos XX e XXI existe uma concepção diferenciada destes elementos? Como as obras de Portinari podem servir de diálogo e apoio na discussão acerca da criança e da concepção de infância nos séculos XX e XXI? Existe uma concepção de infância retratada nas obras de Candido Portinari?

Entrecruzar os olhares de Ariès (1981) e Heywood (2004) foi necessário na busca de um conceito de infância do que para si significa a infância. O autor considera que a um só tempo as crianças são tratadas como inocentes, pueris, anjos em forma de gente e convivem no mundo da robótica, dominando a tecnologia melhor que seus pais; aquecem um mercado que criou, por exemplo, com iniciativas de atuação social, o tão famoso 12 de outubro e outras datas comemorativas, puramente comerciais. Elas são alvo e produto direto da indústria cultural e a maior massa consumista já vista, são bombardeadas diariamente por estímulos diferenciados.

Quando se refere ao conceito de infância de Portinari o autor revela que Portinari retratou, em suas telas, o ser criança e o ter infância, a divertida aventura das pipas pelo ar, o voo livre dos balanços, a engenhosidade gostosa das gangorras, o jogo animado de futebol, a alegria eterna dos palhaços nos circos, a sensação de liberdade do pula-carniça, o desafio do equilíbrio no plantar bananeira, dar cambalhota, e o canto sonoro de sons infantis na brincadeira das rodas sem começo e sem fim. Infância dos sonhos, símbolo da imaginação, de criatividade, devaneio, inspiração e felicidade. Infância de verdade.

O estudo de Silva (2008)⁸⁹ circunscreve-se na temática infância e pedagogia. O objetivo da pesquisa é investigar na obra de Paulo Freire quando, onde e como ele explicitou sua compreensão de infância e de criança.

Por obra o autor define para efeitos deste estudo, os livros publicados em português.

O propósito do texto é fazer um rastreamento buscando todas as vezes que aparece a palavra criança ou infância nas obras do teórico.

O autor tem clara a noção que Paulo Freire não teve a infância e as crianças como objeto principal de seus estudos. No entanto, a referência constante às suas contribuições aos processos educativos em geral, bem como as várias referências que faz à sua própria infância em muitas de suas obras,

Para o autor, a leitura da obra permite ao pesquisador realizar o seguinte questionamento: assim como construiu um pensamento educativo em torno de uma Pedagogia do Oprimido não seria possível pensar também uma Pedagogia da Infância Oprimida?

O tema geral da pesquisa de MOMO (2008)⁹⁰ é infância e escola. Visa realizar uma das leituras possíveis de como os sujeitos infantis são produzidos, formatados, fabricados pela mídia e pelo consumo, configurando novos modos de ser criança e de viver a infância.

Entende a infância como uma construção cultural, social e histórica, sujeita a mudanças.

Estudo de teoria pós-moderna compreende que as condições culturais contemporâneas produzem infâncias distintas da infância moderna ingênua, dócil, dependente dos adultos e modificam as formas das crianças viverem esse período tido como próprio delas.

O estudo foi dividido da seguinte forma: primeiro o autor descreve as condições culturais contemporâneas e as infâncias modernas; em seguida tenta entender as crianças num universo mais amplo, descrevendo as crianças que vão à escola no início do século XXI.

Conclui o estudo afirmando que as crianças pós-modernas causam desestabilização das pedagogias tradicionais, causam inquietações, são um

⁸⁹ SILVA, Marta Regina Paulo. *Por uma Pedagogia Da Infância Oprimida: as crianças e a infância na obra de Paulo Freire.*

⁹⁰ MOMO, Mariangela. *Condições culturais contemporâneas na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola.*

desafio para a educação escolarizada porque não permitem o estabelecimento de uma ordem e a elaboração de planos a longo prazo.

O estudo de Simão (2008)⁹¹ teve origem em uma pesquisa de mestrado que esteve articulada a estudos desenvolvidos por um Grupo de pesquisa bem como a um projeto de pesquisa mais amplo.

O autor traçou como objetivo, identificar e analisar as concepções de corpo, criança e educação, presentes em pesquisas realizadas no âmbito dos estudos da infância, produzidas pelos saberes científicos no Brasil entre os anos de 1997 e 2003.

A delimitação do problema se concentrou em identificar as concepções de corpo, criança e educação dos autores das dissertações de diferentes áreas de conhecimento, cadastradas no banco de dados da CAPES.

Realizou-se um mapeamento da produção científica, onde foram identificadas 29 dissertações, das quais, 18 constituíram o corpus definitivo analisado. Utilizou-se como referencial teórico, estudos de orientação histórico cultural, contribuições da Sociologia da infância, da Antropologia da criança e demais campos que estudam a infância. A infância e o corpo são construções sociais, culturais e históricas, presentes em todas as sociedades humanas. Tal afirmação, assevera a autora, não significa, contudo, que se negue a evidente construção, também biológica, desta dimensão.

Carvalho (2008)⁹² pretende descrever e analisar aquilo que ele denomina repertório de brinquedos e brincadeiras vivenciadas por crianças indígenas Pataxós (MG).

Tem como objetivo compreender como essas crianças experienciam a prática da brincadeira, suas dinâmicas e significados.

As referências teóricas são baseadas em estudos contemporâneos dos campos da sociologia, antropologia e história da infância, cuja perspectiva é o entendimento da criança como sujeito sócio-histórico e cultural.

Foi realizada uma investigação sociológica baseada na observação de grupos de crianças. O objetivo foi observar cotidianos infantis para se

⁹¹ SIMÃO, Márcia Buss. *Concepções de corpo. Infância e educação na produção científica brasileira (1997-2003)*

⁹² CARVALHO, Levindo Diniz. *Infância, brincadeira e cultura.*

apreender o repertório de práticas culturais das crianças, suas interações e a produção de sentidos sobre o que fazem.

Alguns questionamentos serviram de base para o trabalho: Que elementos próprios da inserção social indígena surgem na experiência da brincadeira? Com que dinâmica? Os brinquedos e brincadeiras constituem um repertório de produção cultural próprio da infância? Qual significado dessas experiências para as crianças? Que interpretações podem ser feitas a partir desse repertório?

No trabalho de Barbosa (2008)⁹³ foram apresentadas reflexões e análises a partir de pesquisas desenvolvidas no período de 2001 a 2007, envolvendo docentes que atuam em Centros Municipais de Educação Infantil de Goiânia e alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás.

O estudo tem base no materialismo histórico-dialético. E como objetivo analisar as concepções de criança, evidenciando suas relações com o significado social de infância, bem como com as políticas de Educação Infantil.

O autor destaca a seguinte ideia sobre infância: concepção e o sentimento de infância não são naturais, mas uma construção histórica que expressa elementos do contexto sócio-econômico, político e cultural.

Destaca-se ainda na pesquisa um debate sobre a ideia de “criança cidadã” articulando a discussão à formação de professores.

As contradições e antagonismos que marcam a infância brasileira: a criança é proclamada como “cidadã”, mas sua cidadania é negada nas condições concretas de existência e educação da infância. A visão de infância apresentada hoje em dia é uma visão idealista marcada por traços como desenvolvimento e aprendizados. Essas concepções estão imbuídas de significações ideológicas, tanto na relação da forma como o adulto a vê, quanto como a sociedade a concebe. A criança ainda é percebida como um sujeito que tem potencialidades e que os futuros profissionais da educação que vão atuar diretamente com elas devem deixá-las construírem o mundo que as cercam, por elas mesmas através de suas descobertas individuais. A infância é retratada como algo natural: período da vida, fase maravilhosa, tempo de

⁹³ BARBOSA, Ivone Garcia. Infância e Cidadania: Ambiguidades e contradições na Educação Infantil.

brincadeira, inocência, período sem preocupações, momento em que a criança é livre, fantasias, amor pleno.

O trabalho de Pereira (2008)⁹⁴ tem como tema infância e políticas públicas. Seu objetivo é entender como as políticas para a Educação Infantil se efetivam num contexto menor (município de Curitiba), envolvendo as relações que se estabelecem nessa prática.

Examina as políticas para a Educação Infantil no Brasil e o caráter dado às leis voltadas ao atendimento da criança.

Discute a constituição das instituições destinadas à Educação Infantil no Município de Curitiba, bem como as políticas adotadas no interior destas instituições.

Realiza um levantamento das percepções dos profissionais acerca das políticas adotadas pelo município.

Constata-se por fim que para assegurar os direitos plenos da criança, enquanto cidadã, é necessário superar os preconceitos sociais em relação à educação da criança pequena, com isso, ressalta-se a necessidade de qualificação permanente de seus educadores.

A infância é concebida como “sujeito de direito”, direito de brincar, estar em contato com a natureza, higiene, saúde, alimentação sadia, capacidade de expressão, afeto, desenvolvimento de sua identidade. O autor assevera ainda que no Brasil historicamente, a conceituação de criança, especialmente no que se refere às políticas públicas, está permeada pela marca assistencial e direcionada aquela considerada pobre, desamparada e que necessita da intervenção de terceiros para que venha a se constituir em um cidadão capaz de atender as necessidades da sociedade em que está inserido. Os conceitos de criança e infância contribuem para o entendimento das políticas que são adotadas, visto que estas trazem na sua concepção entre outras questões a compreensão que a sociedade faz do segmento aos quais se destinam.

Registra-se a seleção de um total de 48 (quarenta e oito) trabalhos no GT 7 – Educação de crianças de 0 a 6 anos.

⁹⁴ PEREIRA, Maria Neve Collet. Criança, infância e política na compreensão dos profissionais que atuam na educação infantil em Curitiba.

2.4 GT 2 DA ANPED – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O GT de História da Educação da ANPED – Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação⁹⁵ Nasceu no ano de 1984.

Em 2001 a ANPED realiza sua 24ª Reunião Anual em Caxambu, MG. No Sobre o tema infância encontramos:

O estudo de Veiga e Gouvea (2001)⁹⁶ tem como tema a infância e a história da infância.

Toma por objetivo tratar dos processos múltiplos de formação da identidade infantil a partir de atividades que envolveram a comemoração da infância brasileira, particularmente em Belo Horizonte.

Suas fontes são os jornais da capital mineira, analisando o período entre as décadas de 20 e 40 do século XX, quando tais comemorações se consolidam.

Em relação aos festejos, o autor destaca três eventos que para ele são fundamentais: Um primeiro se refere à comemoração do dia da criança, instituída nacionalmente em 12 de outubro de 1924 e que esteve fortemente relacionada à escola, sendo dirigida basicamente aos (as) escolares. Outro, diz respeito à comemoração da criança pobre, particularmente nas festas de Natal, onde a filantropia esteve fortemente presente, mobilizando diferentes setores da sociedade. O terceiro movimento relacionou-se aos concursos de robustez infantil, iniciados em Belo Horizonte a partir de 1935, sendo este um certame que envolvia toda a cidade, na intenção de comemorar a infância eugênica.

O autor ainda afirma que, a partir de diferentes campos científicos, buscou-se constituir uma identidade para a criança brasileira, passou-se a perseguir o ideal de uma nação civilizada, as representações de criança

⁹⁵ Criada em 1980.

⁹⁶ VEIGA, Cintya Greive. GOUVEA, Maria Cristina Soares. *Uma contribuição para a história da infância: festejos comemorativos da criança.*

projetaram a concepção de infância, como utopia de um novo mundo adulto a ser estabelecido.

Em 2003, a ANPED realiza sua 26ª Reunião em Poços de Caldas MG. Sobre a temática da infância selecionamos:

O estudo de AZEVEDO (2003)⁹⁷ traz como tema infância e educação e pretende verificar como se deu a educação da infância e da mulher no pensamento e na obra de Anália Franco.

O interesse pelo tema, segundo o autor nasceu quando teve contato com o artigo de Kuhlmann Jr. que apresenta novas informações e análises sobre o Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado no Rio de Janeiro, de 27 de agosto a 5 de setembro de 1922.

O autor no interior do trabalho dedica-se em expor a vida de Anália Franco, suas obras e principais idéias, sua contribuição na educação e proteção da infância, na educação e profissionalização da mulher.

Conclui o estudo afirmando que estes breves apontamentos provavelmente não trazem novidades biográficas àqueles que professam o Espiritismo, os quais há muito se dedicam a preservar a memória de Anália Franco, contudo, visa resgatar um pouco dessa história que não pertence apenas aos espíritas e que acredita ser de extrema relevância para quantos vêm estudando a história da educação no Brasil.

O trabalho de Arce (2004)⁹⁸ tem como tema a infância e as pesquisas educacionais.

Seu objetivo é, por meio da análise da produção de teses e dissertações nas áreas de Educação Infantil e História da Educação de 1987 a 2001 nos programas de Pós-Graduação do país, apresentar elementos que forneçam uma visão ampla do que se tem pesquisado a respeito da história da Educação Infantil.

O trabalho encontra-se subdividido em três partes: a primeira 'Considerações Iniciais' apresenta como foi realizado o trabalho; a segunda

⁹⁷ AZEVEDO, Alexandre Ramos de. *Educação da infância e da mulher e outros temas presentes no pensamento e na obra de Anália Franco*.

⁹⁸ Na 27ª Reunião Anual da Anped, realizada em Caxambu, MG, 2004, sobre a temática da infância encontramos: ARCE, Alessandra. *As pesquisas na área da Educação Infantil e a história da educação: re-construindo a história do atendimento às crianças pequenas no Brasil*.

parte intitulada 'As Pesquisas na área de Educação Infantil e seus protagonistas' tem por objetivo apresentar sucintamente de que forma a área de educação infantil tem realizado suas pesquisas voltadas para a história da educação por meio da apresentação de seus protagonistas (pesquisadores e grupos de pesquisa); a terceira parte intitulada 'A Educação Infantil e a História da Educação', elenca e analisa os resultados da pesquisa realizada apontando para possíveis caminhos que fortaleceriam os trabalhos de re-construção da história do atendimento às crianças pequenas em nosso país.

Adota como fonte o material fruto do levantamento realizado junto ao banco de teses da CAPES, que se constitui atualmente no maior banco de dados referente à produção dos Programas de pós-graduação no Brasil.

Na 28ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Caxambu, MG, 2005 encontramos:

O tema principal do estudo de Bastos e Stephanou (2005)⁹⁹ é infância e ações educativas.

O objetivo do trabalho é tomar a literatura como observatório privilegiado das concepções, relações intergeracionais e práticas educativas que uma determinada sociedade, no tempo e no espaço, formulou em relação aos seus jovens e crianças nas primeiras décadas do século XX.

Segundo o autor, nesta época o discurso da higiene, médico-sanitário, promoveu inúmeras práticas educativas voltadas às crianças. Primeiramente, orientando as mães de família - nos dispensários infantis, centros de puericultura e enfermarias de pediatria - quanto aos cuidados e educação das crianças pequenas. O discurso médico sobre a criança também circulou por diferentes campos do social e fez-se presente em muitas experiências que não se restringiram às práticas médicas ou escolares propriamente ditas.

Nessa intenção o autor cita o papel da literatura de caráter didático com as obras dirigidas ao público infante-juvenil.

Ele analisa então a obra *Aventuras no Mundo da Higiene*, do escritor gaúcho Érico Veríssimo (1905-1975), publicada em 1939. Segundo ele, o livro constitui um exemplo paradigmático para examinar os dispositivos que visaram atingir as crianças e formá-las a fim de que se portasse de forma higiênica,

⁹⁹ BASTOS, Maria Helena Câmara. STEPHANOU, Maria. *Infância, higiene & educação*.

condição indispensável à saúde individual e coletiva, requisito ao progresso da pátria.

O trabalho Kuhlmann Júnior (2005)¹⁰⁰ tem como tema infância e história.

O estudo tem como objetivo analisar a educação das crianças de 0 a 6 anos, no Asilo dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, de 1896 até 1950.

Para isso utiliza como fonte os Relatórios dos Mordomos dos Expostos, que eram os administradores do Asilo. A primeira data refere-se à transferência do Asilo para o bairro do Pacaembu e a segunda, ao último Relatório, encontrado no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

O texto divide-se em três partes: primeiro, trabalha com a história do Asilo dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, de 1896 até 1950; em seguida trata da educação dos bebês e, por fim, trabalha a questão da educação no jardim de infância.

Segundo o autor a pesquisa tem permitido analisar a presença de concepções educacionais que tratam a pobreza com preconceito, mas há muito que investigar sobre o cotidiano vivido pelas instituições. As evidências dessas práticas são sugeridas, boa parte das vezes, nas entrelinhas dos textos. Para a composição desses fragmentos em uma interpretação consistente são necessárias a busca, a sensibilidade e a oportunidade de encontrar fontes que forneçam esses dados.

O trabalho de Vieira (2005)¹⁰¹ tem como tema infância e atendimento. O objetivo é conhecer quais concepções de infância estariam subjacentes às propostas de atendimento da Instituição “Associação Casa da Criança de Santos”, no decorrer da Primeira República (1889-1930).

Como metodologia o autor adota pesquisas históricas, iniciadas com a análise documental: os livros de matrícula, livros de atas, regimentos internos e outras fontes disponíveis que possam contribuir com seu trabalho.

¹⁰⁰ KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. ROCHA, José Fernando Teles da. *A educação das crianças de 0 a 6 anos no asilo dos expostos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, 1896-1950.*

¹⁰¹ VIEIRA, Marina Tucunduva B. Porto. *Associação Casa da Criança de Santos na Primeira República: concepções de infância.*

Paralelamente, está em andamento uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de melhor compreensão do tema pesquisado.

Os resultados são parciais já que, segundo o autor, a pesquisa está no início.

A infância é entendida como uma condição existencial. Assim sendo, a criança não é vista como tendo um conjunto de potencialidades pré-determinadas a serem desenvolvidas, nem como um indivíduo a ser controlado, mas um indivíduo com determinadas características biológicas que irá se fazendo Homem no decorrer de sua existência, assim, a concepção de infância está relacionada ao contexto sócio-histórico.

Em 2006, a ANPED realiza sua 29ª reunião. Sobre o tema infância encontramos:

A temática do estudo de Ferreira (2006)¹⁰² é infância e educação.

O texto em questão objetiva compreender como Cecília Meireles, nas décadas de 1920 e 1930, discutia a educação para a diversidade na infância, com ênfase na análise das possíveis contribuições da autora para o processo de constituição da alteridade na infância.

Utiliza como fonte indícios deixados por Cecília Meireles em suas produções escritas, no período de junho de 1930 a janeiro de 1933, publicados no Diário de Notícias do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, na página dedicada a Educação. São cerca de 800 artigos, arquivados na Biblioteca Nacional.

O texto divide-se em partes: num primeiro momento, o autor busca compreender a concepção de infância na família e na escola abordada pela poeta e educadora. Logo em seguida, apresenta a análise inicial dos dados quanto às discussões de educação para a diversidade. Discussões estas acerca da complexidade da rede de referências presente nas imagens que são projetadas pelos adultos na criança, entre outras singularidades da infância.

¹⁰² FERREIRA, Rosângela Veiga Julio. *Infância e educação para a diversidade no discurso jornalístico de Cecília Meireles*.

A autora aproxima a concepção de infância de Cecília Meirelles com a do filósofo Jean Jacques Rousseau. A infância é assim uma etapa do desenvolvimento humano e, portanto da própria natureza humana. Como uma etapa diversa do adulto apresenta características como a falta da razão. A infância é a trajetória da falta de razão, até a razão adulta.

3. CATALOGAÇÃO DE FONTES – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Realizado o mapeamento e a descrição das fontes passamos para outro momento do trabalho ao qual denominamos “catalogação de fontes”.

Sabe-se que o interesse maior desta pesquisa é analisar conceitos de infância procurando desvendar o que revela a produção acadêmica recente sobre o tema.

Assim, os trabalhos descritos foram divididos em três grupos, levando em consideração os seus interiores: Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3 simultaneamente.

Grupo 1 – Conceito de infância priorizado entre os autores; Grupo 2 – Conceito de infância secundarizado pelos autores; e Grupo 3 – Conceito de infância não trabalhado pelos autores.

Ao primeiro grupo de fontes (Grupo 1) pertencem aqueles trabalhos tinham como objetivo tratar exclusivamente do conceito de infância.

Selecionamos como pertencentes a este grupo um total de 4 (quatro) estudos.

3.1. GRUPO 1 – CONCEITO DE INFÂNCIA PRIORIZADO ENTRE OS AUTORES

Local de origem	Ano de publicação	Autor	Título
GT 7 ANPED	2004	SCOTTON, Maria Tereza.	<i>A representação da infância na poesia de Manoel de Barros.</i>
SBHE	2006	VALDEZ, Diana.	<i>. A Infância Na Pedagogia Do Dr. Abilio Cesar Borges: O Barão De Macahubas (1856-1891)</i>
HISTED BR	2007	CALSA, Geiva Carolina.	A representação da concepção de infância na criança e no adolescente em Dom Casmurro.

GT 7 ANPED	2008	OLIVEIRA, Keila Andrea Santiago.	<i>A Concepção De Infância Retratada Nas Obras De Candido Portinari.</i>
---------------	------	-------------------------------------	--

Quadro 1: Primeiro grupo de fontes

Ao segundo grupo de fontes (Grupo 2) pertencem aqueles que trataram de objetivos ou assuntos diversos, mas que em algum momento ocupam-se em descrever o conceito de infância. Reforçamos, tratam do conceito, mas ele não lhes é primordial.

Selecionamos como pertencentes a este grupo um total de 40 (quarenta) trabalhos.

3.2. GRUPO 2 – CONCEITO DE INFÂNCIA SECUNDARIZADO PELOS AUTORES

Local de origem	Ano de publicação	Autor	Título
GT 7 ANPED	1998	SOUZA, S. J. PEREIRA, R. M. R	<i>Infância, conhecimento e contemporaneidade.</i>
GT7 ANPED	1998	BUJES, M. I. E.	<i>O pedagógico na educação infantil - uma releitura.</i>
GT 7 ANPED	1999	GUIMARÃES, D; LEITE, M. I.	<i>A pedagogia dos pequenos: uma contribuição dos autores italianos.</i>
GT 7 ANPED	1999	RAMOS, G. V. F.	<i>O espaço e o cotidiano: relação dialética marcando a prática pedagógica.</i>
GT 7 ANPED	1999	BUJES, M. I. E.	<i>O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder.</i>
GT 7 ANPED	1999	GOUVÊA, M. C. S.	<i>A construção do “infantil” na literatura brasileira.</i>
GT 7 ANPED	2001	BUJES, M. I. E.	<i>Governando a subjetividade: a constituição do sujeito infantil no RCN/EI.</i>
HISTED BR	2001	CRUZ, Cristina Pedrosa.NETO, Wenceslaw	A INFÂNCIA SOCIALMENTE DESAJUSTADA NO BRASIL: do Código Brasileiro de Menores

		Gonçalves	(1979) ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).
SBHE	2002	PAIXÃO, Candida Gomides	O uso da Fotografia como fonte para o estudo da história da infância.
SBHE	2002	KUHLMANN JR. Moysés.	Idéias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, Rio de Janeiro, 1922.
SBHE	2002	DOURADO, Ana Cristina Dubeux.	Imagens da Infância Brasileira na Primeira República: um diálogo entre iconografia, discurso histórico e narrativa literária.
GT 7 ANPED	2003	MULLER, Fernanda.	<i>INFÂNCIAS NAS VOZES DAS CRIANÇAS: culturas infantis, trabalho e resistência.</i>
GT 7 ANPED	2003	COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da.	<i>Jogo simbólico e discurso: uma leitura dialógica do lúdico.</i>
SBHE	2004	KUHLMANN JR, Moysés.	A infância nos almanaques de farmácia (higiene e dietética entre as décadas de 1920 a 1940).
SBHE	2004	OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva.	A infância na pauta da república: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em minas gerais na primeira metade do século xx.
SBHE	2004	GAETA, Maria Aparecida Junqueira de Veiga.	Práticas de representação: as visões de infância em manuais para o ensino das primeiras letras.
GT 7 ANPED	2004	COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos.	<i>Bonecas: objeto de conflito identitário na arena da dominação cultural.</i>
GT 7 ANPED	2004	CRUZ, Silvia Helena Vieira.	<i>OUVINDO CRIANÇAS: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança</i>

			<i>acerca da sua experiência educativa.</i>
GT 7 ANPED	2004	MORO, Catarina de Souza.	<i>As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches.</i>
GT 7 ANPED	2004	LOPES, Jader Janer Moreira.	<i>Estandartes de identidade: o lugar da infância na decoração das escolas.</i>
GT 7 ANPED	2004	MARTINS FILHO, Altino José.	<i>A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância no cotidiano da creche.</i>
GT 7 ANPED	2004	MORAES, Andréa Alzira de.	<i>EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise das concepções de criança e de sua educação nas produções acadêmicas recentes (1997-2002).</i>
GT 7 ANPED	2004	MULLER, Fernanda.	<i>Culturas Infantis na cidade: aproximações e desafios para a pesquisa.</i>
HISTED BR	2005	WALSH, Tania Maria de Amorim	Conceitos de Infância na Realidade Brasileira
GT 7 ANPED	2005	CASTILHANO, Ana Lucia.	<i>O GT 7 da ANPED: direitos e educação da criança pequena.</i>
GT 7 ANPED	2005	AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. SCHNETZLER, Roseli Pacheco.	<i>O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais.</i>
GT 7 ANPED	2005	CORSINO, Patrícia.	<i>Infância, educação infantil e letramento na rede municipal de ensino do rio de janeiro: das políticas à sala de aula.</i>
GT 2 ANPED	2005	VIEIRA, Marina Tucunduva B. Porto.	<i>Associação Casa Da Criança De Santos Na Primeira República: Concepções De Infância.</i>

SBHE	2006	VASCONCELOS, Tania Mara Pereira	<i>Práticas e representações acerca da infância e da escola numa comunidade do interior (1940-1970).</i>
SBHE	2006	SOUZA, Rosângela Ferreira de.	<i>A celebração da infância: os concursos de robustez e a construção de uma infância higienizada em São Paulo (1920- 1930).</i>
SBHE	2006	JÚLIO, Rosângela Veiga. ROCHA, Marlos Bessa Mendes.	<i>O Lugar Da Criança Nos Debates Educacionais De 1930 À Luz Do Pensamento De Cecília Meireles.</i>
GT 2 ANPED	2006	FERREIRA, Rosangela Veiga Julio.	<i>Infância e educação para a diversidade no discurso jornalístico de Cecília Meireles.</i>
GT 7 ANPED	2007	ABRAMOWICKZ, Anete.	<i>O debate sobre a infância e a educação infantil na perspectiva da diferença e da multidão.</i>
GT ANPED 2007	2007	DEMATHE, Tércia Millnitz. CORDEIRO, Maria Helena Baptista Vilares	<i>Representação social de professoras de educação infantil sobre infância: algumas considerações.</i>
GT 7 ANPED	2007	CORSINO, Patrícia. SANTOS, Núbia de Oliveira.	<i>Olhares, gestos e falas nas relações de adultos e crianças no cotidiano de escolas de educação infantil.</i>
GT 7 ANPED	2007	BUJES, Maria Isabel Edelweiss.	<i>Artes de governar a infância: no cruzamento entre a ética e a política.</i>
HISTED BR	2008	LIRA, Aliandra Cristina Mesomo.	<i>Infância E Valor Educativo Dos Jogos: Reflexões A Partir De Manuais Exemplares.</i>
GT 7 ANPED	2008	MOMO, Mariangela.	<i>Condições culturais contemporâneas na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola.</i>

GT 7 ANPED	2008	BARBOSA, Ivone Garcia.	Infância e Cidadania: Ambiguidades e contradições na Educação Infantil.
GT 7 ANPED	2008	PEREIRA, Maria Neve Collet.	<i>Criança, infância e política na compreensão dos profissionais que atuam na educação infantil em Curitiba.</i>

Quadro 2: segundo grupo de fontes

Ao terceiro e último grupo (Grupo 3) pertencem aqueles trabalhos cuja temática é a infância, mas seus autores não ocupam-se em descrever o conceito de infância.

Selecionamos como pertencente a este grupo um total de 37 (trinta e sete) trabalhos.

3.3. GRUPO 3 – CONCEITOS DE INFÂNCIA NÃO TRABALHADOS PELOS AUTORES

Local de origem	Ano de publicação	Autor	Título
GT 7 ANPED	1998	HADDAD, L.	<i>O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil no contexto das políticas para a infância: uma apreciação crítica.</i>
GT 7 ANPED	2001	COUTINHO, A. M. S.	<i>Infância e diversidade: as culturas infantis.</i>
GT 7 ANPED	2001	SABAT, Ruth Ramos.	<i>Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?</i>
GT 2 ANPED	2001	: VEIGA, Cintya Greive. GOUVEA, Maria Cristina Soares.	<i>Uma contribuição para a história da infância: festejos comemorativos da criança.</i>
GT 7 ANPED	2002	OLIVEIRA, Alessandra Mara	<i>Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade</i>

		Rotta de.	<i>da infância no contexto da educação infantil.</i>
GT 7 ANPED	2002	RICTER, Sandra Regina Simonis.	<i>Infância e materialidade: uma abordagem bachelardiana.</i>
HISTED BR	2002	FREITAS, Joseania Miranda	História Social Da Infância: A Construção De Um Grupo De Estudo E Mobilização.
SBHE	2002	ARCE, Alessandra.	Os Pedagogos da Primeira Infância: Pestalozzi e Froebel, uma análise de suas obras educacionais.
SBHE	2002	Filizzola, Ana Carolina Bonjardim	A organização e a disciplinação do lazer da Infância operária nos parques infantis da cidade de São Paulo na década de 1930.
GT 2 ANPED	2003	AZEVEDO, Alexandre Ramos de.	<i>Educa�o Da Infância E Da Mulher E Outros Temas Presentes No Pensamento E Na Obra De Anália Franco.</i>
HISTED BR	2003	ANDREOTTI, Azilde L.	O Jornal A Voz da Infância (1936-50) - fonte de pesquisa para a história da Educa�o.
GT 7 ANPED	2003	BARBOSA, Sílvia Néli Falcão.	<i>Corre, vai, vai mais uma vez! Um estudo exploratório sobre o tempo e o espaço da brincadeira de crianças em um shopping.</i>
GT 2 ANPED	2004	ARCE, Alessandra.	<i>As Pesquisas Na �rea Da Educa�o Infantil E A História Da Educa�o: Re-Construindo A História Do Atendimento �s Crianças Pequenas No Brasil.</i>
SBHE	2004	FREITAS, Marcos Cesar.	Cuidar da infância "rústica": um estudo comparado sobre estratégias educacionais direcionadas às crianças de lugares considerados arcaicos (Portugal e Brasil, 1860-1935).
SBHE	2004	SILVA, Ana Claudia.	Infância e forma�o de professores: concep�es produzidas no instituto de educa�o de Florianópolis nas

			décadas de 1930 e 1940.
SBHE	2004	SILVA, Elizabeth Figueiredo de Sá Poubel.	A infância e sua escolarização: um diálogo entre o Brasil e Portugal.
SBHE	2004	CAMARA, Sonia.	Sob a defesa da República": a produção da infância pobre nos debates jurídicos-educacionais no Brasil e em Portugal nas décadas de 1910-1920.
SBHE	2004	COSTA, Marli de Oliveira.	Infância e educação: a experiência da vila operária mineira próspera em Criciúma SC: 1945-1961.
SBHE	2004	RODRIGUES, Flavia Silvia.	O governo da família e da infância: um estudo a partir da legislação e da literatura pedagógica.
GT 2 ANPED	2005	BASTOS, Maria Helena Câmara. STEPHANOU, Maria.	<i>Infância, higiene & educação.</i>
GT 2 ANPED	2005	KUHLMANN JÚNIOR, Moisés. ROCHA, José Fernando Teles da.	<i>A Educação Das Crianças De 0 A 6 Anos No Asilo Dos Expostos Da Santa Casa De Misericórdia De São Paulo, 1896-1950.</i>
HISTED BR	2005	BENICA, Dalvana Paola.	Trajetória Histórica do atendimento à Infância em Ponta Grossa.
HISTED BR	2005	FERREIRA, Raquel Slobojan	Notas Acerca Da Infância No Brasil Sob A Ótica De Piaget.
GT 7 ANPED	2005	GUIMARÃES, Daniela.	<i>INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS MODERNOS E PÓS-MODERNOS - entre a criança-indivíduo e a criança-acontecimento.</i>

GT 7 ANPED	2005	OLIVEIRA, Fabiana de. ABRAMOWICZ, Anete.	<i>A 'paparicação' na creche enquanto uma prática que inviabiliza a construção de uma educação da 'multidão'.</i>
GT 7 ANPED	2005	SANTOS, Solange Estanislau dos.	<i>Culturas infantis e saberes: caminhos recompostos.</i>
GT 7 ANPED	2005	ARENHART, Deise.	<i>A Educação Da Infância No Mst: O Olhar Das Crianças Sobre Uma Pedagogia Em Movimento.</i>
SBHE	2006	CASTRO, César Augusto	<i>A educação da infância desvalida no maranhão oitocentista: a casa de educandos artífices.</i>
SBHE	2006	FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto.	<i>Educação e infância: as práticas pedagógicas no âmbito do grupo escolar João Pinheiro de Ituiutaba, MG, (1966-1988).</i>
SBHE	2006	BERTO, Rosianny Campos.	<i>Saúde, higiene, educação física e cultura escolar: um olhar sobre a infância a partir da revista educação physica.</i>
GT 7 ANPED	2006	ALCÂNTARA, C. V. M.	<i>Subjetividade e subjetivação: a "criança resistência" nas dobras do processo de socialização.</i>
GT 7 ANPED	2006	BORBA, A. M.	<i>As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos.</i>
GT 7 ANPED	2006	LOPES, J. J.M.	<i>Produção do território brasileiro e produção dos territórios de infância: por onde andam nossas crianças?</i>
GT 7 ANPED	2006	KAPPEL, D. B.	<i>Índice de desenvolvimento infantil no Brasil: uma análise regional.</i>
HISTED BR	2007	SARAT, Magda. Mancini, Ana Paula.	<i>História e memória da educação: instituições escolares e infância no município de Dourados e região - 1940-1990.</i>

GT 7 ANPED	2008	SILVA, Marta Regina Paulo.	<i>Por Uma Pedagogia Da Infância Oprimida: As Crianças E A Infância Na Obra De Paulo Freire.</i>
GT 7 ANPED	2008	CARVALHO, Levindo Diniz.	Infância, brincadeira e cultura

Quadro 3: terceiro grupo de fontes

3.4. APROFUNDANDO A CATALOGAÇÃO: REVELANDO O INTERIOR DAS FONTES

Conforme o interesse desta pesquisa os Grupos 1 e 2 serão tomados em análise. Justificamos tal escolha em decorrência do interior dos trabalhos destes grupos, pois, como pudemos verificar no momento da catalogação, estes se ocuparam em descrever conceitos de infância.

O terceiro grupo irá permanecer apenas como dado de registro. Para esta decisão, partimos do princípio de que cabe ao historiador a escolha de suas fontes. A sensibilidade do historiador é convocada para a eleição do valor do objeto que tem em suas mãos, e para descartar aqueles que não forem identificados de acordo com a problemática central de sua pesquisa.

Ocuparemos agora em aprofundar-nos no interior de nossas fontes. Lembramos que aquilo que denominamos fontes nesta etapa do trabalho são aqueles trabalhos pertencentes aos Grupos 1 e 2: Grupo 1 – grupo dos trabalhos cujo objetivo se deu em tratar exclusivamente do conceito de infância; Grupo 2 – Grupo dos trabalhos que secundarizam o conceito de infância.

Optamos por realizar este aprofundamento dispondo as fontes em quadros, pois acreditamos que dessa forma teremos uma melhor visualização de seus conteúdos o que facilitará a análise posterior. Ressaltamos que a descrição destas fontes já foi realizada na primeira seção desta dissertação.

A disposição das fontes nos quadros a seguir foi realizada de acordo com as seguintes categorias: autor; título; palavras-chave; tipo de apresentação (conferência, comunicação individual, mesa-redonda); tipo de

texto (resumo, trabalho completo); nível da pesquisa (iniciação científica, mestrado, doutorado); fontes utilizadas pelos autores (orais, escritas, imagéticas); principais referências bibliográficas. Tais categorias foram tomadas por sugestão da banca no momento da qualificação.

GRUPO 1	TRABALHO 1
AUTOR	SCOTTON, Maria Tereza.
TÍTULO	A representação da infância na poesia de Manoel de Barros.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, poesia, criança
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (publicações em arquivos, livros, artigos, cartas, jornais e relatórios)
MÉTODO	Análise de documentos escritos.
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.</p> <p>BENJAMIN, Walter. Tradução: Sérgio Paulo Ruanet. Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994a.</p>

Quadro 4: grupo 1 – trabalho 1

GRUPO 1	TRABALHO 2
AUTOR	VALDEZ, Diana.

TÍTULO	A Infância Na Pedagogia Do Dr. Abilio Cesar Borges: O Barão De Macahubas (1856-1891)
PALAVRAS-CHAVE	Infância; pedagogia;
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escrita (livros)
MÉTODO	Análise de documentos escritos
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981. POSTAMN, N. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Quadro 5: grupo 1 – trabalho 2

GRUPO 1	TRABALHO 3
AUTOR	CALSA, Geiva Carolina.
TÍTULO	A representação da concepção de infância na criança e no adolescente em Dom Casmurro.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, concepção, criança, ado.lescente
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo

NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Iniciação científica
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (livros)
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 50-68.</p> <p>POSTMAN, Neil. O Desaparecimento da Infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.</p>

Quadro 6: grupo 1 – trabalho 3

GRUPO 1	TRABALHO 4
AUTOR	OLIVEIRA, Keila Andrea Santiago.
TÍTULO	A Concepção De Infância Retratada Nas Obras De Candido Portinari.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, concepção, iconografia
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Imagéticas (obras de Portinari)
MÉTODO	Análise de fontes imagéticas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.</p>

Quadro 7: grupo 1 trabalho 3

GRUPO 2

GRUPO 2	TRABALHO 1
AUTOR	SOUZA, S. J. PEREIRA, R. M. R
TÍTULO	Infância, conhecimento e contemporaneidade.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, contemporaneidade
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, P. História social da criança e da família. Guanabara, Rio de Janeiro, 1983.</p> <p>BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão (tradução de Sérgio Paulo Rouanet) . São Paulo, Brasiliense, 1984</p>

Quadro 8: grupo 2 - trabalho 1

GRUPO 2	TRABALHO 2
AUTOR	BUJES, M. I. E.
TÍTULO	O pedagógico na educação infantil - uma releitura.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, discurso, educação infantil, pedagógico
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual,	Comunicação individual

mesa-redonda)	
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, Philippe História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.</p> <p>FOUCAULT, Michel Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1993.</p>

Quadro 9: grupo 2 – trabalho 2

GRUPO 2	TRABALHO 3
AUTOR	GUIMARÃES, D; LEITE, M. I.
TÍTULO	A pedagogia dos pequenos: uma contribuição dos autores italianos.
PALAVRAS-CHAVE	Pré-escolas, pedagogia, psicologia
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS	GALLARDINI, Anna Lia. Avaliação

BIBLIOGRÁFICAS	da qualidade no atendimento à infância - texto apresentado no IV Simpósio Latino Americano de atenção à criança de 0 a 6 anos/ II
----------------	---

Quadro 10: grupo 2 – trabalho 3

GRUPO 2	TRABALHO 4
AUTOR	RAMOS, G. V. F.
TÍTULO	O espaço e o cotidiano: relação dialética marcando a prática pedagógica.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, educação infantil, prática
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas, orais, observação
MÉTODO	Análise de fontes escritas, entrevistas, observação participante
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	ARIÉS, P.: História Social da Criança e da Família; Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan, 1981. VYGOTSKY, L. S.: Pensamento e Linguagem. S. Paulo, Ed, Martins Fontes, 1993.

Quadro 11: grupo 2 – trabalho 4

GRUPO 2	TRABALHO 5
AUTOR	BUJES, M. I. E.
TÍTULO	O fio e a trama: as crianças nas

	malhas do poder.
PALAVRAS-CHAVE	Educação, criança, governo
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I - a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997. VEIGA-NETO, Alfredo J. Currículo e cultura. INTERNET: http://www.ufrgs.br/faced/alfredo

Quadro 12: grupo 2 – trabalho 5

GRUPO 2	TRABALHO 6
AUTOR	GOUVÊA, M. C. S
TÍTULO	A construção do “infantil” na literatura brasileira.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, literatura
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais,	Escrita

escritas, imagéticas)	
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIËS, Philippe (1979). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar.</p> <p>CHARTIER, Roger (1990). A história cultural. Lisboa: Difel</p>

Quadro 13: grupo 2 – trabalho 6

GRUPO 2	TRABALHO 7
AUTOR	BUJES, M. I. E.
TÍTULO	Governando a subjetividade: a constituição do sujeito infantil no RCN/EI.
PALAVRAS-CHAVE	Sujeito infantil, subjetividade, governo
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1995a .</p> <p>VARELA, Júlia. O estatuto do saber pedagógico. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 87-96</p>

Quadro 14: grupo 2 – trabalho 7

GRUPO 2	TRABALHO 8
AUTOR	CRUZ, Cristina Pedrosa.NETO, Wenceslaw Gonçalves
TÍTULO	A INFÂNCIA SOCIALMENTE DESAJUSTADA NO BRASIL: do Código Brasileiro de Menores (1979) ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).
PALAVRAS-CHAVE	Infância, social, Brasil
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Iniciação científica
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	1º e 2º Códigos Brasileiros de Menores (Decreto nº 17.943/1927 e Lei nº 6.697/1979 Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990); Códigos Penais Brasileiros de 1830, 1890 e 1940

Quadro 15: grupo 2 – trabalho 8

GRUPO 2	TRABALHO 9
AUTOR	PAIXÃO, Candida Gomides
TÍTULO	O uso da Fotografia como fonte para o estudo da história da infância.

PALAVRAS-CHAVE	Infância, fotografia, história
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Imagéticas e escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas e imagéticas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	BORDIEU, Pierre et alii – Un Moven: Essai sur les Usages Socieuses de la Photographie – Paris, Minuit, 1965. DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios Campinas: Papyrus, 1994.

Quadro 16: grupo 2 – trabalho 9

GRUPO 2	TRABALHO 10
AUTOR	KUHLMANN JR. Moysés.
TÍTULO	Idéias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, Rio de Janeiro, 1922.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, cuidados, educação
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado

FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	QUAGLIO, Clemente. A imaginação nas creanças brasileiras,

Quadro 17: grupo 2 – trabalho 10

GRUPO 2	TRABALHO 11
AUTOR	DOURADO, Ana Cristina Dubeux.
TÍTULO	Imagens da Infância Brasileira na Primeira República: um diálogo entre iconografia, discurso histórico e narrativa literária.
PALAVRAS-CHAVE	Iconografia, literatura infância
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (poesias)
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. São Paulo: Círculo do Livro.

Quadro 18: grupo 2 – trabalho 11

GRUPO 2	TRABALHO 12
AUTOR	MULLER, Fernanda.
TÍTULO	INFÂNCIAS NAS VOZES DAS CRIANÇAS: culturas infantis, trabalho

	e resistência.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, cultura, pré-escola
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Relatos de observação, entrevistas
MÉTODO	Análise de observação e entrevistas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	QUINTEIRO, J. Infância e Educação no Brasil. Um campo de estudos em construção. In: FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). Por uma cultura da Infância: metodologia de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

Quadro 19: grupo 2 – trabalho 12

GRUPO 2	TRABALHO 13
AUTOR	COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da.
TÍTULO	Jogo simbólico e discurso: uma leitura dialógica do lúdico.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, cultura, jogo
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Apresentação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado

FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Observação e filmagem
MÉTODO	Análise de dados da observação e filmagem
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	VYGOTSKY, L.S. (1989a) A Formação Social da Mente , São Paulo, Martins Fontes. WALLON, H. (1979) Psicologia e educação da Criança, Lisboa, Editorial VEJA.

Quadro 20: grupo 2 – trabalho 13

GRUPO 2	TRABALHO 14
AUTOR	MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi
TÍTULO	A infância nos almanaques de farmácia (higiene e dietética entre as décadas de 1920 a 1940).
PALAVRAS-CHAVE	Almanaques de farmácia; Infância; Higiene; Educação.
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (almanaques de farmácia)
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Almanaques Nestlé, Bayer, Biotônico

Quadro 21: grupo 2 – trabalho 14

GRUPO 2	TRABALHO 15
AUTOR	OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva.
TÍTULO	A infância na pauta da república: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em minas gerais na primeira metade do século xx.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, representação, cancioneiro
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (revistas e cancioneiro – coetâneas de músicas)
MÉTODO	Análise de fontes
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Cancioneiro escolar por Branca de Carvalho Vasconcellos

Quadro 22: grupo 2 – trabalho 15

GRUPO 2	TRABALHO 16
AUTOR	GAETA, Maria Aparecida Junqueira de Veiga.
TÍTULO	Práticas de representação: as visões de infância em manuais para o ensino das primeiras letras.
PALAVRAS-CHAVE	Imagem, infância, manuais alfabetizadores
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual

TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Pós doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escrita e imagética (manuais alfabetizadores)
MÉTODO	Análise de fontes
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Traduzido por Dora</p> <p>Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.</p> <p>CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.</p>

Quadro 23: grupo 2 – trabalho 16

GRUPO 2	TRABALHO 17
AUTOR	COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos.
TÍTULO	Bonecas: objeto de conflito identitário na arena da dominação cultural.
PALAVRAS-CHAVE	Criança, boneca, dominação
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Brinquedos (bonecas) observação
MÉTODO	Análise de fontes, observação

	participante.
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÉS, Philippe (1978) História social da criança e da família, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara.</p> <p>WALLON, H. (1979) Psicologia e educação da Criança, Lisboa, Editorial VEJA.</p>

Quadro 24: grupo 2 – trabalho 17

GRUPO 2	TRABALHO 18
AUTOR	CRUZ, Silvia Helena Vieira.
TÍTULO	OUVINDO CRIANÇAS: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa.
PALAVRAS-CHAVE	Criança, voz, ponto de vista
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Orais (entrevista com crianças)
MÉTODO	Análise de fontes entrevistas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>PIAGET, J. (1986). Seis estudos de Psicologia. Rio de Janeiro, Forense.</p> <p>WALLON, H. (1989). As origens do pensamento na criança. São Paulo, Manole.</p>

Quadro 25: grupo 2 – trabalho 18

GRUPO 2	TRABALHO 19
----------------	--------------------

AUTOR	MORO, Catarina de Souza.
TÍTULO	As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches.
PALAVRAS-CHAVE	Educação infantil, mães, creche
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Orais (entrevistas)
MÉTODO	Análise de fontes
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>BUJES, M. I. E. (2001) Escola Infantil: pra que te quero? Em: C. CRAIDY; G. E. KAERCHER. (2001) Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre, Artmed, p.15-22.</p> <p>Kuhlmann Júnior, M. (1998) Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação.</p>

Quadro 26: grupo 2 – trabalho 19

GRUPO 2	TRABALHO 20
AUTOR	LOPES, Jader Janer Moreira.
TÍTULO	Estandartes de identidade: o lugar da infância na decoração das escolas.
PALAVRAS-CHAVE	Espaço, infância, decoração
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual

TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Imagéticas e escritas (fachadas e nomes das escolas)
MÉTODO	Análise de fontes
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>OLIVEIRA, F. de.. A vanguarda do atraso e o atraso da vanguarda. Globalização</p> <p>Neoliberalismo na América Latina. In O Surgimento do antivalor. Rio de Janeiro:</p> <p>Vozes. 1998. pp. 205-221.</p> <p>. POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.</p>

Quadro 27: grupo 2 – trabalho 20

GRUPO 2	TRABALHO 21
AUTOR	MARTINS FILHO, Altino José.
TÍTULO	A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância no cotidiano da creche.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, cultura e creche
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo (pôster)
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais,	Escrita

escritas, imagéticas)	
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	SARMENTO, Manuel J. & Pinto, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (orgs.) As Crianças - Contextos e Identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

Quadro 28: grupo 2 – trabalho 21

GRUPO 2	TRABALHO 22
AUTOR	MORAES, Andréa Alzira de.
TÍTULO	EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise das concepções de criança e de sua educação nas produções acadêmicas recentes (1997-2002).
PALAVRAS-CHAVE	Concepção, produções acadêmicas
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000. VALLA, J. A Análise de Conteúdo. In: Silva, A. S.; Pinto, J. M. (orgs.)

	Metodologia das Ciências Sociais. 10 ed. Lisboa: Afrontamentos, 1999.
--	---

Quadro 29: grupo 2 – trabalho 22

GRUPO 2	TRABALHO 23
AUTOR	MULLER, Fernanda.
TÍTULO	Culturas Infantis na cidade: aproximações e desafios para a pesquisa.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, cultura infantil, sociologia da infância
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo (pôster)
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas, orais (entrevistas)
MÉTODO	Análise de fontes, entrevistas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	ARIÉS, P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Quadro 30: grupo 2 – trabalho 23

GRUPO 2	TRABALHO 24
AUTOR	WALSH, Tania Maria de Amorim
TÍTULO	Conceitos de Infância na Realidade Brasileira
PALAVRAS-CHAVE	Infância, Brasil

TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	DEL PRIORE, M. (org). História da Criança no Brasil. São Paulo, Contexto, 1992. LEITE FILHO, A. Educadoras de Educadores: trajetória e idéias de Heloísa Marinho. Rio de Janeiro, PUC-RIO, 1997. (Dissertação de Mestrado).

Quadro 31: grupo 2 – trabalho 24

GRUPO 2	TRABALHO 25
AUTOR	CASTILHANO, Ana Lucia.
TÍTULO	O GT 7 da ANPED: direitos e educação da criança pequena.
PALAVRAS-CHAVE	GT7, criança, direitos, educação
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais,	Escrita (textos GT7 ANPED)

escritas, imagéticas)	
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIËS, Philippe. História social da criança e da família. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC. 1981.</p> <p>DEL PRIORE, Mary (org.). História das crianças no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Contexto. 2000.</p>

Quadro 32: grupo 2 – trabalho 25

GRUPO 2	TRABALHO 26
AUTOR	AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. SCHNETZLER, Roseli Pacheco.
TÍTULO	O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais.
PALAVRAS-CHAVE	GT7, educação infantil, artigos
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (artigos GT 7 ANPED)
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	KRAMER, S. (Org.). Com a pré-escola nas mãos – Uma alternativa curricular para a educação infantil. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1993.

--	--

Quadro 33: grupo 2 – trabalho 26

GRUPO 2	TRABALHO 27
AUTOR	CORSINO, Patrícia.
TÍTULO	Infância, educação infantil e letramento na rede municipal de ensino do rio de janeiro: das políticas à sala de aula.
PALAVRAS-CHAVE	Concepção, infância, linguagem, letramento
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984. PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Multieducação: Núcleo Curricular Básico. Rio de Janeiro, 1996.

Quadro 34: grupo 2 – trabalho 27

GRUPO 2	TRABALHO 28
AUTOR	VIEIRA, Marina Tucunduva B. Porto.

TÍTULO	Associação Casa Da Criança De Santos Na Primeira República: Concepções De Infância.
PALAVRAS-CHAVE	Casa da Criança, concepção, infância
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (livros de matrículas, livros atas, regimento interno)
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ÁRIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1947.</p> <p>KRAMER, Sonia. A Política do Pré-escolar no Brasil – a arte do disfarce. São Paulo: Cortez, 1995</p>

Quadro 35: grupo 2 – trabalho 28

GRUPO 2	TRABALHO 29
AUTOR	VASCONCELOS, Tania Mara Pereira
TÍTULO	Práticas e representações acerca da infância e da escola numa comunidade do interior (1940-1970).
PALAVRAS-CHAVE	Infância, escola, Serrolândia
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual

TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Orais (entrevistas; imagéticas (fotos))
MÉTODO	Análise de entrevistas e imagens
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1981. DEL PRIORE, Mary (org.). História da Criança no Brasil. São Paulo, SP: Contexto, 1992.

Quadro 36: grupo 2 – trabalho 29

GRUPO 2	TRABALHO 30
AUTOR	SOUZA, Rosângela Ferreira de.
TÍTULO	<u>A celebração da infância: os concursos de robustez e a construção de uma infância higienizada em São Paulo (1920-1930).</u>
PALAVRAS-CHAVE	Higienista, infância, imagem, concurso, robustez
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS	KUHLMANN, Moysés. Infância e Educação Infantil: uma

BIBLIOGRÁFICAS	<p>abordagem histórica. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.</p> <p>KUHLMANN, Moysés. "A circulação de idéias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX". In: Os intelectuais na história da infância. (org) Marcos Cezar de Freitas e Moyses Kuhlmann, São Paulo: Cortez, 2002.</p>
----------------	--

Quadro 37: grupo 2 – trabalho 30

TRABALHO 11	
AUTOR	
GRUPO 2	TRABALHO 31
AUTOR	JÚLIO, Rosângela Veiga. ROCHA, Marlos Bessa Mendes.
TÍTULO	O Lugar Da Criança Nos Debates Educacionais De 1930 À Luz Do Pensamento De Cecília Meireles.
PALAVRAS-CHAVE	Criança, educação, Cecília Meirelles
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Resumo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (obras de Cecília Meirelles)
MÉTODO	Análise se fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>KRAMER, Sonia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 3 ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.</p> <p>LARROSA, Jorge. O enigma da</p>

	Infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, tradução de Alfredo Veiga-Neto. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo horizonte: Autêntica, 1998, p. 183 - 198.
--	--

Quadro 38: grupo 2 – trabalho 31

GRUPO 2	TRABALHO 32
AUTOR	FERREIRA, Rosangela Veiga Julio.
TÍTULO	Infância e educação para a diversidade no discurso jornalístico de Cecília Meireles
PALAVRAS-CHAVE	Infância, educação, discurso, alteridade
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas (obras de Cecília Meireles)
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, Philippe. História Social da Infância e da Família. Rio de Janeiro: Zahar</p> <p>Editora (Trad. Brasileira de L'Enfant et la Vie Familiale dans l'Ancien Regime, 1960), 1997.</p> <p>BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. S. P.:</p>

	Brasiliense, 1994.
--	--------------------

Quadro 39: grupo 2 – trabalho 32

GRUPO 2	TRABALHO 33
AUTOR	ABRAMOWICKZ, Anete.
TÍTULO	O debate sobre a infância e a educação infantil na perspectiva da diferença e da multidão.
PALAVRAS-CHAVE	Povo, multidão, criança, perspectiva
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	FOUCAULT, M. (1977) Vigiar e punir. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes. _____ (1999) Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes. GILES, T. R. (1983) Filosofia da Educação. São Paulo: E.P.U.

Quadro 40: grupo 2 – trabalho 33

GRUPO 2	TRABALHO 34
AUTOR	DEMATHÉ, Tércia Millnitz. CORDEIRO, Maria Helena Baptista Vilares
TÍTULO	Representação social de professoras

	de educação infantil sobre infância: algumas considerações.
PALAVRAS-CHAVE	Formação, educação infantil, professoras, representação
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Orais (entrevistas)
MÉTODO	Análise de entrevistas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

Quadro 41: grupo 2 – trabalho 34

GRUPO 2	TRABALHO 35
AUTOR	CORSINO, Patrícia. SANTOS, Núbia de Oliveira.
TÍTULO	Olhares, gestos e falas nas relações de adultos e crianças no cotidiano de escolas de educação infantil.
PALAVRAS-CHAVE	Professoras, educação infantil, crianças
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo

NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Imagéticas (observações e fotos); orais (entrevistas)
MÉTODO	Observação, entrevistas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	BENJANIM, Walter. Obras Escolhidas I: magia e técnica: arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987a. BENJANIM, Walter . Obras escolhidas II: rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

Quadro 42: grupo 2 – trabalho 35

GRUPO 2	TRABALHO 36
AUTOR	BUJES, Maria Isabel Edelweiss.
TÍTULO	Artes de governar a infância: no cruzamento entre a ética e a política.
PALAVRAS-CHAVE	Infância, governo,
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In:

	<p>RAGO, Margareth ; _____. Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autentica, 2006. p. 13-38.</p> <p>ZABALZA, M. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: ARTMED, 1999.</p>
--	--

Quadro 43: grupo 2 – trabalho 36

GRUPO 2	TRABALHO 37
AUTOR	LIRA, Aliandra Cristina Mesomo.
TÍTULO	Infância E Valor Educativo Dos Jogos: Reflexões A Partir De Manuais Exemplares
PALAVRAS-CHAVE	Jogos, brincadeiras, conteúdos, educação
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.</p> <p>BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Artes de governar a infância: no cruzamento entre a ética e a política. 2007. Texto digitado.</p>

Quadro 44: grupo 2 – trabalho 37

GRUPO 2	TRABALHO 38
AUTOR	MOMO, Mariangela.
TÍTULO	Condições culturais contemporâneas na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola.
PALAVRAS-CHAVE	Imagem, infância, professoras, escola
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Orais (entrevistas e músicas)
MÉTODO	Análise de fontes entrevistas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>ARIÉS, Philippe. História social da infância e da família. Trad. Dora Flaskman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.</p> <p>BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Sobre outdoors ambulantes: ou de como nos transformamos no que somos. A Página da Educação. Portugal, ano XIV, p. 9, 2005a.</p>

Quadro 45: grupo 2 – trabalho 38

GRUPO 2	TRABALHO 39
AUTOR	BARBOSA, Ivone Garcia.
TÍTULO	Infância e Cidadania: Ambiguidades e contradições na Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE	Políticas, infância, educação da infância
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho completo)	Trabalho completo
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	Doutorado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. _____. Estatuto da criança e do adolescente. Lei Federal nº 8.068. Brasília, 1990. _____. Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei Federal nº 9.394, Brasília, 1996.

Quadro 46: grupo 2 – trabalho 39

GRUPO 2	TRABALHO 40
AUTOR	PEREIRA, Maria Neve Collet.
TÍTULO	Criança, infância e política na compreensão dos profissionais que atuam na educação infantil em Curitiba.
PALAVRAS-CHAVE	Políticas, infância, educação da infância
TIPO DE APRESENTAÇÃO (conferência, comunicação individual, mesa-redonda)	Comunicação individual
TIPO DE TEXTO (resumo, trabalho	Trabalho completo

completo)	
NÍVEL DA PESQUISA (iniciação científica, mestrado, doutorado)	mestrado
FONTES UTILIZADAS (orais, escritas, imagéticas)	Escritas
MÉTODO	Análise de fontes escritas
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	ARIÈS, P. História social da criança e da família. Guanabara, Rio de Janeiro, 1983.

Quadro 47: grupo 2 – trabalho 40

Como pudemos observar, o que tomamos por fontes se reduz a um grupo de 44 (quarenta e quatro) artigos. Passemos agora para a sua análise.

4. DAS FONTES SELECIONADAS – UMA ANÁLISE

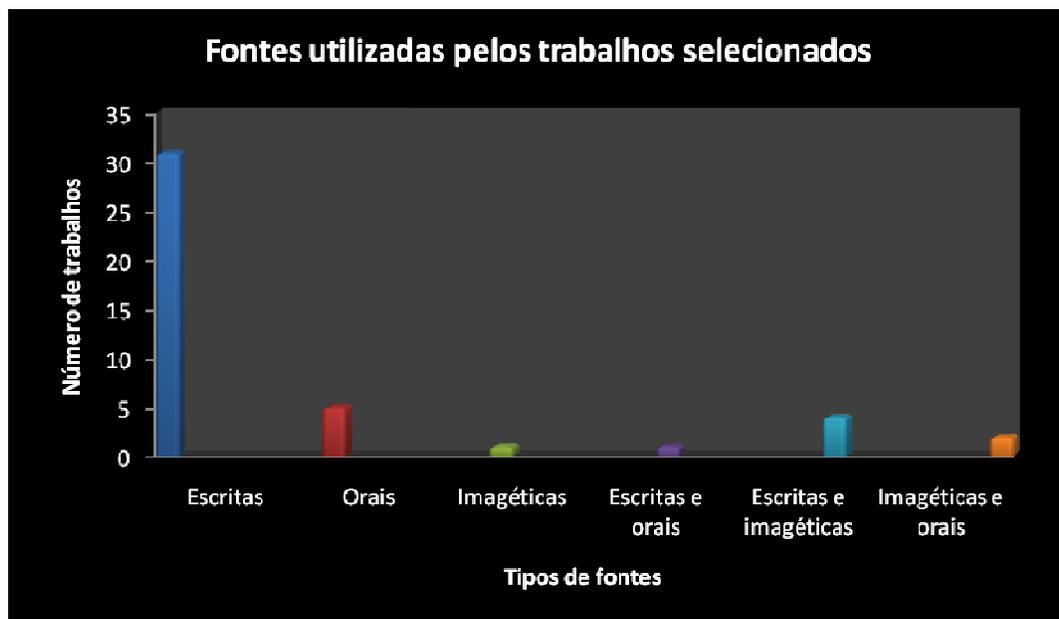
O historiador não realiza constatações, ao contrário, só pode falar segundo testemunhas. A esse respeito ele pode ser comparado ao investigador que se empenha em reconstruir um crime que não assistiu. Ao contrário de constatações ele realiza a leitura de partes da verdade que foram nuançadas. (BLOCH, 2001, p. 69)

A reorganização das fontes em tabelas e quadros tal qual realizamos anteriormente nos possibilitou algumas reflexões que em outro momento não nos foi possível. Isso se deu em detrimento da melhor organização que tal arranjo nos possibilitou.

Toda pesquisa em história supõe que a busca iniciada pelo historiador tenha uma direção. Isso porque os textos, por mais clareza que tenham não “[...] falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001, p. 79). Neste sentido, as reflexões que realizaremos a seguir dizem respeito às fontes dos trabalhos selecionados, ou seja, às fontes de nossas fontes. Nossa preocupação será refletir estes dois grupos de trabalhos¹⁰³ e o tipo de fontes utilizadas por seus autores.

O gráfico a seguir foi construído com base nas fontes utilizadas pelos autores. Elas foram classificadas em seis (6) categorias, as fontes escritas; as fontes orais; as fontes imagéticas; as fontes escritas e orais; as fontes escritas e imagéticas; as fontes imagéticas e orais. Este agrupamento assim se construiu porque alguns autores optaram por mais de um tipo de fonte em seus estudos, tomando algumas vezes entrevistas e fotos, consulta à livros e entrevistas e assim por diante.

¹⁰³ Grupo 1 – Conceito de infância priorizado entre os autores; Grupo 2 – Conceito de infância secundarizado pelos autores.

Tabela 1 – Fontes utilizadas pelos trabalhos selecionados

O gráfico nos mostra as fontes utilizadas pelas pesquisas. Notemos que em sua maioria utilizam fontes escritas. As fontes orais e imagéticas foram utilizadas em menos número.

Gráfico 1 – Porcentagem da utilização de fontes



O gráfico anterior foi criado para melhor visualização da utilização de fontes em pesquisas. Notemos que aproximadamente 70 % (setenta por cento) dos trabalhos optaram por fontes escritas. As fontes puramente orais compõem um quadro de 12% (doze por cento); as imagéticas 3% (três por cento).

De um total de 44 (quarenta e quatro) trabalhos selecionados¹⁰⁴, 31 (trinta e um) tomam como fonte em seus estudos o livro escrito. Este número corresponde à aproximadamente 70% (setenta por cento) do total. São eles: SCOTTON, Maria Tereza. *A representação da infância na poesia de Manoel de Barros*; VALDEZ, Diana. *A Infância Na Pedagogia Do Dr. Abilio Cesar Borges: O Barão De Macahubas (1856-1891)*; CALSA, Geiva Carolina. SOUZA, S. J. PEREIRA, R. M. R. *Infância, conhecimento e contemporaneidade*. BUJES, M. I. E. *O pedagógico na educação infantil - uma releitura*. GUIMARÃES, D; LEITE, M. I. *A pedagogia dos pequenos: uma contribuição dos autores italianos*. BUJES, M. I. E. *O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder*. GOUVÊA, M. C. S. *A construção do "infantil" na literatura brasileira*. BUJES, M. I. E. *Governando a subjetividade: a constituição do sujeito infantil no RCN/EI*. CRUZ, Cristina Pedrosa. NETO, Wenceslaw Gonçalves. *A INFÂNCIA SOCIALMENTE DESAJUSTADA NO BRASIL: do Código Brasileiro de*

¹⁰⁴ Entre eles estão aqueles do Grupo 1 – Conceito de infância priorizado entre os autores; Grupo 2 – Conceito de infância secundarizado pelos autores.

Menores (1979) ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). KUHLMANN JR. Moysés. *Ideias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, Rio de Janeiro, 1922.* DOURADO, Ana Cristina Dubeux. *Imagens da Infância Brasileira na Primeira República: um diálogo entre iconografia, discurso histórico e narrativa literária.* MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. *A infância nos almanaques de farmácia (higiene e dietética entre as décadas de 1920 a 1940).* OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva. *A infância na pauta da república: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em minas gerais na primeira metade do século xx.* MARTINS FILHO, Altino José. *A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância no cotidiano da creche.* MORAES, Andréa Alzira de. *EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise das concepções de criança e de sua educação nas produções acadêmicas recentes (1997-2002).* WALSH, Tania Maria de Amorim. *Conceitos de Infância na Realidade Brasileira.* CASTILHANO, Ana Lucia. *O GT 7 da ANPED: direitos e educação da criança pequena.* AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira. SCNELTZER, Roseli Pacheco. *O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais.* CORSINO, Patrícia. *Infância, educação infantil e letramento na rede municipal de ensino do rio de janeiro: das políticas à sala de aula.* VIEIRA, Maria Tucunduva B. Porto. *Associação Casa Da Criança De Santos Na Primeira República: Concepções De Infância.* SOUZA, Rosângela Ferreira de. *A celebração da infância: os concursos de robustez e a construção de uma infância higienizada em São Paulo (1920-1930).* JÚLIO, Rosângela Veiga. ROCHA, Marlos Bessa Mendes. *O Lugar Da Criança Nos Debates Educacionais De 1930 À Luz Do Pensamento De Cecília Meireles.* FERREIRA, Rosangela Veiga Julio. *Infância e educação para a diversidade no discurso jornalístico de Cecília Meireles.* ABRAMOWICKZ, Anete. *O debate sobre a infância e a educação infantil na perspectiva da diferença e da multidão.* BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Artes de governar a infância: no cruzamento entre a ética e a política.* LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. *Infância E Valor Educativo Dos Jogos: Reflexões A Partir De Manuais Exemplares.* BARBOSA, Ivone Garcia. *Infância e Cidadania: Ambiguidades e contradições na Educação Infantil.* PEREIRA, Maria Neve Collet. *Criança, infância e política na compreensão dos profissionais que atuam na educação infantil em Curitiba.*

Com a escola positivista¹⁰⁵ o documento triunfa. A todo aquele que se voltasse à pesquisa histórica ou historiográfica seria indispensável o recurso denominado documento. Esta ideia de documento, no entanto esteve arraigada a noção de texto.

A produção do conhecimento histórico resultante da escola positivista valorizou a escolha de um grande número de fatos bem respaldados por documentos escritos, de onde se retiravam ou resgatavam os acontecimentos do passado que por sua vez serviam à compreensão da sociedade do presente. A reflexão ou o recurso à interpretação mostrava-se inútil e prejudicial, podendo deturpar o fato e introduzir a especulação. O conhecimento do passado tinha a função de explicar o presente e ajudar a prever o futuro.

O positivismo fez-se presente no Brasil a partir de meados da segunda metade do século XIX. Exemplo disso é que um dos símbolos tradicionais mais importantes da história do Brasil é marcado pela concepção positivista de história: a bandeira brasileira exibe a divisa ordem e progresso, idealizada por Benjamin Constant e defendida por outros importantes positivistas¹⁰⁶ brasileiros.

Ainda entre os trabalhos cujas fontes são documentos escritos, há um grupo de oito que merecem ser destacados. A ênfase nestes trabalhos está no fato que, apesar de utilizarem fontes puramente escritas em seus estudos, tais fontes não foram produzidas com o objetivo de narrar a história ou como diria Bloch, são testemunhos involuntários da história; são testemunhos históricos sem premeditação (Bloch, 2004, p.77). Por meio deles é possível que se realize investigação histórica, mas não foram construídos com tal objetivo.

¹⁰⁵ Seu método de trabalho é o histórico genético indutivo, ou seja, a observação dos fatos, adivinhando-lhes por indução as leis da coexistência e da sucessão, e deduzindo dessas leis, por via da consequência e correlação, fatos novos que escaparam da observação direta, mas que a experiência verificou. Este método é o método real de raciocínio proveniente do concurso de todos os métodos particulares (dedução, indução, observação, experiência, nomenclatura, comparação, analogia, filiação histórica) que constitui, segundo Comte, o método objetivo. (Junior, 1984, p.19)

¹⁰⁶ Positivistas de importância para o Brasil foram Nísia Floresta Augusta (a primeira feminista brasileira e discípula direta de Auguste Comte), Miguel Lemos, Euclides da Cunha, Luís Pereira Barreto, o marechal Cândido Rondon, Júlio de Castilhos, Demétrio Ribeiro, Carlos Torres Gonçalves, Ivan Monteiro de Barros Lins, Roquette-Pinto, Barbosa Lima, Lindolfo Collor, David Carneiro, David Carneiro Jr., João Pernetta, Luís Hildebrando Horta Barbosa, Júlio Caetano Horta Barbosa, Alfredo de Moraes Filho, Henrique Batista da Silva Oliveira, Eduardo de Sá e inúmeros outros.

Vejamos por exemplo os trabalhos de DOURADO, Ana Cristina Dubeux. *Imagens da Infância Brasileira na Primeira República: um diálogo entre iconografia, discurso histórico e narrativa literária*; JÚLIO, Rosângela Veiga. ROCHA, Marlos Bessa Mendes. *O Lugar Da Criança Nos Debates Educacionais De 1930 À Luz Do Pensamento De Cecília Meireles*; e FERREIRA, Rosangela Veiga Julio. *Infância e educação para a diversidade no discurso jornalístico de Cecília Meireles*. As fontes escolhidas são textos literários e poéticos, nelas os autores buscam identificar o conceito de infância.

Tradicionalmente, o texto literário distingue-se do texto das ciências humanas como a filosofia, a psicologia, a sociologia e, mais especificamente, a história, pois ela não tem por intenção comunicar algo relativo a estas ciências. Nestes estudos os autores optam por uma análise histórica que perceba o texto literário como documento da cultura material da sociedade, em diálogo permanente com outras expressões da materialidade, tais como a iconografia, a poesia que também abordam o tema da infância na mesma época. Um dos autores ainda justifica tal opção afirmando que:

Se, por um lado, no Brasil, o discurso político sobre a infância historicamente se expressou através de uma visão padronizada e moldada às expectativas do adulto sobre a criança, o texto literário nos oferece exemplos concretos da realidade vivida pelas crianças e sobre as diversas formas pelas quais elas eram tratadas cotidianamente num mundo dominado por adultos. Um olhar atento aos personagens infanto-juvenis presentes na obra de Machado de Assis, por exemplo, além de proporcionar o acesso a imagens subjetivas sobre o lugar da criança no mundo privado da família nuclear burguesa, revela as contradições entre os diferentes papéis destinados à criança a depender da classe social da qual ela se origina. (DOURADO, 2002, p. 4)

Ainda com relação às fontes escritas aprofundamos a discussão com o trabalho de MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. *A infância nos almanaques de farmácia (higiene e dietética entre as décadas de 1920 a 1940)*; KUHLMANN JR. Moysés. *Ideias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, Rio de Janeiro, 1922* e OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva. *A infância na pauta da república: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em Minas Gerais na primeira metade do século XX*. Ambos utilizam a imprensa como fonte de pesquisa. Revistas, almanaques de

farmácia com instruções para a infância da época tratada, almanaques da Nestlé, Bayer, Biotônico, etc.

De Luca (2005, p. 111) realiza um estudo acerca dos periódicos como fontes de pesquisa em História. Segundo a autora, “[...] até a década de 70 eram raros os trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da História no Brasil”. A preocupação se dava muito mais em relatar a história da imprensa, mas era preciso mobilizar os trabalhos para a escrita da história por meio da imprensa e não para a imprensa. Isso, no entanto só aconteceria se os pesquisadores utilizassem os jornais impressos como fontes documentais. Para a tradição positivista da época isso era praticamente impossível devido aos limites impostos á tradição historiográfica do século XIX que tinham como pressuposto a busca da verdade. Para realizar esta tarefa o historiador “[...] deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo.” (DE LUCA, 2005, p. 112)

Nestas condições os jornais e a imprensa em si “pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e Paixões”. (DE LUCA, 2005, p. 112).

Esta visão passa a ser questionada a partir da década de 30, quando os adeptos da *Escola dos Annales* passam a reconhecer a importância dos meios impressos nas pesquisas históricas. Apesar de um significativo reconhecimento da imprensa como fonte de pesquisa, o reconhecimento de fato só aconteceu pela intermediação da terceira geração dos *Annales*. Novas perspectivas são lançadas nas análises históricas cujas temáticas passavam a incluir :

[...]o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens, as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História. (DE LUCCA, 2005, p. 113)

Com a nova história, inaugurada com a escola dos Annales¹⁰⁷ houve a ampliação desta noção de documento. Ao contrário da história objetiva do século anterior, os Annales inauguram a fotografia, a análise de imagens, os testemunhos involuntários, as técnicas quantitativas, o método serial, a análise iconográfica, a cartografia e o movimento micro-histórico, entre muitas outras, atuando na investigação de todo tipo de fontes e dados. (ROJAS, 2004, p. 31)

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreajuda que supre a ausência do documento escrito?(FEBVRE apud Le Goff, 2006, p. 530).

Sabemos que os historiadores, os “[...] exploradores do passado não são homens completamente livres. O passado é seu tirano. Proíbe-lhes conhecer a si qualquer coisa a não ser o que ele mesmo lhes fornece (conscientemente ou não)” (BLOCH, 2004, p.75). Desta forma não pretendemos classificar os grupos de trabalhos como positivistas ou seguidores da escola dos Annales. Nosso objetivo é o de mostrar como uma tradição teórica positivista ainda influencia em grande parte aqueles que se dedicam a pesquisar a infância, e como esta tradição modela os pensamentos em torno do que pode ser dito ou concebido por infância.

¹⁰⁷ A escola dos Annales não é uma escola no sentido estrito do termo, ou em todo caso apenas o seria no sentido de uma escola literária ou artística. Criada no dia 15 de janeiro de 1929, com a publicação do primeiro número dos *Annales d'Histoire Économique ET Sociale* – os Annales converteram-se em uma referência obrigatória para os historiadores de todo o mundo, ao mesmo tempo em que um dos principais interlocutores de uma inovação historiográfica. (ROJAS, 2004, p. 09)

Para entender como as Ciências Humanas, em especial a História, estabeleceram suas representações acerca da realidade pautados em teorias científicas racionais faz-se necessário voltar às origens de sua racionalidade.

Manifeste-se essa racionalidade como uma razão sociológica, ou uma razão psicológica, ou uma razão econômica, ou uma razão histórica, ou uma razão política e assim por diante, ela se articulou nos últimos 300 anos, tomando de empréstimo o tipo de racionalidade sistematizada pelos fundadores da Nova Ciência – Descartes, Newton, Bacon e especialmente Galileu. (VEIGA-NETO, 2002, p. 25)

Estimulados pelas conquistas científicas destes homens e pelos avanços nas ciências da natureza os métodos e as lógicas foram também usados para entender e analisar fenômenos do mundo como o social, o econômico, o psicológico, o histórico, etc. Esse empréstimo deu origem ao positivismo, teoria que hipoteticamente afirmamos, têm influenciado alguns pesquisadores até os dias atuais.

Tal influência nos foi revelada com a questão da escolha de suas fontes, como o livro, a fonte escrita ainda predomina em suas pesquisas. A nossa ênfase está na maneira como uma tradição moderna, Iluminista ainda predomina entre os pesquisadores, especialmente entre aqueles que se preocupam em tratar da infância. A ideia presente ainda está pautada na crença de que o livro, aquilo que foi escrito, é a base de todo o conhecimento humano, fonte de verdade, ferramenta capaz de explicar o mundo.

Com relação aos documentos históricos, Bloch (2004) afirma que o "stock de documentos", de que a história dispõe não é limitado; sugere não utilizar exclusivamente os documentos escritos e recorrer a outros materiais: arqueológicos, artísticos, numismáticos, etc. Bloch entende que explorar novos documentos, é também descobrir novos domínios.

Em Bloch (2004, p. 70) encontramos que, a maior parte dos pesquisadores em história sempre irão beber nos testemunhos do passado e encontrar neles uma grande parte de sua substância. Ora, não criticamos tal posição, pois entendemos que beber naquilo que já foi produzido é papel da historiografia. No entanto, Bloch (2004, p. 71) nos alerta para o fato de que este não é um lugar muito bom para ser informado com segurança. É nos testemunhos à revelia (BLOCH, 2004, p. 77) que a "[...] investigação histórica,

ao longo de seus progressos foi levada a depositar cada vez mais sua confiança.”

[...] inscrições, papiros, moedas. Pedacos inteiros do passado só puderam ser reconstituídos assim: toda a pré-história, quase toda a história econômica, quase toda a história das estruturas sociais. (BLOCH, 2004, p. 77)

Não que estes vestígios do passado tenham maior veracidade do que os outros, eles estão da mesma forma passíveis de erro e de mentira. No entanto estes indícios, que o passado deixa cair ao longo de sua estrada, ali ficaram sem premeditação.

Todo documento deve ser submetido a uma crítica mais radical para que não ajamos de forma passiva diante deles. Nesse sentido, a clareza sobre a distinção entre documento e monumento¹⁰⁸ faz-se fundamental. Um escrito, um texto, as fontes que tomamos neste estudo são muito mais frequentemente monumentos do que documentos. O que transforma um documento em monumento é a sua utilização pelo poder, ou seja, a utilização por aquele que o escreve.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2003, p. 536)

Tomar as fontes por monumentos supõe adentrar o seu interior a fim de refletir os mecanismos que as fizeram se constituir desta forma. Desnaturalizar conceitos, questionar verdades, pensar o porquê aqueles que se aplicam a tratar do conceito de infância o fazem daquela maneira, é conceber nossas fontes desta forma. Antes de aceitar uma peça como autêntica é preciso questionar, empenhar-se em investigar.

Ainda com relação às fontes, destacamos um outro grupo de trabalhos que se ocupa em analisar fontes orais. Tais fontes compõem-se de entrevistas, sejam elas estruturadas ou não, filmagens, relatos colhidos por meio de observação de campo. Daqueles que se dedicaram puramente a fontes orais

¹⁰⁸ Termo aprendido em Le Goff (2003)

temos um total de 5 (cinco) trabalhos. Este número corresponde a aproximadamente 12% dos trabalhos selecionados. Neste grupo ainda podemos incluir aqueles que mesclaram suas fontes entre escritas e orais (1 trabalho – aproximadamente 3% do total) e imagéticas e orais (2 trabalhos – aproximadamente 5 % do total de trabalhos).

Os trabalhos que se dedicam à análise de fontes orais são: 1 - MULLER, Fernanda. *INFÂNCIAS NAS VOZES DAS CRIANÇAS: culturas infantis, trabalho e resistência*. 2 - CRUZ, Silvia Helena Vieira. *OUVINDO CRIANÇAS: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa*. 3 - MORO, Catarina de Souza. *As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches*. 4 - DEMATHÉ, Tércia Millnitz. CORDEIRO, Maria Helena Baptista Vilares. *Representação social de professoras de educação infantil sobre infância: algumas considerações*. 5 - MOMO, Mariangela. *Condições culturais contemporâneas na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola*.

Dentre aqueles trabalhos cujas fontes são escritas e orais encontramos RAMOS, G. V. F. *O espaço e o cotidiano: relação dialética marcando a prática pedagógica*.

Dos que se dedicaram às fontes imagéticas e orais temos CORSINO, Patrícia. SANTOS, Núbia de Oliveira. *Olhares, gestos e falas nas relações de adultos e crianças no cotidiano de escolas de educação infantil* e VASCONCELOS, Tania Mara Pereira. *Práticas e representações acerca da infância e da escola numa comunidade do interior (1940-1970)*.

Construir uma história com fontes orais, a chamada História Oral ou Método Biográfico, é registrar a história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertence. Muitas dessas memórias são chamadas de subterrâneas, porque ficam à margem da história oficial.

Ao registrar as informações das testemunhas em fitas magnéticas de áudio ou vídeo, se tem em mãos um instrumento importante para a

compreensão do passado recente. O pesquisador com o desenvolvimento do método da História Oral não depende mais, unicamente, dos textos escritos para estudar o passado.

A História Oral também possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais geralmente excluídas da história oficial possam ser ouvidos deixando registradas para análises futuras, sua própria visão de mundo e aquela do grupo social ao qual pertencem. É abandonar a antiga tradição positivista de contar a história sempre do ponto de vista dos heróis, e “[...] explorar a história do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante” (SHARPE, 1992, p. 40). É a história “[...] vista de baixo” (SHARPE, 1992, p. 41).

A primeira geração de historiadores que se dedicaram à construção da História Oral surgiu na década de 50, nos Estados Unidos. As primeiras pesquisas ficaram restritas à área da Ciência Política e ao estudo dos “notáveis”. Após a década de 1960 nasce uma nova concepção de História Oral. Aquela dotada de fonte de uma história multidisciplinar, embasada principalmente pela teoria e por métodos provenientes das Ciências Sociais (aqui, da Antropologia e da Sociologia). No Brasil, nasce nos anos 70, mas somente nos anos 90 a história oral expandiu-se no país. Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral¹⁰⁹.

Utilizar fontes orais para os estudos é construir uma história cujo objetivo é resgatar e valorizar a história dos vencidos. Uma história preocupada com as diversas minorias, dos excluídos, e essencialmente (,) neste trabalho tratar da infância, instituição social por tanto tempo negligenciada da história.

¹⁰⁹ A Associação Brasileira de História Oral é uma associação que congrega estudiosos e pesquisadores das diferentes áreas das Ciências Sociais voltados para trabalho no campo da História Oral. Foi criada no dia 29 de abril de 1994, no Rio de Janeiro, durante o II Encontro Nacional de História Oral, como resultado de um processo que havia iniciado em 1992, no Congresso América 92, quando os debates sobre a necessidade de uma associação começaram a se delinear. A metodologia da História Oral constitui um espaço privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação social pelos indivíduos de uma mesma formação social. Os relatos pessoais, matéria-prima da História Oral, constituem um lugar para verificar a liberdade de que as pessoas dispõem e para se observar como funcionam concretamente os sistemas normativos. São essas questões que explicam a vitalidade e a demanda de que a História Oral é alvo na atualidade. (In: <http://historiaoral.vilabol.uol.com.br/apresentacao.htm>. Acesso em 12 jan. 2010)

MULLER, Fernanda. *INFÂNCIAS NAS VOZES DAS CRIANÇAS: culturas infantis, trabalho e resistência* e pretendem dar voz às crianças. Adentrar o interior das instituições de educação infantil para saber o que as crianças têm a dizer sobre sua própria infância e sobre sua história.

Ao perguntar para Carlos sobre o que mais gostava de fazer na escola, notei que ficou pensativo, com certa timidez. Outra menina, que estava ao lado e nos olhava, quebrou o silêncio e respondeu: “O que ele mais gosta é de incomodar. As crianças entendem que incomodar significa: 1) conversar enquanto realiza a atividade; 2) sair do lugar quando ainda não é permitido; 3) correr dentro da sala; 4) desobedecer à professora. Isso quer dizer que as crianças atribuem essa ação de resistência a determinados meninos, como se fossem manifestações individuais. Aqueles que resistem permanecem com um clichê negativo ou mesmo recebem uma intervenção punitiva da professora, como, por exemplo, ficar de costas para os/as colegas cheirando o quadro-negro. (MULLER, 2004, p. 10)

CRUZ, Silvia Helena Vieira. *OUVINDO CRIANÇAS: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa* também se preocupa em beber nos relatos infantis para a construção de sua pesquisa. Notemos por exemplo o diálogo estabelecido entre o pesquisador e a criança acerca da instituição de educação infantil:

P: O Paulo era primo do Carlinhos e da Renata. Ele tinha cinco anos e também ia na mesma creche. Sabe o que mais ele gostava de lá?
 C: Brincar de boneco e de boneca.
 (...)
 P.: Tu já disse brincar de boneca, brincar de boneco... E o que mais ele gostava na creche?
 C. : De boneca.
 P.: Só gostava de brincar? Não gostava de outra coisa?
 C: Não. (CRUZ, 2004, p. 11)

Para os historiadores tradicionais, o relato não é digno de crédito como fonte histórica, isto porque é distorcida pela deterioração física na velhice, pela nostalgia, pela pretenciosidade do entrevistado e do entrevistador e pela influência de versões coletivas. Os trabalhos de MORO, Catarina de Souza. As

concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches; DEMATHÉ, Tércia Millnitz. CORDEIRO, Maria Helena Baptista Vilares. Representação social de professoras de educação infantil sobre infância: algumas considerações e MOMO, Mariangela. Condições culturais contemporâneas na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola, utilizam dos relatos, entrevistas e memórias de mães de alunos e de professores. A escola tradicional, e sobretudo positivista, dificilmente daria créditos a um trabalho que revela as vozes das mães das crianças, mulheres pobres, usuárias de “creches” para a educação de seus filhos ou de professores de educação infantil.

Moro (2004) traz relatos daquilo que, para as mães entrevistadas representa a função da creche:

A creche serve para ajudar as mães que trabalham fora mas pode servir para tirar as crianças da rua. Não é só cuidar porque tem escolinha. A criança tem que estar com outras crianças. (MORO, 2004, p. 7)

Demathé e Cordeiro (2007) tratam das representações da infância pelos professores pesquisados. Tenta desvendar o que os professores de uma dada instituição infantil têm para si como pertencentes à infância, o que conceituam como infância.

A constatação de que o contexto social mudou e que as crianças de hoje já não realizam as mesmas atividades (brincadeiras), nem têm um espaço previamente delimitado nas relações sociais, leva-as a concluir que a infância está ameaçada de extinção. A imagem de criança é a imagem do eu-criança, que não comporta o enclausuramento das crianças em espaços reduzidos e a substituição dos grupos de amigos por aparelhos eletrônicos. O que é intrigante nesta representação é o fato de ela ser compartilhada por professoras que vivem e atuam em um município predominantemente rural, com um número reduzidíssimo de prédios de apartamentos. (DEMATHÉ; CORDEIRO, 2007, p. 13)

Na mesma direção, Momo (2008) também utiliza relatos de professores sobre a infância que vai à escola:

Entre alunos maiores de dez anos é muito comum encontrar práticas em que colocam o piercing furando o nariz, ou outras partes do corpo, com um brinco. São práticas que ferem o

próprio corpo. Usam uma agulha de costura, aquecendo-a e imergindo sua ponta em tinta de caneta para desenhar sob a pele; usam um brinco ou um clipe para perfurar a cartilagem do nariz ou do umbigo para colocar o tão desejado piercing. Às vezes os alunos, ainda muito pequenos, utilizam água oxigenada ou papel crepom para tornar os cabelos (des)coloridos de acordo com a moda do momento. Uma das grandes tendências de 2006, inspirada nos personagens da novela Rebelde, era pintar ou descolorir os cabelos, ou então imitar o corte de cabelo de jogadores de futebol. (MOMO, 2008, p. 13)

A história oral capaz de resgatar as vozes das crianças, das mães, dos professores é não só tomada como um método de trabalho, mas também como uma ciência que nos permite entender que existe muito mais a ser conhecido por evidências tão pouco exploradas. A história vista de baixo nos permite:

[...] convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que vivemos em algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos. (SHARPE, 1992, p. 62)

Ainda com relação às fontes temos aqueles trabalhos que se basearam em fontes imagéticas para a construção de seus estudos. Das fontes puramente imagéticas temos 1 (um) trabalho, o que corresponde a aproximadamente 3% do total de trabalhos selecionados. É ele: 1 - OLIVEIRA, Keila Andrea Santiago. *A Concepção De Infância Retratada Nas Obras De Candido Portinari*. Daqueles que mesclam as fontes escritas e imagéticas temos 4 (quatro) trabalhos, número que corresponde a aproximadamente 10% do total. São eles: 1 - PAIXÃO, Candida Gomides. *O uso da Fotografia como fonte para o estudo da história da infância*. 2 - COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. *Jogo simbólico e discurso: uma leitura dialógica do lúdico*. 3 - GAETA, Maria Aparecida Junqueira de Veiga. *Práticas de representação: as visões de infância em manuais para o ensino das primeiras letras*. 4 - LOPES, Jader Janer Moreira. *Estandartes de identidade: o lugar da infância na decoração das escolas*.

O estudo de Paixão (2002) traz uma discussão que pode nos auxiliar. Para a autora a forma com a qual se tem reconstituído a História da Infância no Brasil ainda se mantém muito presa aos modelos da historiografia tradicional no que diz respeito às fontes. A fotografia quando utilizada, serve apenas como ilustração. Embora novas propostas e tentativas venham sendo implementadas e discutidas, há um campo aberto para a reflexão quanto à utilização de imagens. E é este exatamente o objetivo do trabalho apresentar algumas reflexões sobre a utilização da imagem fotográfica como fonte documental na investigação da construção da noção de infância no Brasil.

Até os trinta primeiros anos do século XX eram consideradas fontes para o estudo histórico apenas os documentos escritos. No entanto, desde o século XIX o historiador Fustel de Colanges, afirmava que onde havia marcas humanas havia história. Em 1929, Bloch (2004) tematiza a importância do caráter generalizador dos testemunhos para a história. Tal tema abre as portas para a Nova História e para novos “textos” como a pintura, cinema e fotografia. Desde então a imagem vem sendo trabalhada como fonte para o estudo histórico e transformada em objeto de pesquisas. Desta forma os pioneiros da nova história e da Escola dos Annales insistiram na necessidade de ampliar a noção de documentos.

Para (CARDOSO, s/d, p.404) a imagem é:

[...] um texto-ocorrência em que a iconicidade tem a natureza de uma conotação veredictória (um juízo), culturalmente determinada: se quiser, uma espécie de faz-de-conta ‘realista’ de fundo cultural.

Utilizar fotografias como fontes nas pesquisas históricas e, em especial, nas do campo da história da educação, é uma prática bastante recente e ainda muito restrita. Ainda há uma grande resistência contra o uso da imagem nas pesquisas, resistência esta, pautada na consideração de que elas são simples elementos ilustrativos sem densidade histórica.

Oliveira (2008) nos demonstra isso ao buscar a representação da infância nas obras do artista Cândido Portinari. Não podemos esquecer-nos do exemplo de Phillipe Ariés que por meio de imagens – um estudo iconográfico – também realizou sua pesquisa sobre as crianças e as famílias. Foi ele quem

inaugurou, assim podemos dizer, tal prática nos estudos sobre a infância. Para a autora o estudo da imagem rompe com a estrutura tradicional de pesquisa em história da infância.

Olhar a obra de Portinari remete a uma produção que exige uma análise, no mínimo, mais criativa, que não pode se prender a uma redução cartesiana e simplista, que se encaixa num método rigoroso e técnico. Seu trabalho, como processo cognitivo excepcional, revela aspectos inspirados na visão social, de um artista engajado nas lutas do povo e consciente da realidade de desventura de seu país. É de esperar, portanto, que a concepção de infância por ele retratada tenha um foco diferenciado, que conjugue elementos históricos, sociais, culturais, fugindo da reprodução de uma criança direcionada pelos objetivos mercadológicos. (OLIVEIRA, 2008, p. 5)

Gaeta (2004, p. 2) busca nas cartilhas as representações da infância, num estudo de imagens ilustradas e de fotos a autora encontra aquilo que é retratado sobre o universo infantil. “[...] observa-se a produção de um imaginário em que a infância é retratada como um tempo feliz, inocente, delineando um modelo em que se deseja uma criança perenizada.”

Lopes (2004) analisa as imagens contidas no que ele denomina estandarte, ou seja, nas fachadas externas das escolas. Para ele, as imagens da infância tem sido retratada de tal forma que :

A infância figurada está sendo lentamente retocada e definida a partir de novos traços que marcam o que é ser criança, convencionados pelo mercado consumidor. O mesmo capital que construiu o sentido moderno de infância burguesa está fazendo-a desaparecer. Diferente, portanto, da afirmação defendida por alguns sobre o fim da infância (como é o caso de Postman, 1999), o que poderíamos afirmar é o fim de uma infância constituída temporalmente e não o fim de uma posição social do ser criança, o que temos é o estabelecimento de novos feixes sociais que reordenam suas identidades e sentidos. (LOPES, 2004, p. 4)

É constatável que as imagens, a fotografia muitas vezes, têm sido inseridas nas narrativas das investigações e utilizadas como fontes. Entre a imagem e a realidade que representa existe uma série de mediações que fazem com que a imagem não seja uma restituição, mas uma reconstrução da realidade.

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2003 p. 547)

5. DAS INFÂNCIAS PESQUISADAS - CONCEITOS

Após o estudo das fontes pudemos perceber que aqueles que pesquisam a infância e, mais especificamente, o conceito de infância tem seguido duas vertentes ou métodos de pesquisa em história da educação, o positivismo - cerca de 70% (setenta por cento) dos trabalhos – e a nova história, ou micro-história – cerca de 33% (trinta e três por cento) dos trabalhos.

Notamos que a maior parte dos pesquisadores utiliza o documento livro como fonte de estudo e pesquisa e de lá é que extraem aquilo que tomam por infância, ou o que conceituam como pertencente ao universo infantil em seus trabalhos.

Se a fonte de pesquisa é o livro, então a infância relatada é a infância dos livros. Desta forma torna-se fundamental para nós, pesquisadores do conceito de infância verificar que infância é esta. Ora, se os conceitos de infância de trabalhos contemporâneos ainda são retirados em sua maioria de livros, fontes escritas, talvez seja necessário adentrar um pouco mais o interior destes trabalhos a fim de conhecer que conceitos são estes, a que teóricos fazem relação e qual é a bibliografia predominante, pois neste momento partimos da hipótese de que a infância dos livros não é como a contemporânea. Talvez não tenhamos mais em nossos dias a infância relatada nos trabalhos.

Pesquisar a infância nos remete a algumas reflexões sobre este período de vida ainda não compreendido em sua totalidade pelos pesquisadores. Como objeto de estudo, ela é sempre o outro em relação à pessoa que fala, dificilmente ela assume o lugar da primeira pessoa, do sujeito do discurso.

No Brasil, no início dos anos noventa do século XX a produção acadêmica em torno da infância assinalava grandes sinais de evolução, principalmente nas áreas das Ciências Sociais e de História. Os títulos de livros sobre a infância que começam a aparecer com regularidade no Brasil a partir dessa época traziam a impressão de que grandes avanços ocorreriam com relação a estes estudos.

No entanto, mais de quinze anos depois, a realidade não confirmou os sinais do prenúncio. O aumento das pesquisas se manteve lento, e os estudos publicados no Brasil demonstraram certa homogeneidade conceitual e analítica. (WARDE, 2007, p. 22).

A bibliografia brasileira sobre crianças pequenas é relativamente pobre. Com exceção da Publicação Primeira Infância (IBGE, 2000), não dispomos de textos atuais que tratem das múltiplas esferas da condição de vida das crianças pequenas. Para este grupo etário, a bibliografia é relativamente abundante no que diz respeito à educação infantil, à mortalidade infantil e à desnutrição. A produção acadêmica encontra-se dispersa, publicada predominantemente em revistas de educação, psicologia, serviço social, história e saúde pública. A infância mais tardia e a adolescência têm ocupado mais a atenção de educadores e assistentes sociais, sendo que a sociologia e a antropologia têm evidenciado menor interesse. (ROSEMBERG, 2006, p. 2)

Alguns teóricos têm se destacado na bibliografia de estudos sobre a infância do Brasil. Entre os grandes nomes¹¹⁰ brasileiros podemos citar Moysés Kuhlmann Júnior¹¹¹ e Maria Isabel Edelweiss Bujes¹¹². Não podemos nos esquecer também da forte influência de autores estrangeiros como Neil Postman¹¹³ Philippe Ariés¹¹⁴ e Colin Heywood¹¹⁵.

¹¹⁰ Esta afirmação advém do levantamento realizado neste estudo. Os nomes de tais autores são predominantes entre a bibliografia daqueles que estudam a infância.

¹¹¹ Atualmente é professor associado doutor da Universidade São Francisco, onde lidera o Grupo de Pesquisa "Infância, História e Educação", e pesquisador senior da Fundação Carlos Chagas, onde é vice-líder do Grupo de Pesquisa "Educação Infantil: história, políticas e práticas". Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação infantil, história da infância, circulação de idéias educacionais, historiografia e história da educação. (Texto informado pelo autor na plataforma Lattes – ver : <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4797830T4>)

¹¹² Doutora em Educação (UFRGS), obteve seu título de doutoramento com a tese "Infância e maquinarias", um estudo de inspiração foucaultiana sobre a temática do governo da infância. Seus interesses de pesquisa na área de Educação Infantil estão associados à sua experiência como professora dessa habilitação nos cursos de Pedagogia da UFRGS e da ULBRA. Como pesquisadora da infância tem se dedicado especialmente ao estudo das relações entre infância e poder, investigando os discursos pedagógicos e suas relações com a constituição das identidades docentes e infantis. Suas publicações mais recentes (artigos, capítulos de livros, participação em congressos) abordam os dispositivos de subjetivação (de crianças, professoras, famílias...) e a sua mudança de inflexão de uma lógica disciplinar para uma lógica de controle. Foi Diretora da Faculdade de Educação da UFRGS (1992-1996) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ulbra (2002-2005)

¹¹³ Neil Postman é professor titular do Departamento de Comunicação da Universidade de Nova York. Tem mais de vinte livros publicados, dos quais boa parte trata das conexões entre mídia e educação. Destacam-se *Amusing Ourselves to Death*, *Conscientious Objections*,

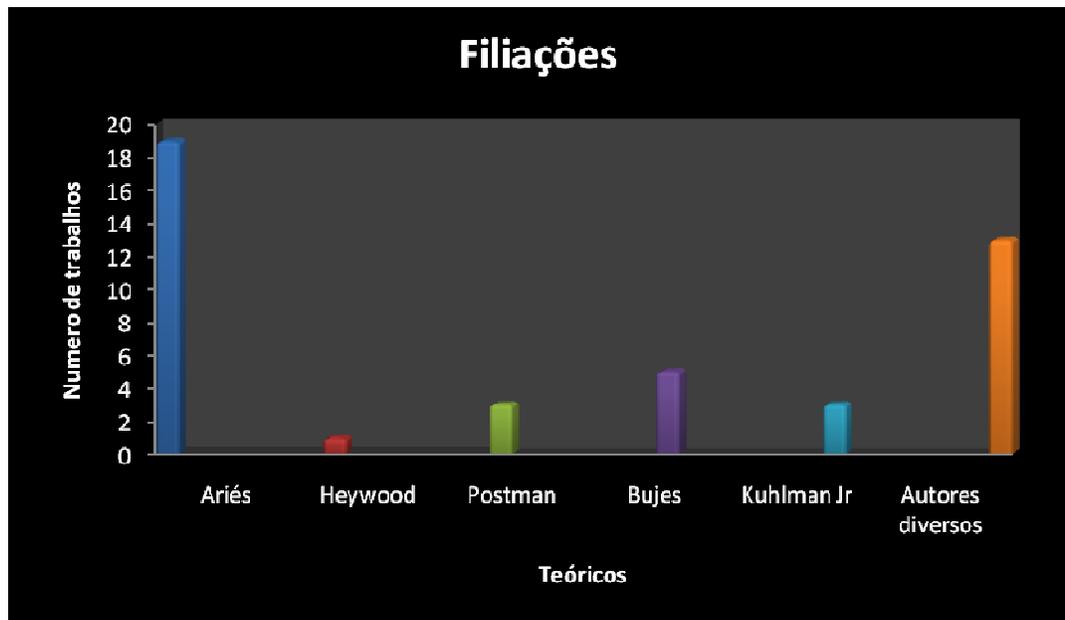
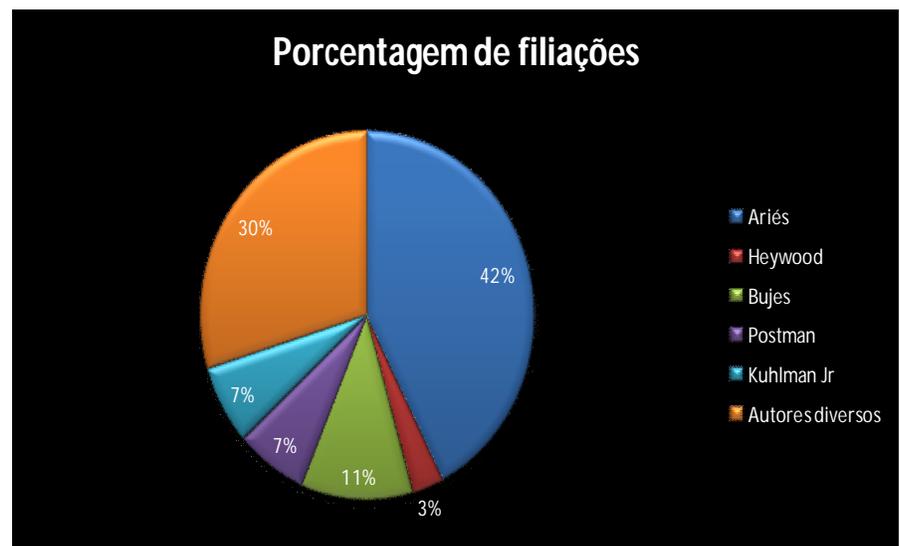
O esforço que realizaremos a seguir configura-se numa tentativa de identificar o conceito de infância adotado em cada uma de nossas fontes e “filiar” os trabalhos ao teórico pertinente. Trazemos o termo filiar porque partimos da hipótese de que os autores dos trabalhos são herdeiros da concepção de infância de teóricos reconhecidos, isso pode ser identificado tanto no trato com a infância como na bibliografia utilizada na pesquisa.

A tabela e o gráfico a seguir foram criados para melhor visualização das filiações das fontes. Notemos que de um total de 44 (quarenta e quatro) trabalhos selecionados, 23 (vinte e três) são herdeiros da abordagem de Philippe Ariés (1914-1984), o que corresponde a um total de 43% (quarenta e três por cento) dos trabalhos. É herdeiro de Colin Heywood (2004) o total de 1 (um) trabalho, o que corresponde a 3% (três por cento). São filiados a Postman (1999) o total de 3 (três) trabalhos, o que corresponde a 7% (sete por cento). A Kuhlmann Jr, filiam-se também o total de 3 (três) trabalhos, número correspondente à 7% (sete por cento). São herdeiros de Bujes um total de 5 (cinco) trabalhos o que corresponde a 11% (onze por cento) do total. Por fim, temos ainda 13 (treze) trabalhos que filiam-se a autores diversos da Psicologia e outras áreas da educação e por isso, não serão alvo de aprofundamento de nossos estudos. Estes trabalhos correspondem a um total de 30% (trinta por cento).

Teaching as a Subversive Activity (com Charles Weingartner), Teaching as a Conserving Activity, Crazy Talk, Stupid Talk e The End of Education. Sua aparição nos estudos sobre a infância no Brasil é marcada coma tradução do livro O desaparecimento da Infância no ano de 1999.

¹¹⁴ Philippe Ariés (1914-1984) historiador e medievalista francês. Escritor de História social da criança e da família (1981).

¹¹⁵ Colin Heywood (2004) é um historiador americano que se ocupa em refazer a história da infância Ocidental do período Medieval ao Contemporâneo.

Tabela 2 - Filiações**Gráfico 2 – Porcentagem de filiações**

Realizaremos agora um aprofundamento sobre cada um destes autores à que se filiam às fontes, tratando de suas principais obras e a maneira como foram tomados por nossas fontes em seus estudos.

5.1. EDUCANDO A INFÂNCIA BRASILEIRA: MOYSÉS KUHLMANN JÚNIOR

Moysés Kuhlmann Júnior é um autor que dispensa apresentações, no entanto, é importante destacar que ele é um pedagogo dedicado à pesquisa historiográfica na área de educação infantil. Escritor de diversas obras dedicadas ao estudo da infância no Brasil entre as quais destacaremos *Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica* (1998) e *Educando a Infância Brasileira* (2000).

Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica (1998) e *Educando a Infância Brasileira* (2000) trazem contribuições relevantes e muito significativas para o campo da história da educação e para a história da infância no Brasil.

Tão significativas que puderam ser observadas em 7% (sete por cento) dos trabalhos. Três (3) dos quarenta (40) trabalhos selecionados conceberam a infância segundo o autor Kuhlmann JR.

Magalhães (2004, p. 8), num trabalho dedicado a descobrir as imagens da infância nos almanaques de farmácia, a concebe, segundo Kuhlmann JR. afirmando:

A valorização da criança pelo setor industrial, como um potencial de consumo, pode ser acompanhada através das propagandas e artigos nos almanaques [...] As expressões remetem à ideia de fragilidade e da necessidade de cuidados especialmente das mães, sob o controle médico.

E ainda:

A saúde e a robustez da criança constituem um começo de fortuna. A balança e o relógio são a bússola da saúde da criança. Cuide-se sem demora e fortaleça o seu filho. (MAGALHÃES, 2004, p. 9)

A ideia de educação e cuidados para com a infância segundo Kuhlmann Jr também estão presentes em Souza (2006, p. 3).

O discurso corrente sobre a infância e a educação a esta destinada está permeado por ideias segundo as quais uma infância saudável seria o eixo motivador da construção de uma nova sociedade. Os cuidados com a infância tornam-se um

aspecto a ser considerado nesse modelo de nação moderna, com suas políticas sociais e instituições.

O último dos três trabalhos é do próprio Kuhlman Jr. (2002) *Ideias sobre a educação da infância no 1o congresso brasileiro de proteção à infância, Rio de Janeiro, 1922*. Nele o autor ressalta que:

Na análise dos textos que tratam de temas educacionais, encontram-se três tipos de referências: uma que trata da infância e da educação na produção da nação moderna, com referências aos países em que se espelhar, ao povo brasileiro, à conjunção das políticas sanitárias e educacionais; outra, que caracteriza a pedagogia como conhecimento especializado, alimentada pela contribuição das diferentes ciências que tomam a infância como objeto de estudo, para formar os profissionais e orientar as famílias na educação das crianças; a terceira referência toma a educação como meio ordenador da nação, por meio da subdivisão social da infância e da educação moral. (KUHLMANN JR, 2002, p. 2)

Nos três trabalhos é possível notar o quanto a ideia de criança moderna, futuro da nação brasileira se faz presente e se traduz em iniciativas para e com a infância brasileira numa tentativa de fazer viver. Entremos um pouco mais no pensamento de Kuhlmann JR. para compreender porquê nossas fontes realizaram tal opção.

Para o autor, a infância, na pluralidade das suas configurações, é circunscrita a um discurso histórico, fruto de diversos contextos. A criança é concreta, datada, situada e faz parte de um contexto favorável ou hostil a sua pessoa, o que contribui não só para a sua representação ao fazer parte de uma categoria social, mas também deixa marcas, forja memórias. As infâncias estão situadas nos lugares que as diferentes sociedades reservam para elas: infâncias múltiplas, diversificadas, constituídas em diferentes culturas, contextos sociais, tempos e espaços de vida. Por isso, ao mesmo tempo em que ela se apresenta como única, como um período de vida que não volta mais, a não ser nas memórias dos poetas, dos historiadores, também se mostra múltipla, marcada pelas diferenças de direitos, de deveres, de acesso a privilégios, de faltas, de restrições. Então, não pode ser vista como uma infância do passado e nem mesmo do futuro. Só pode ser vista a partir de outro lugar, de outro olhar: o presente.

A obra *Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica* constitui-se num trabalho minucioso sobre a educação infantil, sobretudo sobre as

práticas de assistência à infância e às políticas públicas para os pequenos. Interessa a todos aqueles que são sensíveis à infância e à educação. É um livro que utiliza fontes ainda pouco exploradas na história da educação sobre o tema e contribui para o entendimento da infância brasileira enquanto categoria histórica.

Apresenta nas primeiras páginas um consistente levantamento sobre as pesquisas mais recentes na área de educação infantil, analisando mais de dez obras sobre o tema; enfatiza também a importância da história para a formação do profissional de educação.

O livro caminha livremente entre assuntos importantes e interessantes na história da infância brasileira como é o caso do segundo capítulo "Assistência e Pan Americanismo: O Dia da Criança e a comemoração da descoberta da América"; aqui, as análises giram em torno das políticas diplomáticas, situando a infância no contexto das relações internacionais do continente americano.

Os temas mais gritantes da obra são, a proteção e a assistência científica à infância, as políticas de assistência gestadas na virada do século XIX para o século XX, a história das instituições de educação infantil, a difusão das creches e jardins-de-infância (1867-1922), a história das instituições pré-escolares (creches, escolas maternas e jardins-de-infância) em nosso país.

Outro marco nos estudos do autor é *Educando a infância brasileira*. A obra vem tratar da educação infantil no Brasil de forma mais restrita; não aquela educação recebida no seio familiar, mas a educação de maneira institucionalizada.

Pode-se falar em educação infantil em um sentido bastante amplo, envolvendo toda e qualquer forma de educação da criança na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que viva, Mas há outro significado, mais preciso e limitado, consagrado na Constituição Federal de 1988, que se refere à modalidade específica de instituições educacionais para a criança pequena, de 0 a 6 anos. (KULMANN JR, 2000, p. 469)

É deste sentido específico que o autor trata, das creches, das escolas maternas e dos jardins -de - infância que existiram no Brasil há menos de um século. Suas fontes de estudo são, na maioria, oriundas dos municípios do Rio de Janeiro, de São Paulo e de órgãos do governo federal.

Kuhlmann Jr trabalha com a origem e a finalidade das primeiras instituições brasileiras de educação infantil. A primeira delas é a creche. A creche, em sua criação servia às

[...] mães pobres, que necessitassem trabalhar, poderiam superar o obstáculo de não ter a quem confiar seus filhos cuja tenra idade não lhes permitia mandá-los para a escola. (KUHLMANN JR, 2000, p. 471)

O autor recupera também a formação dos primeiros jardins-de-infância brasileiros. Eles não tinham puramente o caráter assistencialista, como foi o caso das creches:

As crianças mais velhas não precisam ficar o tempo inteiro no ambiente familiar. Não apenas as pobres, mas também as de classe média e alta e mesmo as pertencentes às famílias da Corte, no Rio de Janeiro, encontrariam no “jardim-de-infância” um lugar propício ao seu desenvolvimento e ao cultivo de bons hábitos. (KUHLMANN JR, 2002, p. 472)

Expõe ainda que a criação destes novos ambientes configura-se no Brasil como uma iniciativa de proteção à infância. A formação de associações e de instituições para cuidar da criança não só no aspecto educativo como também na saúde e na sobrevivência é o novo motor que impulsiona a ideia de fazer viver a infância brasileira.

Interessante o relato que o autor traz sobre a diminuição do abandono das crianças na “roda dos expostos” em decorrência da assistência dedicada às famílias e às crianças por tais instituições:

A Casa do Expostos recebia os bebês abandonados nas “rodas” – cilindros de madeira que permitiam o anonimato de quem ali deixasse a criança – para depois encaminhá-los a amas que os criam até a idade de ingressarem nos internatos. Agora a ênfase está no suporte às famílias pobres, até mesmo para evitar que lhes sobrasse apenas a opção de abandonar seus filhos[...] (KUHLMANN JR, 2000. p. 473)

O autor continua a percorrer a história da institucionalização da educação infantil no Brasil passando pela discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4.024 de 1961, em seguida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 5.692 de 1971 chegando até a atual Lei de Diretrizes e Bases da educação 9.394/96.

5.2. A INFÂNCIA QUE CONHECEMOS: FRUTO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS? MARIA ISABEL EDELWEISS BUJES

Do levantamento realizado, 5 (cinco) trabalhos concebem a infância segundo a autora Maria Isabel Edelweiss Bujes. São de criação da própria autora e dois (2) de autores diversos. Este dado começa a nuançar traços de que ela é fundadora de um discurso sobre o universo infantil e de uma concepção de infância.

Sobre a infância em Bujes Moro (2004, p. 01) descreve:

Sabe-se que a infância é uma categoria histórica e cultural, fruto de práticas discursivas, e que os conhecimentos produzidos acerca desta temática têm estreita ligação com o “lugar social que a criança ocupa na relação com o outro”

Lira (2008, p. 3) também acrescenta:

Como acertadamente aconselha Bujes, uma investigação sobre a infância e os fenômenos que a ela se associam deve se centrar não no que ela e eles são, mas como se constituíram de tal maneira. A pesquisadora também alerta que ao falar da infância devemos ter consciência de seu caráter fugidio, de sua complexidade e dos múltiplos sentidos que adquire em cada contexto, em cada cultura, em cada época. Todavia, a despeito destas qualidades, o lugar comum sobre a infância é sua visão idealizada, pura e inocente, que aparece em todas as análises deste período da vida.

Para compreender melhor o que levou os pesquisadores a optarem por tal conceito, devemos nos aprofundar no pensamento da autora. Bujes (2005) coloca aos pesquisadores uma nova proposta de análise da história da infância, pois segundo ela, “a trajetória da infância por estes tempos modernos é “um prato cheio” em termos de possibilidades de engendramento de novos problemas e objetos de pesquisa [...]” (BUJES, 2005, p. 195)

Na perspectiva da autora, fazer pesquisa significa “desterritorializar, levar ao estranhamento”, perguntar pela produtividade de conceitos que marcaram a compreensão moderna de infância. (BUJES, 2005, p.187). A maneira como se tem concebido a infância - um dado universal, linear, natural, inocente - nos demonstra a maneira ideal moderna de pensá-la. Esta forma idealizada de conceituar a infância é fruto de uma tradição teórica e de como

ela – a tradição – “[...] modela o nosso pensamento, como nos guia tanto em relação ao que pode ser dito quanto ao modo como se pode falar sobre um objeto.” (BUJES, 2005, p. 183).

As investigações à qual Bujes (2005) tem se dedicado tem tratado de forma preferencial as relações entre infância e poder. Sobre suas pesquisas Bujes descreve “a oportunidade de interrogar o como do poder, de mostrá-lo em operação, de problematizá-lo [...] foram algumas facetas dessa perspectiva desancorada, assistemática, adisciplinar, que mais me fascinaram.” (BUJES, 2007, p. 146)

Estes estudos se encarregam de discutir como as crianças tem sido capturadas pelas malhas do poder, como se dá a fabricação do sujeito infantil moderno e como operam as máquinas que se encarregam de governar a infância.

Compartilham da ideia de que a infância que conhecemos não é um dado atemporal, mas uma invenção/ fabricação da Modernidade. Os significados atribuídos à infância são resultados de um processo de construção social, dependem das possibilidades de determinado momento da história, são organizados e sustentados por discursos. A elaboração de um discurso sobre a infância serve como justificativa para a proposição de saberes, ações o que fabricam no interior de uma sociedade o sujeito infantil.

Entendemos ser necessário a partir de agora justificar como a infância é colocada em discurso. Tentaremos mostrar como estes autores compreendem a constituição do sujeito infantil nas narrativas que se aplicam a falar sobre ele.

Todos os homens nascem num mundo já tomado pela linguagem que é constitutiva de seus pensamentos e do contato que têm com esse mundo. Ela exprime o querer daquele que fala. Ao nascer o ser humano é inserido em um local onde os discursos já estão circulando (por meio da língua e do ato da fala) e dessa forma tornam-se sujeitos provenientes desses discursos. (VEIGA-NETO, 2004, p. 110)

O sujeito de um discurso não é portanto, exterior ao seu próprio discurso. Não existe criança fora do discurso pedagógico de infância, fora dos processos que lhe atribuem significados. O sujeito infantil está constituído, é formado e regulado nos discursos sobre a infância. Estes discursos fabricam

no interior de uma sociedade o sujeito infantil de que falamos. (BUJES, 2002, p.55).

Identificamos aqui uma das lições tomadas nesses campos do pós-estruturalismo: se de fato a infância não existe senão como uma construção discursiva, talvez seja mais correto, mais apropriado, falar como Bujes (2002) em *fabricação*¹¹⁶ da infância.

O discurso autorizado sobre infância justifica a proposição de saberes, de padrões de comportamentos traçando sujeitos abstratos, definindo quem são tais indivíduos e o que se espera deles.

A elaboração de um discurso para a infância é um processo que se reforça na e pela instituição, pela elaboração de documentos, de teorias pedagógicas que, por sua vez, têm efeitos que se remetem à naturalização ou não de conceitos, um efeito, por assim dizer circular.

Matrizes ou modelos, narrativas que orientam o que se pode dizer sobre certos objetos são o que, na perspectiva Foucaultiana, denomina-se *episteme* (VEIGA-NETO, 2004, p.115). Não pretendemos aqui analisar os discursos para identificar neles uma essência, um conceito de verdade ou uma lógica, não procurarmos neles nenhuma matriz teórica, filosófica, psicológica ou política. Propusemo-nos a analisá-los tendo em vista que, aquele que o enuncia faz parte de uma ordem que lhe é anterior e na qual ele está imerso, pois o sujeito que discursa está inserido no campo discursivo. Toda sociedade carrega consigo discursos que estabelecem a definição do conceito de infância e são por ele estabelecido, o que difere nesta definição é o significado, a duração, os pressupostos e modos de como lidar com as crianças.

Os significados de infância variam segundo quem enuncia os discursos acerca dela e de quem é objeto da fala. Crianças no ponto de vista biológico serão encontradas em qualquer parte do universo onde se tenha um grupo de pessoas, mas a definição que cada grupo dará para a infância será distinta.

Segundo Bujes (2007), fazer pesquisa desta forma é problematizar, revisar e criticar as verdades do mundo colocando em questão concepções

¹¹⁶ Termo bastante comum nos estudos que se apóiam nas formulações de Michael Foucault. Encontrei essa palavra em BUJES, Maria Isabel. *Infância e Maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

tradicionais de criança, infância e educação infantil. Por isso tomamos esta perspectiva como um rompimento em relação às anteriores.

5.3. O DESAPARECIMENTO DA INFÂNCIA: NEIL POSTMAN

Neil Postman, americano, Professor da Universidade de Nova York, publicou mais de duas dezenas de livros que foram traduzidos em mais de trinta países. Em 1999, dezessete anos após a sua primeira impressão, *O Desaparecimento da Infância (1999)*, obra mais relevante do autor chega ao Brasil.

Dos textos trabalhados, 3 (três) compartilham da concepção de infância do autor.

Lopes (2004, p. 4), ao discutir o lugar da criança na sociedade(,) segundo Postman, diz:

[...] a afirmação defendida por alguns sobre o fim da infância (como é o caso de Postman, 1999), o que poderíamos afirmar é o fim de uma infância constituída temporalmente e não o fim de uma posição social do ser criança, o que temos é o estabelecimento de novos feixes sociais que reordenam suas identidades e sentidos.

Calsa (2007, p. 5) afirma que:

Segundo Postman (1999), este quadro só irá mudar em meados do século XVIII, quando, na Alemanha, inventa-se a tipografia. Neste período, as crianças são expulsas do mundo adulto, e passam a habitar um novo mundo, o mundo da infância. Após aproximadamente cinqüenta anos da invenção da tipografia, estabeleceu-se uma distinção mais clara entre a criança e o adulto. Neste momento, para a sociedade burguesa passa a ser necessário um homem letrado que precisa aprender a ler e a escrever na nova instituição social denominada escola. Assim, para se tornar adulto a criança precisa aprender esses conteúdos escolares: criança torna-se “o vir a ser adulto” por meio da aprendizagem escolar.

Valdez (2006, p. 10) filia-se a Postman ao afirmar o fim da infância nos nossos dias. Para a autora:

[...] para formar uma ‘nova infância’, era preciso uma ‘nova escola’, pois a existente não assegurava a formação adequada. Além de ser um ambiente rígido, com professores despreparados que puniam os pupilos à menor falta, não havia livros adequados, métodos coerentes à natureza infantil e, muito menos, prédios escolares apropriados. Se a escola era a

maior responsável pela formação integral da criança que aprenderia ali, além das regras de convivência, os conhecimentos úteis para o trabalho, era preciso convencer os pais da importância do ensino primário.

O Desaparecimento da Infância (1999) apesar de ser uma obra escrita do lado de lá da América, não poderia jamais ser deixada de lado nesta releitura, pois ela configura-se como um divisor de águas no que cerne aos estudos sobre a história da infância no Brasil. Sua influência é tal que pode ser notada na bibliografia da maioria das pesquisas em história da infância nos últimos dez anos no país.

A obra foi dividida em duas partes – *A invenção da infância* e o *Desaparecimento da Infância*.

Na primeira parte, o autor descreve como nasce o conceito de infância, que, segundo ele teve seu prenúncio na Grécia Antiga e seu fim na Idade Média. De acordo com Postman, a infância “perdida” na Idade Média volta a nascer junto com o conceito de vergonha desenvolvido na sociedade moderna.

No mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de escolarização [...] também não tinham, devemos já acrescentar, um conceito de vergonha. (POSTMAN, 1999, p. 29)

O autor acrescenta que na Idade Média não há nenhum indício de preocupação com a infância; tudo era permitido na presença dos pequenos. Esta falta de cuidados, educação e vergonha para e perante as crianças eram responsáveis pela ausência de um sentimento pela infância.

A falta de alfabetização, a falta do conceito de educação, a falta do conceito de vergonha – estas são as razões pelas quais o conceito de infância não existiu no mundo medieval. (POSTMAN, 1999, p. 31)

Este sentimento pela infância começa a ser retomado com a criação da prensa tipográfica por Gutemberg. A prensa cria um novo adulto. Com a grande quantidade de impresso cria-se na sociedade uma separação entre aqueles que sabiam ler (adultos) e aqueles que não sabiam (crianças) e com isso há um novo espaço para a infância na sociedade.

[...] a tipografia criou um novo mundo simbólico que exigiu, por sua vez, uma nova concepção de idade adulta. A nova idade

adulta, por definição, excluiu as crianças. E como as crianças foram sendo expulsas do mundo adulto, tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Este outro mundo veio a ser conhecido como infância. (POSTMAN, 1999, p. 34)

Para Postman (1999), o que separa o mundo da infância do mundo do adulto é o acesso a determinadas informações. Em um universo letrado, onde há abundância de impressos escritos, ser adulto implica ter acesso a segredos culturais codificados em símbolos não naturais. “Num mundo letrado, as crianças precisam *transformar-se* em adultos.” (POSTMAN, 1999, p. 36) E para ser adulto é preciso dominar o código de escrita. É preciso saber ler.

A segunda parte do livro trata do desaparecimento da infância. Segundo o autor, a infância começa a desaparecer com o surgimento de outra tecnologia de comunicação: o telégrafo. Se a prensa tipográfica impulsiona a criação do conceito de infância, o telégrafo realiza uma ação inversa.

A infância [...] foi o fruto de um ambiente em que uma forma especial de informação, exclusivamente controlada por adultos, tornou-se pouco a pouco disponível para as crianças por meios considerados psicologicamente assimiláveis. A subsistência da infância dependia dos princípios da informação controlada e da aprendizagem sequencial. Mas o telégrafo iniciou o processo de extorquir do lar e da escola o controle da informação. Alterou o tipo de informação a que as crianças podiam ter acesso, sua qualidade e quantidade, sua sequência, e as circunstâncias em que seria vivenciada. (POSTMAN, 1999, p. 86)

A televisão em nossos dias é o principal mecanismo que vem destruindo a fronteira entre o que é ser adulto e o que é ser criança. Isso acontece porque a TV só requer do indivíduo aptidões naturais e o entendimento da fala, que é adquirida logo no primeiro ano de vida. “As pessoas veem televisão. Não a leem” (POSTMAN, 1999, p. 92).

[...] a televisão destrói a linha imaginária entre a infância e a idade adulta de três maneiras, todas elas associadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro porque não requer treinamento para aprender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público.

Postman (1999) não tem a pretensão de mostrar soluções que possam reverter este curso. A infância está por desaparecer. O autor crê que existe na

sociedade duas forças de resistência, a família e a escola, mas que estas estão dia a dia perdendo a luta contra o desaparecimento da infância.

5.4. UMA HISTÓRIA DA INFÂNCIA: COLIN HEYWOOD

Outro autor que tem se destacado nas bibliografias dos estudos sobre a infância no Brasil é Colin Heywood (2004). Ele é um historiador americano que se ocupa em refazer a história da infância ocidental do período Medieval ao Contemporâneo. O viés tomado pelo historiador para a construção desta história é o do materialismo-histórico. Isso nos foi possível perceber pelo pano de fundo que permeia as discussões do autor – o mundo do econômico.

Entendemos que esta discussão nos será pertinente na medida em que o trabalho que se aproxima da concepção de Heywood (2004) sobre a infância, nos dá a possibilidade de outro olhar, outro conceito de infância.

Dos trabalhos analisados, 1 (um) trata da infância na perspectiva de Heywood (2004), Oliveira (2005). Para a autora, faz-se necessário entrecruzar o olhar do autor com o de Ariés (1981) na busca de um conceito de infância. Tal ideia é tomada pelo autor por considerar que a um só tempo a infância é tratada como inocente, pueril, mas convive no mundo da robótica, dominando a tecnologia melhor que seus pais, alvo da indústria cultural, maior massa consumista já vista. Esta dualidade tratada por Oliveira (2005) é, segundo Heywood um tema marcante na história da infância: a natureza contraditória das ideias relacionadas à criança. Para o autor,

Heywood (2004) permitiu sublinhar aspectos importantes acerca das condições sociais que ajudaram a inscrever o que significaram as crianças do País no passado e o que significam hoje. Esses aspectos lançaram as sementes para o entendimento de um presente repleto de contradições, de um lado, um panorama de crianças pobres, trabalhadoras, pedintes, e de outro, um cenário de uma infância rica, abastada; de um lado crianças livres para a brincadeira ordenada, para os estudos, para a experimentação das novas tecnologias, e de outro, pequenos seres presos aos currículos escolares engessados, aos comandos da lógica capitalista. (OLIVEIRA, 2005, p. 3)

A penetrabilidade de Heywood no Brasil apresenta avanços. Até mesmo Kuhlmann Jr. já se ocupou em estudar o autor. Resenhando a obra de Heywood

(2004), Kulhmann Jr. (2005, p.239) aponta-a como uma “competente síntese do avanço dos estudos sobre o tema da infância em alguns países europeus e nos EUA [...]”.

Segundo Kulhmann Jr. (2005, p.241), “é louvável a preocupação que acompanha todo o texto de evitar uma compreensão da história como uma sequência linear e evolutiva, assim como, por consequência, o entendimento de que, em cada momento haveria uma única infância [...]”

O autor ainda ressalta que a obra de Heywood (2004) representa um grande avanço em relação às teses de Ariès. No entanto, assevera que Heywood (2004) parece contar a história da infância, como se nós, “[...] do lado de cá do hemisfério sul não existíssemos.” (KULHMANN JR. 2005, p. 242).

Seria pertinente agora, entender um pouco mais do pensamento de Heywood.

O livro *Uma história da infância* (2004) foi organizado em três partes. A primeira trata das mudanças de conceitos sobre a infância, tomando como ponto de partida a Idade Média. A segunda trata do crescimento infantil e da relação das crianças com os adultos. A terceira insere as crianças num mundo mais amplo: o mundo do trabalho.

Diferentemente do que apreendemos até então, o próprio autor declara nas primeiras páginas de seu livro certa contrariedade às ideias de Ariès. Tomemos então como ponto de partida tal discussão.

Heywood (2004) afirma que *História Social da Criança e da Família* (1981) teve uma aceitação distinta entre os historiadores profissionais, muitos autores sequer consideravam Ariès um historiador. Ele ainda afirma que muitos críticos acusavam-no de tratar de forma ingênua as suas fontes iconográficas não dando à arte a interpretação necessária “Ariès parece pensar que o artista pinta aquilo que todos veem, ignorando todas as questões complexas relacionadas à forma como a realidade é tratada na arte.” (HEYWOOD, 2004, p. 25)

Heywood (2004) aponta também que críticos atribuem a Ariès um caráter de historiador centrado no presente. Como se ele buscasse no passado, em especial no período medieval conceitos que nos são cabíveis hoje; não os tendo encontrado, declara que “[...] o período não tinha qualquer consciência dessa etapa da vida” (HEYWOOD, 2004, p. 26). Segundo o

raciocínio do mesmo autor, é extremamente simplista atribuir termos como ausência ou presença de conceitos de infância, sendo evidente que a medievalidade tinha um conceito de infância, mas com concepções muito diferentes das nossas.

Trazemos de início esta discussão apenas com o intuito de situar o leitor sobre os posicionamentos dos autores, numa tentativa de investigação propriamente dita. Não temos o desejo de nos posicionar nem tampouco defender uma ou outra. Cumprimos aqui apenas papel da historiografia, de lançar luz às nossas fontes sob determinada matriz teórica numa tentativa de compreendê-la melhor.

Situada a discussão, passamos então a compreender o conceito de infância tomado por Heywood (2004). Segundo o autor muitos historiadores atribuem aos séculos XII e XIII uma fase fundamental na história da infância, tudo isso atrelado a mudanças na vida social e econômica. Com a revolução agrária, a Europa Ocidental fixa a sua economia, o que possibilita certo espaço para que jovens escolham suas carreiras. Isso ocasiona um investimento maior nas crianças, principalmente em relação às esferas psicológicas, sociais e educacionais. Com questionamentos sobre a vida de cavaleiros e monásticos e as possibilidades destas escolhas profissionais, cria-se no período um ideal de sociedade educada e inteligente, cenário favorável à infância. (HEYWOOD, 2004, p. 36)

Heywood (2004) passa então a discutir alguns temas marcantes na história da infância. O primeiro para o qual ele nos chama a atenção é a natureza contraditória das ideias relacionadas à infância. Segundo ele a história infantil foi sempre construída sobre dicotomias. Ou as crianças foram tratadas como seres puros ou traziam consigo as manchas do pecado, ou nasciam com capacidades inatas ou eram simples folhas brancas. “Entre anjos e demônios a história da infância oscila” (HEYWOOD, 2004, p. 49).

Seguindo o mesmo autor podemos afirmar que os autores medievais prestavam pouca atenção na infância porque não compartilhavam da nossa concepção de que a educação que as crianças recebem nos primeiros anos de vida é fundamental para a formação de seu caráter. Reproduzindo uma condição econômica e social, acreditavam que o ser infantil carregava traços da natureza com a qual nascia. Tal idéia correspondia a então aristocracia

hereditária. O Renascimento traz uma nova forma de olhar a infância, a ideia que “[...] a mão que embala o berço define os destinos da sociedade [...]” mudou gradualmente o sentido do inato ao adquirido, sendo importante o educar. Isso aproximou o conceito da nossa concepção de infância. (HEYWOOD, 2004, p. 52)

Começemos agora a discutir as relações entre pais e filhos. Heywood (2004) inicia afirmando que as crianças sempre foram desejo dos casamentos. Em todas as épocas históricas havia a expectativa de procriação entre os que se casavam. Na idade Média os casais seguiam a injunção bíblica que dizia “[...] crescer e multiplicar [...]”. Até mesmo rituais eram realizados para que a esterilidade fosse mantida longe dos casais. Fatos estes aos quais o autor atribui a afirmação de que a infância sempre teve seu lugar. (HEYWOOD, 2004, p. 64).

Alguns fatores traçados pelo autor acerca da relação pais e filhos nos alertam para considerar que a infância teve seu espaço no mundo medieval. O parto, o batismo das crianças, o cuidado na escolha dos padrinhos e a escolha dos nomes dos bebês, a apresentação das crianças à sociedade, a atribuição de nomes de avós, nomes santos que evocavam proteção mostram que a infância tinha lugar neste mundo.¹¹⁷

O autor concorda com Ariés ao dizer que a infância dos meninos foi primeiramente reconhecida, mas afirma que isso se deu em função da sociedade agrária, na qual um filho homem era sempre desejado; necessário. (HEYWOOD, 2004, p. 76).

Sobre a morte das crianças na Idade Média, Heywood (2004) enfatiza que sentimentos ambíguos existiram nesta sociedade. Por um lado mostra que a morte de bebês, principalmente os recém-nascidos era facilmente aceita, por outro, descreve exemplos de pessoas chorando, sofrendo e lamentando a morte de seus filhos. O próprio Lutero no século XVI descreve seus sentimentos após a morte de sua filha de oito anos “[...] meu coração ficou mole e fraco; jamais pensei que o coração de um pai pudesse ser tão machucado em função de seus filhos” (HEYWOOD, 2004, p. 80). Tal

¹¹⁷ *Uma história da infância* (2004) trata de cada um destes fatores detalhadamente.

ambivalência reflete reações diferentes à perda da infância em todos os tempos, e isto segundo o autor, contraria as ideias de Ariés.

A seguir, discute a questão das amas de leite tomando-as como uma suposta indiferença com relação ao universo infantil. A questão das amas de leite representava ou não um descaso social para com as crianças? O argumento contra elas era forte. Eram acusadas de maus tratos e negligências; chegaram a ser chamadas de mercenárias. Um movimento de médicos, higienistas e teólogos, anteriores mesmo a Rousseau revelam um pano de fundo essencial de esforços para a preservação da vida das crianças. (HEYWOOD, 2004, p. 93)

O número de iniciativas para por fim a essa realidade era sinal de que(,) este era apenas um “[...] suposto descaso”. Para o autor o consenso entre os historiadores é que a maioria das mães sempre amamentou seus filhos. Quando não o fizeram na história é porque a pobreza e a necessidade de trabalho não permitiam. As amas sempre foram privilégios da nobreza, lugar inclusive de onde Heywood acusa Ariés de ter buscado as fontes para sua história da infância. (HEYWOOD, 2004, p. 94).

Assim que deixavam de ser amamentadas, as crianças entravam numa fase que durava até os sete anos, denominada “[...] idade da razão” (HEYWOOD, 2004, p. 116). Segundo a tradição social as crianças até essa fase eram cuidadas exclusivamente pelas mulheres. De acordo com os historiadores o cuidado com as crianças sempre pertenceu às mães. Aos homens destinava o dever de sustentar as famílias. A história da infância até esse período pode ter permanecido no campo da obscuridade porque ninguém se preocupava em contar a história das mulheres. As poucas tentativas são pertencentes à história da realeza, à aristocracia medieval e uma rainhasempre estaria demais preocupada com suas funções públicas para se atentar ao cuidado dos seus filhos (HEYWOOD, 2004, p. 116).

Em seguida o autor trata do aprendizado e da educação das crianças. Os primeiros aprendizados das crianças neste período eram a higiene, o caminhar e o falar. A higiene se restringia quase exclusivamente ao uso dos banheiros. O caminhar sempre foi estimulado, primeiro porque o chão era frio e úmido, segundo porque engatinhar os aproximava dos animais (HEYWOOD, 2004, p. 121). A aprendizagem da fala estava associada ao surgimento da

dentição, os bebês eram aqueles que “[...] não podiam falar porque não tinham dentes” (HEYWOOD, 2004, p. 122).

A educação de uma criança na Idade Medieval começava “[...] nos joelhos de sua mãe com lições religiosas. (HEYWOOD, 2004, p.124) Os filhos dos nobres aprendiam a ler por volta dos quatro ou cinco anos. As lendas, os romances e as histórias de aventuras atraíram as crianças, mas até o século XVIII eram livros adultos que tinham o objetivo de aprimoramento das mentes (HEYWOOD, 2004, p. 126). as crianças eram educadas com lições de medo e ironia sendo aterrorizadas com alguns contos pelo menos até que “[...] a educação e a psicologia tivessem seu impacto no século XIX” (HEYWOOD, 2004, p. 129). Em todos os tempos tais lições tinham o objetivo de responder a um problema enfrentado pelos pais, ainda que o problema fosse manter as crianças a salvo dos perigos enquanto eles estavam ocupados no trabalho.

Aos sete anos acontecia uma transformação na vida das crianças, em especial a dos meninos. Deixavam para trás os trajes e junto com eles a infância propriamente dita. Roupas especiais, separação entre meninos e meninas, os pais assumindo a educação dos meninos enquanto as mães cuidam de suas filhas preparando-as para o casamento (HEYWOOD, 2004, p. 141). As crianças eram agora inseridas no mundo adulto, assumindo suas responsabilidades e características.

5.5. HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA - PHILIPPE ARIÉS

Philippe Ariés (1914-1984), historiador e medievalista francês, escritor de *História social da criança e da família* (1981).

Dos conceitos de infância tomados nos trabalhos, 43% (quarenta e três por cento) tratam-na segundo Ariés. Por este motivo nos aprofundaremos com mais ênfase nestas pesquisas. Buscaremos retirar dos estudos a forma pela qual os pesquisadores se apropriam da ideias do autor. Lembramos que em sua maioria os trabalhos não objetivam tratar especificamente do conceito de infância. Quando o fazem, utilizam pequenas partes do pensamento do teórico e o colocam de forma solta no texto, sem qualquer relação com o conteúdo trabalhado.

Vejamos como o pensamento aparece.

Scotton (2004, p.1) traz a questão da imagem da criança formada na modernidade:

Com o advento da modernidade, uma imagem de criança idealizada e universal passou a ser desenhada por algumas áreas do conhecimento, em especial, a psicologia, a biologia, a psicanálise e a pedagogia. Ocupando-se da infância, propuseram com maior vigor a responder à questão que indaga: o que é a infância? Como consequência, uma disparidade de posições sobre a infância é encontrada tanto no discurso comum quanto na produção científica centrada no mundo infantil ou na legislação criada para este segmento da humanidade.

Valdez (2006, p. 4) traz o pensamento do autor no aspecto que tange à atenção que a modernidade deu à educação da infância e o aparecimento de um lugar específico para a infância na sociedade, conforme trata Ariés:

[...] ser educada e instruída por adultos capazes de compreender seu desenvolvimento particular, portanto ela deveria receber atenção permanente, quer seja no sentido da vigilância para evitar que se manifestassem suas paixões e vícios, ou seja, para corrigir seus defeitos. Desta forma, prescreveu uma série de medidas para os adultos compreenderem a infância enquanto portadora de características próprias e, por outro lado, ensinou para as crianças leitoras como deveriam se portar na escola e na família.

Calsa (2007, p. 3) ressalta a questão do aparecimento do sentimento de infância na sociedade moderna e as ações de cuidado e atenção que esta instância da população passou a despertar na sociedade:

Ariés (1981) assevera que, a partir do século XVIII, a infância passou a ser observada de modo diferente, ou seja, com mais cuidado e preocupação. Com o desenvolvimento do sentimento de infância, a criança começa a conquistar um espaço peculiar na comunidade em que vive. Tal hábito estendeu-se até o século XX, quando lentamente as pinturas foram sendo substituídas pelas fotografias. A infância e a adolescência passaram a ser observadas e descritas com mais atenção e de forma científica, dando-se ênfase aos estudos do desenvolvimento humano.

Sobre a concepção de infância em Ariés, Oliveira (2008, p. 2) afirma que:

Essa concepção se manifesta no sentimento de infância, nos cuidados das famílias, na iconografia, também nesses elementos, mas principalmente no sentido de uma educação

mais ampla, e remete à experiência de uma dada sociedade, ao conjunto dos homens, enfim, ela extrapola os espaços que hoje se delimitam para os “devidos” sujeitos.

Souza (1998, p. 3) chama a atenção para a questão da mortalidade infantil também trabalhada por Ariés, ressaltando que o lugar dado à infância desde a sociedade moderna se deu numa tentativa de fazer viver o sujeito infantil:

[...] a primeira questão que se destaca diz respeito ao "não lugar" a que durante anos a criança esteve condenada, não sendo reconhecida nas suas especificidades. Conforme aponta Ariés (1983), esse descaso se fazia perceber na altíssima taxa de mortalidade infantil, o que tornou urgente a construção de políticas médico-higienistas; no entanto, tais preocupações limitavam-se à questões de saúde e, vencida a etapa considerada perigosa, a criança era, sem demora, inserida no mundo dos adultos. A criança entra em cena tendo como principal função a luta pela sobrevivência.

Ramos (1999, p. 2), ao resgatar em seu estudo a história da infância, desperta-nos para perceber o novo lugar que ela ocupa na sociedade moderna com o despertar do sentimento pela infância:

Ao fazermos a re-construção histórica da infância da Idade Média até a Idade Contemporânea, percebemos como o sentimento de infância (consciência da particularidade infantil) foi se construindo com as ideias e práticas do seu tempo e espaço.

Gouvêa realiza uma retomada dos estudos que tratam sobre a infância. Para a autora os estudos sobre a história da criança vêm demonstrando, segundo Áries que:

[...] a concepção moderna de infância constitui não um conceito abstrato e universal, mas é fruto de uma longa construção histórica, durante a qual passou-se de uma indiferenciação etária, característica da sociedade medieval, à constituição de um conjunto de saberes técnico-científicos e práticas culturais voltados para conhecer e atuar junto à criança e seus agentes socializadores, nos diversos espaços de socialização. (Gouvêa, 1999, p. 01)

Em seguida tomamos uma série de autores que vão utilizando o pensamento de Ariés para conceber a infância. Notemos de agora em diante como o pensamento do autor vai sendo tomado.

Gaeta (2004, p. 3) ao conceituar a infância em seu estudo, a define, segundo Áries como:

[...] um período de crescimento, época em que o indivíduo tanto no ponto de vista físico como no moral, não existe ainda, em que ele se faz, desenvolve-se e se forma, a infância representa o período normal da educação e da instrução. Considerada com um momento precursor da fase adulta, as crianças são consideradas como atores e vistos como seres em devir.

Costa (2003, p. 01) na mesma tentativa de conceituar o sujeito infantil, considera que:

[...] desde Ariès (1978), que a infância é uma construção da modernidade, da qual também é tributária a noção de sujeito individual e família, expressão de novas formas de relações sociais. A substituição das formas de vida feudais pelas formas de vida da modernidade se fez à custa de uma lenta transformação dos modos de produção, das relações de trabalho, da administração pública, do direito, da religião, dos valores e por consequência do homem.

Muller (2003, p. 04) acrescenta que:

Já é aceito que a infância é uma categoria social, assim como classe e grupos de idade. O pensamento de Áries (1981) contribui para isso ao defender o surgimento da infância como consequência da mudança do comportamento adulto.

Castilhano (2005, p. 03) considera a infância:

[...] como uma categoria social. Philippe Ariès (1981), se amparou nas famílias européias para falar da condição histórica e construída da infância, em contraposição a uma naturalização.

Em Vieira (2005, p. 01) encontramos uma infância entendida como:

[...] um período natural do desenvolvimento humano ou como uma condição existencial. a concepção de infância está relacionada ao contexto sócio-histórico.

Para Vasconcellos (2006, p. 02):

O tema da infância é recente na historiografia, tendo sido inaugurado pelo historiador francês Phillipe Áries. Ao publicar a obra *A criança e a família no Antigo Regime*, em 1960, Ariès discute a infância - considerada uma fase específica - como uma invenção moderna. Na Idade Média, segundo o autor, o "sentimento da infância" era desconhecido, já que as crianças não viviam em um mundo à parte, separadas dos adultos. Vestiam-se da mesma forma, participavam dos mesmos jogos, trabalhos e festas, tampouco eram excluídas de suas

conversas. Ariès afirma que a mudança de mentalidade em relação à criança se deu de forma lenta, partindo das classes burguesas para posteriormente atingir a nobreza e o povo.

Ferreira (2006, p. 05) acrescenta que:

[...] pode-se dizer que Ariès (1997) demonstrou a idéia de que a infância não tem muito mais que dois séculos de existência. Antes, casava-se logo que se atingia a puberdade, trabalhava-se logo que a robustez física permitia o exercício da produção nos campos, ou a aprendizagem nas oficinas, ia-se para a guerra assim que se pudesse desempenhar qualquer função militar, vivia-se no mundo dos adultos assim que se sobrevivesse às doenças e moléstias que dizimavam uma em cada duas crianças. Dessa forma, podemos perceber que, durante muito tempo, a infância foi considerada um elemento permanente da natureza humana.

Para Demathé (2007, p. 5):

[...] as crianças não devem ser vistas como um universo que pré-configura o dos adultos nem tampouco como uma cópia imperfeita do mundo do adulto. Ariès (1981), um dos pioneiros no estudo sobre a trajetória do sentimento da infância na sociedade deixa claro que a infância não foi sempre considerada e encarada como a concebemos hoje, pois a própria origem do termo infância, oriunda do francês demonstra isso “[...] enfant (criança), quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes.

Para Lira (2008, p. 3):

Áries (1981), em sua análise, destaca que a preocupação da modernidade com a infância traz também a preocupação com a sua educação. A concepção educativa do final do século XVIII e início do século XIX compreendia a necessidade de preparar a criança para a vida adulta, por meio de uma disciplina constante e rigorosa, conseguida mais facilmente nas instituições. A infância foi valorizada em grande parte por seu potencial educativo e de intervenção do qual seria alvo.

E finalmente em Momo (2008, p. 2) encontramos que:

A obra de Ariès (1981) é um dos estudos que se dedicam a mostrar como na Idade Média não havia diferenciação entre adultos e crianças, tampouco a ideia de infância que existe hoje. Essa, como nos mostra o autor, emergiu e se fortaleceu durante a Modernidade. As formulações modernas apresentam as crianças com determinadas características atribuídas a uma suposta natureza infantil: inocentes, frágeis, imaturas,

maleáveis, naturalmente boas, seres que constituem promessa de futuro melhor para a humanidade.

Por que Ariés? Por que a penetrabilidade das ideias do autor é tão forte nos estudos que se dedicam à infância? Talvez uma leitura aprofundada do teórico nos dê maior compreensão sobre a questão.

A leitura do título desta obra de Ariés pode nos situar quanto à perspectiva que emprega o autor ao tratar da infância, qual seja o social. O estudo deste texto se faz importante na medida em que seu discurso se empenha em recompor a história da Idade Média à Moderna, tendo como ponto focal a infância.

Ariés (1981) divide esta obra em dois momentos, a ausência do sentimento de infância, tomado como ponto de partida para o estudo da sociedade medieval e o surgimento do moderno sentimento de infância, configurado com o advento da Modernidade.

É importante situar-nos sobre quais foram as fontes utilizadas por Ariés (1981) para a construção de sua reflexão sobre o tema história social da infância. Em sua maioria, fontes iconográficas¹¹⁸, isso não quer dizer, apenas imagens. Alguns relatos, sobretudo escritos por médicos, a respeito de crianças nobres, também são eleitos pelo autor.

Ariés (1981) constrói a história da infância tendo como ponto inicial a sociedade medieval, ao fazê-lo, o autor realiza o que viria a ser um dos fundamentos da discussão de suas ideias, a afirmação de que neste período “o sentimento da infância não existia [...]” (ARIÉS, 1981, p. 99).

Ariés (1981) não emprega à palavra sentimento o mesmo significado que empregariamos hoje, o sentido do termo está em dizer que a medievalidade não dava espaço à “particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto [...]” (ARIÉS, 1981, p. 99).

O conceito medieval de infância, segundo o autor, era fruto de relações culturais e condições demográficas da época. Consideramos esse aspecto merecedor de destaque na discussão. É característica do autor em questão estabelecer ligações entre conceitos, atitudes e condições demográficas.

¹¹⁸ Etimologicamente encontramos que a palavra iconografia vem do grego eikon (imagem) e graphia (escrita), ou seja, literalmente: “escrita da imagem”.

Ariés (1981), assim compreendemos, toma como condições demográficas a dinâmica populacional humana, seu movimento como faixa etária, sexo, natalidade, mortalidade, fatores sempre explicados em relação às condições como educação, saneamento, higiene, saúde.

Quanto à atitude característica das organizações culturais da Idade Média em não dar espaço ao sentimento de infância, enfatiza Ariés (1981) que, não havia razão alguma para dar lugar a alguém que poderia desaparecer tão rapidamente “[...] as pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual”. As crianças “[...] morriam em grande número” (ARIÉS, 1981, p. 22).

No período medieval as crianças não eram consideradas seres portadores de alma e por este motivo podiam ser enterradas em casa, como animais domésticos, não se podia, segundo Ariés (1981), atribuir às crianças nem mesmo uma personalidade tal qual se atribuía aos adultos. (ARIÉS, 1978, p. 23)

O sentimento acerca da infância não se confunde com o conceito. Não havia, segundo Ariés (1981), um sentimento de infância (em termos de particularidade), mas não se pode afirmar que não havia um conceito de infância. O conceito existia, mas ele não se aproximava do nosso conceito ideal e moderno de infância.

Ao analisar as suas fontes, Ariés (1981) afirma que a arte medieval praticamente desconhecia a infância, apesar das iniciativas em se retratar temas como a infância do menino Jesus, anjos e infâncias santas. Isto é mais um ponto que nos leva a acreditar que não havia lugar para ela nesse mundo. Não que a infância fosse totalmente ausente na arte medieval, mas nunca era representada num modelo real. Quando retratadas, as crianças eram santificadas ou apareciam junto aos adultos, mas nem sempre como modelo principal. A descoberta da infância como elemento da arte começou no século XIII.¹¹⁹

No século XVII a presença da infância ganha sinais de força e desenvolvimento quando retratos de crianças sozinhas tornam-se numerosos e comuns. Nos retratos de família a criança ganha papel principal, privilegiado,

¹¹⁹ A atitude de retratar a maneira de ser infantil pode ser acompanhada no decorrer da obra *História social da criança e da família* (1981).

era retratada na “[...] lição de música, ou grupos de meninas lendo, desenhando e brincando” (ARIÉS, 1981, p. 28).

Outro acontecimento que carrega traços de que a infância começa a ocupar lugar na sociedade foi a preocupação em lhe destinar traje específico. A particularização da infância por meio da diferenciação dos trajes aconteceu primeiramente para os meninos, as meninas continuaram sendo vestidas como mulheres adultas. Entre os meninos, o autor destaca que apenas os de famílias mais abastadas foram favorecidos, os pobres inicialmente não, pois vestiam-se com os restos de roupas dos ricos. A infância de certa forma beneficiou primeiramente os meninos nobres, as outras formas de infância, meninas e os pobres, tiveram de aguardar um pouco mais. (ARIÉS, 1981, p. 41)

No século XVII as crianças, ao menos as de boa família, tinham trajes especiais que as separavam dos adultos. A infância iniciava-se com os vestidos, destinados a meninos e meninas, passando por aqueles que tinham guisas às costas, depois os com golas, terminando com as calças curtas. Isso, segundo Ariés (1978, p. 100) é “[...] uma prova ocorrida na atitude com relação às crianças [...]”. Cada tipo particular de traje correspondia a uma idade da criança. Nesse traje levava-se em conta também aquilo que elas eram capazes de realizar como, por exemplo, as guisas que guiavam aqueles que aprendiam a caminhar.

A criança ocupa lugar na arte e a sociedade preocupa-se em trajá-la diferentemente dos adultos, sinais de que a infância não está mais esquecida e começa a ocupar lugar no mundo. Estas novas atitudes fazem nascer um primeiro sentimento que Ariés denomina *paparicação*: “[...] a criança por sua ingenuidade, gentileza e graça, tornava-se uma fonte de distração e relaxamento para o adulto [...]” (ARIÉS, 1981, p. 100).

Foi aos moralistas e educadores do século XVII que Ariés atribui a formação de novos sentimentos de infância. O primeiro denominado *paparicação* surge em meio à família, o âmbito exterior forma o segundo, com a preocupação pela disciplina e racionalidade dos costumes.

No capítulo que Ariés denomina *Do despudor à Inocência* percebemos como a sociedade foi modificando a maneira de se conceber as crianças exigindo que elas abstenham-se de atitude e assuntos, sobretudo sexuais. A

Ideia de inocência tornou-se a manifestação mais evidente do novo sentimento e do novo lugar destinado à infância na sociedade. As crianças não deveriam ouvir nem falar sobre assuntos sexuais, era obrigação dormirem sozinhas e afastar-se de brincadeiras levianas tendo suas partes íntimas preservadas de gracejos e toques.

Temos aqui a possibilidade de perceber a formação de um novo conceito de infância. A preocupação com a vida, com a *paparicação*, com a educação, com a moral, mostra que tudo que se referia às crianças tornara-se um assunto sério e digno de atenção; sua simples presença era digna de olhares - a criança havia assumido um lugar no mundo.

Embora as condições demográficas não tenham reduzido em grande número a morte das crianças até o século XVII, uma nova sensibilidade atribuiu novos sentimentos e atitudes para com a infância. Foi só no século XVIII com a extensão de algumas práticas contraceptivas que a ideia de desperdício da vida das crianças realmente apareceu e ganhou força e os interesses pela vacinação e as práticas de higiene reforçaram mutuamente o novo sentimento de infância. A criança tornou-se não só a grande preocupação da sociedade, mas também a da família moderna.

5.6. INFÂNCIA E PRODUÇÃO NO BRASIL: UM CAMPO DE ESTUDOS EM ANÁLISE

Quando assumimos o desafio de reunir num mesmo trabalho os conceitos de infância de diferentes pesquisas acadêmicas, optamos por conservar as observações em suas formas originais, pois ali estavam os presentes diálogos/ conceitos que cada um dos pesquisadores havia retirado dos teóricos a que se filiavam.

Queremos, antes de passar ao texto propriamente dito, contar a importância que viemos percebendo ao longo desta pesquisa, de aprender a observar as crianças. Ficamos pensando nas formas como a infância vem sendo concebida por pesquisadores da educação e no quanto estas formas não correspondem mais à forma atual de ser da infância. Alertamos: não

estamos conseguindo entender nem dialogar com as crianças porque não estamos escutando suas vozes.

Explicitada a inquietação inicial, trataremos agora da temática sobre a qual temos trabalhado mais diretamente – as pesquisas e o conceito de infância.

Algumas questões das pesquisas sobre a infância se intensificaram para nós principalmente a partir do enfrentamento de serem constituídas em sua maioria por alunos de mestrado e doutorado. Ora, quando se trata de pesquisas de iniciação científica, relevamos o fato de tomarem por conceito de infância um autor predominante ou costumeiro. Mas tratando-se de trabalhos de tamanho rigor, questionamos o fato de tomarem um autor pelo autor, sem se preocupar se, a infância tratada por ele ainda corresponderia às imagens das crianças contemporâneas.

A primeira coisa que merece atenção nesta discussão é a reflexão sobre os conceitos de criança e de infância. O que se está chamando de infância? Lidamos o tempo todo com relatos de infância distante da experiência vivenciada pelos pesquisadores. Nos deparamos a todo momento com um sujeito infantil tomado à priori sem levar em consideração a realidade da pesquisa realizada, sem levar em conta os diferentes tipos de criança e de infância.

Tal postura se reflete numa homogeneidade de trabalhos. Pesquisas diferentes que sempre partem do mesmo princípio, que sempre tratam a infância como um dado global, atemporal.

Estamos acostumados a pensar a infância de um modo idealizado. Isso se deve ao fato de que fomos constituindo as nossas maneiras de concebê-las numa perspectiva moderna, pensando-a como um dado universal e atemporal, realizando-se para todos (as) da mesma maneira [...] (BUJES, 2005, p. 182)

Esse é o primeiro ponto fundamental. Pode-se ainda considerar que os relatos sobre a infância são sempre realizados por pessoas que já passaram por esta etapa. São sempre relatos *sobre* a infância de um período que ficou para trás. Este fato nos chama a atenção para uma importante consideração: há diferença entre a maneira de se relatar a infância e sobre suas

representações se isso é feito por crianças, por adolescentes ou por adultos. Não encontramos nenhum estudo nesse sentido, que tratasse dessa diferença, mas pensamos ser importante refletir sobre quem está relatando a infância. Daí ressaltamos a importância de se observar a infância sobre o fato de se *falar* sobre ela.

Mach Bloch nos chama a atenção sobre o fato dos testemunhos. O autor enfatiza a importância dos testemunhos involuntários sobre aqueles que tinham intenção de produzir história. Seria então, nesse sentido muito mais significativa uma pesquisa que bebe nos testemunhos de crianças do que uma que bebe em teóricos cuja pretensão foi construir a história da infância. “Não podemos duvidar [...] é nas testemunhas à revelia que a investigação histórica, ao longo de seus progressos, foi levada a depositar cada vez mais sua confiança” (BLOCH, 2004, p. 77)

Pensamos ainda que há grande diferença entre o mesmo tempo vivido (infância), conforme as diferentes etapas que cada um esteja passando. Dessa forma há que se considerar não só as diferentes etapas, privilegiando os testemunhos do sujeito infantil sobre o relato de adultos, como também considerar na tomada dessas concepções as diferentes visões como as visões enquanto homens, mulheres, negros, pobre, etc. Quantas infâncias estão imbutidas em uma mesma escola? Quantas infâncias acontecem em uma mesma cidade? A infância da criança carente é a mesma da criança abastada? É preciso, antes de conceber todas as infâncias de uma mesma forma, adentrar o interior da realidade estudada (infância). Partir da micro-realidade para a macro e só assim tecer considerações (concepções de infância).

Como tomar a infância européia presente nos relatos médicos utilizados por Phillipe Ariés como a infância contemporânea brasileira? Como denominar inocente a criança que cresce nos morros do Rio de Janeiro e que todos os dias estampa as manchetes dos principais jornais utilizando armas, vendendo drogas?

Partimos do princípio de que uma criança, de qualquer grupo social, após breves espaços de tempo já construiu algum tipo de identidade, tem uma memória construída. Tudo o que pode ser contado seja por qualquer meio (relato, desenho, brincadeiras) pode ser também alvo de estudo e esse ponto deve ser tomado como fundamental ao se conceber a criança.

Na tentativa de se conceituar a infância é preciso a história de cada criança, do grupo ao qual ela pertence, do grupo social ao qual ela está ligada no momento da pesquisa, pois temos usado muito pouco as falas das crianças, e, menos ainda suas críticas.

De modo geral, os trabalhos que se dedicam a conceituar a infância o fazem, em sua maioria na concepção social de Phillippe Ariés tratando a infância atual da mesma forma como o autor o fez com a infância moderna. Mas temos também, em menor número, aqueles que juntamente com Kuhlmann Jr. sempre o fazem do ponto de vista da criança pobre, uma ameaça social a ser contida para o futuro da nação. Há ainda (também em pequeno número) os que simpatizam com Postman afirmando o fim da infância em nossos dias e por fim aqueles que timidamente se aliam à Heywood (2004) num proposta contrária à de Ariés (1981).

O que nos chama a atenção na proposta que temos defendido para o estudo da infância é o movimento que vem sendo construído por Isabel Edelweiss Bujes (2005) e aqueles trabalhos que se filiam à autora. Isso porque, tais estudos também se enquadram na tentativa de mostrar que o que conhecemos sobre a infância é pertencente a uma estrutura de discursos que se criou sobre ela.

Para a autora, a tradição teórica que nos acostumou a pensar a infância de forma homogênea é tal que as tradições “governam nossas idéias e ações, embora não possamos reconhecer isso que esteja ocorrendo – chegando-se mesmo ao limite de confundir teoria com verdade. (BUJES, 2005, p. 183)

Aprender a ler e interpretar o mundo, aprender a ser capaz de criticar aquilo que é costumeiro, superar as tradições, decidir e tomar direções autonomamente são processos dolorosos que o pesquisador contemporâneo tem de enfrentar. Os elementos reunidos e expostos aqui permitem não apenas mostrar como se configura o campo de estudos sobre a infância no Brasil, mas também, compreender as dificuldades e os limites a serem superados para a concepção de uma infância real, presente, contemporânea.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da história da infância no Brasil e mais especificamente os estudos sobre o conceito de infância ficam por muitas vezes comprometidos pela falta de pesquisas que se dediquem ao tema. As instituições produtoras de acervos historiográficos (HISTED BR, ANPED, SBHE) dificilmente são alvo de interesse dos pesquisadores.

No levantamento realizado encontramos apenas dois trabalhos que se ocuparam em analisar as produções acadêmicas recentes sobre a infância e ainda assim, os trabalhos encontrados não são trabalhos da historiografia da educação, pois as produções analisadas restringiam-se ao GT 7 da ANPED, o Grupo de trabalho relativo aos estudos sobre a educação das crianças de 0 a 6 anos. Ressaltamos com isso a importância do presente estudo que para além do GT 7, que fora incluído em função da especificidade dos trabalhos relativos à infância - tema desta pesquisa - incluiu também a produção relativa à história e historiografia da educação . O trabalho não é único, mas de certa forma original.

Inventariar a produção acadêmica brasileira sobre a infância nos despertou certa preocupação com os modelos teóricos tomados nas pesquisas. Tal preocupação está na necessidade de desconstruir imediatamente a noção de documento que ainda revela-se pelos pesquisadores influenciada pelo positivismo. Graças à tendência positivista ainda encontramos pesquisadores privilegiando fundamentalmente documentos escritos (textos) representações da realidade, fontes escritas tomadas como verdades em seus estudos.

Desta forma deixam de lado a noção de que o conteúdo e a concepção de fonte ampliaram-se e enriqueceram, sobretudo com a contribuição dos historiadores dos Annales. “A história [...] pode fazer-se sem documentos escritos.” (FEBVRE apud Le Goff, 2004, p. 525)

Documentos para o estudo da infância devem ser tomados em sua mais ampla acepção, pois, como já observou Le Goff (2003), estamos vivendo hoje o impacto de uma grande revolução e ampliação documental: sons, ilustrações,

imagens ou qualquer outra maneira devem ser imediatamente considerados como fontes por aqueles que se atrevem a pesquisar a infância brasileira.

Muito recentemente, os estudos sobre a infância das grandes comunidades interpretativas vêm sofrendo o impacto de uma nova tendência, a chamada nova história cultural. Mas este crescimento, pelo que podemos perceber, ainda é muito tímido em relação ao número de pesquisas que trabalham com uma concepção positivista.

Diante do exposto, fica evidente que, observar o que sentem o que pensam e dizem as crianças com o objetivo de desvendar as culturas infantis constitui-se não só em mais uma fonte (oral) de pesquisa, mas principalmente em ir além do acesso à criança como categoria social como fomos acostumados a agir até então. O que pretendemos com isso é ressaltar a importância, cada vez maior em nossos dias, de aprender a ouvir e a ver as crianças. Conhecê-las não apenas como grupos sociais.

É fato que o positivismo e a noção de fonte como documento escrito (livro) ainda se faz gritante nos estudos sobre a infância. E isso podemos comprovar por meio de dados em gráficos e tabelas. O livro como fonte de pesquisa é uma herança positivista presente nas pesquisas recentes relacionadas à infância no Brasil.

Tendo em vista que a maior parte das pesquisas o tomam como fonte de verdade, a maioria delas também concebe a infância como a infância tratada nos livros.

Entre as concepções de infância dos livros é predominante a presença do teórico Phillipe Ariés (1981). Como podemos perceber um número gritante de pesquisadores que, ao conceberem a infância ainda o fazem com base no teórico.

Como aceitar então que em nossos dias a infância contemporânea não tenha voz? Como conceber a ideia de que a infância dos pesquisadores ainda é a infância moderna de Philippe Ariés (1981)? A infância de Ariés tão privilegiada pelos pesquisadores ainda é a infância presente em nossos dias?

Foi na modernidade que se inaugurou um novo discurso sobre o sujeito infantil, sobretudo a partir do projeto educacional do iluminismo que depositou um crédito sem igual na capacidade da educação em retirar o indivíduo da menoridade. A menoridade intelectual, de acordo com o Iluminismo, significa a incapacidade humana de servir-se da própria razão, requisitando opiniões alheias para a formação dos próprios juízos, privando-se do próprio direito natural da liberdade, pois esta exige a autonomia plena da razão perante lógicas externas. Em estado de menoridade, o indivíduo, entendido aqui como sujeito infantil, encontra-se impedido de pensar por si próprio e ouvir as recomendações de sua consciência individual, mesmo porque, ela ainda não foi desenvolvida e esclarecida. A criança desde então é aquela que pede um tutor e, portanto, controle alheio; prende-se àquele que controla suas ações iluminando sua formação, criando amarras que forjarão o seu pensamento. O sujeito infantil é fruto de práticas discursivas, cristalizadas e reveladas com base no discurso modernizador.

Bujes (2005) nos alerta para o fato de que fomos acostumados a pensar a infância de maneira idealizada. Esta maneira idealizada é fruto da penetrabilidade do pensamento moderno. Tal pensamento é responsável por instituir as formas pelas quais concebemos e pensamos o universo infantil. Conceber a infância numa perspectiva educacional, social, material, psicológica, higiênica, moral, política, legal, de segurança é despontar traços da influência do pensamento moderno. E isto pudemos notar na análise que realizamos.

O que podemos perceber é a maneira como uma tradição teórica, moderna, vem guiando e modelando o pensamento de educadores/pesquisadores tanto em relação ao que pode ser dito sobre a infância quanto ao modo como se pode falar sobre ela, definindo os objetos que podem ser investigados e o modo de fazê-lo, ou seja, o instrumental de que se pode lançar mão.

Se, por um lado encontramos autores que obedecem à *costumácia* de tomar a infância como a infância moderna, trazida nos livros, por outro vislumbramos pesquisas cujo intuito se dá em romper com este padrão,

assumindo uma nova postura. O seu número ainda é pequeno em comparação com as pesquisas anteriores, o que não as impede de espalhar seus reflexos pelo campo da educação e transformar maneiras de conceber a realidade e, de um modo especial, a infância. É aquilo que Bujes (2007) chama de “um movimento de virada de mesa”.

A infância das pesquisas é sempre tomada à priori, não há a preocupação de deixar falar o sujeito atual, contemporâneo, para então estabelecer verdades a seu respeito.

Seria-nos pertinente retomar a maneira pela qual Foucault (1926-1984) concebe o sujeito em si, para entendermos também de que forma se dá o processo de concepção do sujeito infantil. Em Veiga-Neto (2004) aprendemos que, Foucault toma o sujeito como alguém produzido por três fatores: primeiro, um sujeito produzido por diferentes saberes; segundo, um sujeito produzido por diferentes relações de poder; terceiro, um sujeito produzido por relações que cada um estabelece consigo mesmo. Assim, Foucault nunca acatou a ideia que ele atribuiu à modernidade de conceber o sujeito como alguém *desde sempre aí*. (VEIGA-NETO, 2004, p. 131). Partindo deste princípio, questionamos sobre a validade de se construir uma pesquisa pautada na ideia de sujeito infantil preexistente.

Finalizando o estudo sobre conceitos de infância chegamos à conclusão de que sabemos hoje muito menos sobre a infância do que pretendíamos saber. Ainda não nos foi apontado um caminho para se encontrar a infância real, e nem tampouco o presente estudo pretendeu apontar. É preciso ir à campo, observar, realizar novas pesquisas.

Temos muito mais questões e vontades de saber do que tínhamos despertadas de início. Temos clareza de que a infância dos pesquisadores é aquela inocente, pura, nascida e criada segundo Ariés no interior da sociedade moderna, mas temos ainda a maior clareza de que esta não é a infância das escolas, das ruas, dos nossos dias.

O que é a infância então? Quem é a criança a quem nos dedicamos a pesquisar?

A criança não é nem antiga e nem moderna, não está antes e nem depois, mas agora, atual, presente. Seu tempo não é linear nem evolutivo, nem genético, nem dialético, nem sequer narrativo. A criança é um presente inatural, intempestivo, uma figura do acontecimento. (LARROSA, 2001, p. 284)

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOGDAN, Roberto C., BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1991.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. São Paulo; Jorge Zahar, 2004.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e Maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e poder: breves sugestões para uma agenda de pesquisa*. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar sem fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BUJES, Maria Isabel edelweiss. *Temas e tramas na pesquisa em educação*. In: InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 13, n. 26, p. 144-151, jul.-dez./2007.

DE LUCA, T. R. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KUHLMANN JR, Moysés. *Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998, 209 p.

KUHLMANN JR, Moysés. *Uma história da infância: da Idade Média à época Contemporânea no Ocidente*. In: Cadernos de Pesquisa, v 35, n. 125, maio./ago. 2005.

_____, (2000). *Educando a infância brasileira*. In: LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 469-496.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. E.ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003.

LARROSA, Jorge. *Dar a palavra. Nota para uma dialógica de transmissão*. In: Larrosa, J.; Skiliar, C. *Habitantes de Babel: políticas poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 281-95.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Historiografia da Educação e Fontes*. In: CADERNOS ANPED, n5. Caxambu: ANPED, setembro, 1993.

RESOLUÇÃO nº196/96, de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Maringá: Eduaem, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Criança pequena e desigualdades sociais no Brasil*. Disponível em: <http://www6.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/obras.asp?autor=ROSEMBERG,+F%DALVIA>

SHARPE, Jim. *A História vista de baixo*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SOARES, Magda. *Metamemórias – Memórias Travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WARDE, Mirian Jorge. *Repensando os estudos de história da infância no Brasil*. In: *Perspectiva* v. 25, n.1 - janeiro/junho - 2007 – Florianópolis. Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_numeros_anteriores_2007_01.php. Acesso em 17 ago. 2008.

FONTES

ABRAMOWICKZ, Anete (2007). *O debate sobre a infância e a educação infantil na perspectiva da diferença e da multidão*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 17 jan. 2009.

ANDREOTTI, Azilde L (2003). *O Jornal A Voz da Infância (1936-50) - fonte de pesquisa para a história da Educação*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

ALCÂNTARA, C. V. M (2006). *Subjetividade e subjetivação: a “criança resistência” nas dobras do processo de socialização*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 16 jan. 2009.

ARCE, Alessandra (2002). *Os Pedagogos da Primeira Infância: Pestalozzi e Froebel, uma análise de suas obras educacionais*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/abertura.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2008.

ARCE, Alessandra (2004). *As pesquisas na área da Educação Infantil e a história da educação: re-construindo a história do atendimento às crianças pequenas no Brasil*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/gt02/t021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

ARENHART, Deise (2005). *A educação da infância no MST: o olhar das crianças sobre uma pedagogia em movimento*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. SCHNETZLER, Roseli Pacheco (2005). *O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

AZEVEDO, Alexandre Ramos de (2003). *Educação da infância e da mulher e outros temas presentes no pensamento e na obra de Anália Franco*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/gt02/t021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

BARBOSA, Sílvia Néli Falcão (2003). *Corre, vai, vai mais uma vez! Um estudo exploratório sobre o tempo e o espaço da brincadeira de crianças em um shopping*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/26/tpgt07.htm>. Acesso em: 10 jan. 2009.

BARBOSA, Ivone Garcia (2008). *Infância e Cidadania: Ambiguidades e contradições na Educação Infantil*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_gt.htm. Acesso em: 18 jan. 2009.

BASTOS, Maria Helena Câmara (2005). STEPHANOU, Maria. *Infância, higiene & educação*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/gt02/t021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

BENICA, Dalvana Paola (2005). *Trajetória Histórica do atendimento à Infância em Ponta Grossa*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

BERTO, Rosianny Campos (2006). *Saúde, higiene, educação física e cultura escolar: um olhar sobre a infância a partir da revista educação physica*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

BORBA, A. M (2006). *As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 16 jan. 2009.

BUJES, M. I. E (1998). *O pedagógico na educação infantil - uma releitura*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED.html>. Acesso em: 06 jan. 2009.

BUJES, M. I. E (1999). *O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED99.html>. Acesso em: 07 jan. 2009.

BUJES, M. I. E (2001). *Governando a subjetividade: a constituição do sujeito infantil no RCN/EI*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED2001.html>. Acesso em: 09 jan. 2009.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss (2007). *Artes de governar a infância: no cruzamento entre a ética e a política*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 17 jan. 2009.

CALSA, Geiva Carolina (2007). *A representação da concepção de infância na criança e no adolescente em Dom Casmurro*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

CAMARA, Sonia (2004). *"Sob a defesa da República": a produção da infância pobre nos debates jurídicos-educacionais no Brasil e em Portugal nas décadas de 1910-1920*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

CARVALHO, Levindo Diniz (2008). *Infância, brincadeira e cultura*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_gt.htm. Acesso em: 18 jan. 2009.

CASTILHANO, Ana Lucia (2005). *O GT 7 da ANPED: direitos e educação da criança pequena*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

CASTRO, César Augusto (2006). *A educação da infância desvalida no maranhão oitocentis-ta: a casa de educandos artifices*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

CORSINO, Patrícia (2005). *Infância, educação infantil e letramento na rede municipal de ensino do rio de janeiro: das políticas à sala de aula*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

CORSINO, Patrícia. SANTOS, Núbia de Oliveira (2007). *Olhares, gestos e falas nas relações de adultos e crianças no cotidiano de escolas de educação infantil*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 17 jan. 2009.

COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da (2003). *Jogo simbólico e discurso: uma leitura dialógica do lúdico*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/26/tpgt07.htm>. Acesso em: 10 jan. 2009.

COSTA, Marli de Oliveira (2004). *Infância e educação: a experiência da vila operária mineira próspera em criciúma SC: 1945-1961*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos (2004). *Bonecas: objeto de conflito identitário na arena da dominação cultural*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

COUTINHO, A. M. S (2001). *Infância e diversidade: as culturas infantis*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED2001.html>. Acesso em: 09 jan. 2009.

CRUZ, Cristina Pedrosa. NETO, Wenceslaw Gonçalves (2001). *A INFÂNCIA SOCIALMENTE DESAJUSTADA NO BRASIL: do Código Brasileiro de Menores (1979) ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (2004). *OUVINDO CRIANÇAS: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

DEMATHÉ, Tércia Millnitz. CORDEIRO, Maria Helena Baptista Vilares (2007). *Representação social de professoras de educação infantil sobre infância: algumas considerações*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 17 jan. 2009.

DOURADO, Ana Cristina Dubeux (2002). *Imagens da Infância Brasileira na Primeira República: um diálogo entre iconografia, discurso histórico e narrativa literária*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/abertura.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2008.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto (2006). *Educação e infância: as práticas pedagógicas no âmbito do grupo escolar João Pinheiro de Ituiutaba, MG, (1966-1988)*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

FERREIRA, Raquel Slobojan (2005). *Notas acerca da infância no Brasil sob a ótica de Piaget*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

FERREIRA, Rosângela Veiga Julio (2006). *Infância e educação para a diversidade no discurso jornalístico de Cecília Meireles*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/gt02/t021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

Filizzola, Ana Carolina Bonjardim (2002). *A organização e a disciplinação do lazer da Infância operária nos parques infantis da cidade de São Paulo na década de 1930*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/abertura.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2008.

FREITAS, Marcos Cesar (2004). *Cuidar da infância "rústica": um estudo comparado sobre estratégias educacionais direcionadas às crianças de lugares considerados arcaicos (Portugal e Brasil, 1860-1935)*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

FREITAS, Joseania Miranda (2002). *História Social da Infância: a construção de um grupo de estudo e mobilização*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira de Veiga (2004). *Práticas de representação: as visões de infância em manuais para o ensino das primeiras letras*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

GUIMARÃES, D; LEITE, M. I (1999). *A pedagogia dos pequenos: uma contribuição dos autores italianos*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED99.html>. Acesso em: 07 jan. 2009.

GUIMARÃES, Daniela (2005). *INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS MODERNOS E PÓS-MODERNOS - entre a criança-indivíduo e a criança-acontecimento*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

GOUVÊA, M. C. S (1999). *A construção do "infantil" na literatura brasileira*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED99.html>. Acesso em: 07 jan. 2009.

HADDAD, L (1998). *O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil no contexto das políticas para a infância: uma apreciação crítica*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED.html>. Acesso em: 06 jan. 2009.

JINZENJI, Mônica Yumi (2002). *O projeto de escolarização da infância pobre na província de minas gerais (1825-1846)*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/abertura.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2008.

KAPPEL, D. B (2006). *Índice de desenvolvimento infantil no Brasil: uma análise regional*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 16 jan. 2009.

KUHLMANN JR. Moysés (2002). *Idéias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, Rio de Janeiro, 1922*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/abertura.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2008.

KUHLMANN JR, Moysés (2004). *A infância nos almanaques de farmácia (higiene e dietética entre as décadas de 1920 a 1940)*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. ROCHA, José Fernando Teles da (2005). *A educação das crianças de 0 a 6 anos no asilo dos expostos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, 1896-1950*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/gt02/t021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo (2008). *Infância e valor educativo dos jogos: reflexões a partir de manuais exemplares*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

LOPES, Jader Janer Moreira (2004). *Estandartes de identidade: o lugar da infância na decoração das escolas*. Disponível em:

<http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

LOPES, J. J.M (2006). *Produção do território brasileiro e produção dos territórios de infância: por onde andam nossas crianças?* Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 16 jan. 2009.

MARTINS FILHO, Altino José (2004). *A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância no cotidiano da creche*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

MOMO, Mariangela (2008). *Condições culturais contemporâneas na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_gt.htm. Acesso em: 18 jan. 2009.

MORAES, Andréa Alzira de (2004). *EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise das concepções de criança e de sua educação nas produções acadêmicas recentes (1997-2002)*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

MORO, Catarina de Souza (2004). *As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

MULLER, Fernanda (2003). *INFÂNCIAS NAS VOZES DAS CRIANÇAS: culturas infantis, trabalho e resistência*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/26/tpgt07.htm>. Acesso em: 10 jan. 2009.

MULLER, Fernanda (2004). *Culturas Infantis na cidade: aproximações e desafios para a pesquisa*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de (2002). *Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/25/tp25.htm#gt7>. Acesso em: 09 jan. 2009.

OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva (2004). *A infância na pauta da república: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em minas gerais na primeira metade do século xx*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

OLIVEIRA, Fabiana de. ABRAMOWICZ, Anete (2005). *A 'paparicação' na creche enquanto uma prática que inviabiliza a construção de uma educação da 'multidão'*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

OLIVEIRA, Keila Andrea Santiago (2008). *A concepção de infância retratada nas obras de Candido Portinari*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_gt.htm. Acesso em: 18 jan. 2009.

PAIXÃO, Candida Gomides (2002). *O uso da Fotografia como fonte para o estudo da história da infância*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/abertura.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2008.

PEREIRA, Maria Neve Collet (2008). *Criança, infância e política na compreensão dos profissionais que atuam na educação infantil em Curitiba*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_gt.htm. Acesso em: 18 jan. 2009.

RAMOS, G. V. F (1999). *O espaço e o cotidiano: relação dialética marcando a prática pedagógica*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED99.html>. Acesso em: 07 jan. 2009.

RICTER, Sandra Regina Simonis (2002). *Infância e materialidade: uma abordagem bachelardiana*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/25/tp25.htm#gt7>. Acesso em: 09 jan. 2009.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes (2006). *O lugar da criança nos debates educacionais de 1930 à luz do pensamento de Cecília Meireles*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

RODRIGUES, Flavia Silvia (2004). *O governo da família e da infância: um estudo a partir da legislação e da literatura pedagógica*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

SABAT, Ruth Ramos (2001). *Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?* Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED2001.html>. Acesso em: 09 jan. 2009.

SANTOS, Núbia de Oliveira (2005). *O consumo nas práticas culturais infantis: crianças e adultos no contexto de uma escola pública*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

SANTOS, Solange Estanislau dos (2005). *Culturas infantis e saberes: caminhos recompostos*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

SARAT, Magda. Mancini, Ana Paula (2007). *História e memória da educação: instituições escolares e infância no município de Dourados e região - 1940-1990*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

SCOTTON, Maria Tereza (2004). *A representação da infância na poesia de Manoel de Barros*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/textosgt07.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

SILVA, Ana Claudia (2004). *Infância e formação de professores: concepções produzidas no instituto de educação de Florianópolis nas décadas de 1930 e 1940*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

SILVA, Elizabeth Figueiredo de Sá Poubel (2004). *A infância e sua escolarização: um diálogo entre o Brasil e Portugal*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

SILVA, Marta Regina Paulo (2008). *Por uma Pedagogia Da Infância Oprimida: as crianças e a infância na obra de Paulo Freire*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_gt.htm. Acesso em: 18 jan. 2009.

SIMÃO, Márcia Buss (2008). *Concepções de corpo. Infância e educação na produção científica brasileira (1997-2003)*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_gt.htm. Acesso em: 18 jan. 2009.

SOUZA, S. J. PEREIRA, R. M. R (1998). *Infância, conhecimento e contemporaneidade*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ANPED.html>. Acesso em: 06 jan. 2009.

SOUZA, Rosângela Ferreira de (2006). *A celebração da infância: os concursos de robustez e a construção de uma infância higienizada em São Paulo (1920-1930)*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

VALDEZ, Diana (2006). *A Infância Na Pedagogia Do Dr. Abilio Cesar Borges: O Barão De Macahubas (1856-1891)*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

VALDEZ, Diana (2003). *A infância nas linhas e nas imagens dos livros de leitura (1890/1950)*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

VASCONCELOS, Tania Mara Pereira (2006). *Práticas e representações acerca da infância e da escola numa comunidade do interior (1940-1970)*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

VASCONCELLOS, T (2006). *Criança do lugar e lugar de criança*. Disponível em: http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm. Acesso em: 16 jan. 2009.

VEIGA, Cintya Greive. GOUVEA, Maria Cristina Soares (2001). *Uma contribuição para a história da infância: festejos comemorativos da criança*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/gt02/t021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

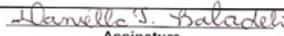
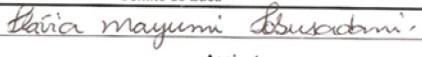
VIEIRA, Marina Tucunduva B. Porto (2005). *Associação Casa da Criança de Santos na Primeira República: concepções de infância*. Disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/27/gt02/t021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

WALSH, Tania Maria de Amorim (2005). *Conceitos de infância na realidade brasileira*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

WENZEL, Maria Cristina Rosa (2001). *A concepção de infância na literatura infantil*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/indexhisted.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

ANEXOS

ANEXO I – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

 MINISTÉRIO DA SAÚDE Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP			
PROJETO RECEBIDO NO CEP		CAAE - 0190.0.093.000-08	
Projeto de Pesquisa Como os educadores maringenses significam a infância nos dias atuais?			
Área(s) Temática(s) Especial(s) Não se aplica		Grupo	Fase Não se aplica
Pesquisador Responsável			
CPF 06370591823	Pesquisador Responsável Elaine Rodrigues		 Assinatura
Comitê de Ética			
Data de Entrega 08/07/2008	Recebimento:  Assinatura		

Este documento deverá ser, obrigatoriamente, anexado ao Projeto de Pesquisa.



ANEXO II – Protocolo de Pesquisa para Avaliação Ética

1 Descrição da Pesquisa

1.1 Descrição dos propósitos e das hipóteses a serem testadas

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na área de História e Historiografia da Educação, mais especificamente voltada ao tema da infância. O objetivo do trabalho é analisar como profissionais da Educação (gestores educacionais) de 55 (cinquenta e cinco) Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá significam/compreendem a infância nos dias atuais. Espera-se coletar informações a partir de narrativas atuais que se enunciam sobre a criança e sobre a infância brasileira, para a melhor compreensão do sujeito infantil e as ações de atenção/educação/criação das crianças pequenas.

1.2 Antecedentes Científicos e dados que justifiquem a Pesquisa

A presente pesquisa está diretamente ligada a um projeto de Mestrado que procura verificar a relação entre infância e discurso. O projeto divide o trabalho em algumas etapas que deverão ser seguidas pelo pesquisador para a concretização do mesmo. Uma destas etapas é denominada “Trabalho de Campo”, momento em que o pesquisador vai a campo coletar fontes para posterior estudo. O Trabalho de campo se concretizará com a coleta de entrevistas com os Gestores Educacionais dos Centros de Educação Infantil de Maringá sobre a temática da infância.

Considerando os antecedentes científicos, bem como o trabalho dos que já permearam a temática infância e discurso, considera-se necessário a partir de agora justificar, com base na bibliografia citada no decorrer do protocolo a pesquisa que aqui se inicia.

O propósito mais geral desse trabalho será discutir a relação entre infância e discurso. Para construir a abordagem sobre o tema que aqui se explora,

pretende-se lançar mão das ideias que se organizam nas perspectivas pós-estruturalistas. Serão utilizados não apenas o legado de Michel Foucault, mas também as ideias que se assentam nos campos dos Estudos Culturais, especialmente os ligados ao tema da infância. Ao tomar a criança como objeto cultural, este trabalho pretende compreender a infância inserida em práticas culturais de significação. Larrosa (1999) afirma “As coisas existem, a cultura lhes dá sentido”.

Tem-se o propósito de compreender como o sujeito infantil vem sendo fabricado¹²⁰ pelos discursos que se traçaram acerca da infância nos últimos anos, mais especificamente no Brasil desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 até o ano de 2006. Realizou-se tal recorte temporal para a pesquisa, por partir da hipótese de que neste período a temática da infância penetrou de forma crescente a produção teórica brasileira.

Parte-se do princípio de que o trabalho nessa direção contribuirá para manter ativa a indignação, indagação e crítica sobre como as coisas funcionam, sobre a naturalização de conceitos e ensaiar novas perguntas.

Julga-se necessário a partir de agora, justificar como a infância é colocada em discurso. Tentar-se-á analisar como o sujeito infantil é constituído nas narrativas que se aplicam a falar sobre ele. Todos os homens nascem num mundo já tomado pela linguagem e esta linguagem é constitutiva de seus pensamentos e do contato que têm com esse mundo. A linguagem exprime o querer daquele que fala. Ao nascer, o ser humano é inserido em um local onde discursos já estão circulando (por meio da língua e do ato da fala) e dessa forma tornam-se sujeitos provenientes desses discursos. O sujeito de um discurso não é, portanto exterior ao seu próprio discurso. Não existe criança fora do discurso pedagógico de infância, fora dos processos que lhe atribuem significados. O sujeito infantil está constituído, é formado e regulado no discurso sobre a infância. Os discursos sobre infância fabricam no interior de uma sociedade o sujeito infantil de que falam. (BUJES, 2002, p.55)

¹²⁰ Termo bastante comum nos estudos que se apóiam nas formulações de Michael Foucault. Encontrou-se essa palavra em BUJES, Maria Isabel. *Infância e Maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Existem na sociedade outras formas de discursos proferidos acerca da infância como as imagens que “discursam” sobre como as crianças se vestem, brincam, se relacionam, que mostram o que é pertencer ao universo infantil. O que interessa neste trabalho, portanto são os discursos que acontecem por meio das palavras escritas dos Gestores Educacionais.

O discurso autorizado sobre infância justifica a proposição de saberes, de padrões de comportamentos traçando sujeitos abstratos, definindo quem são tais indivíduos e o que se espera deles.

Considera-se relevante entender os discursos sobre infância, buscando identificar, nos Centros de Educação Infantil selecionados para a realização das entrevistas, as práticas deles decorrentes. A elaboração de um discurso para a infância é um processo que se reforça na e pela instituição, pela elaboração de documentos, de teorias pedagógicas que, por sua vez, têm efeitos que remetem à naturalização ou não de conceitos, um efeito, por assim dizer circular.

O que se propõe ao estudar esse período de dez anos após LDB é buscar como os discursos para a infância presente nas fala dos entrevistados se apresentam, sem relação de causalidade ou precedência, mas articuladamente, reforçando-se e amparando-se em leis, diretrizes, e até mesmo na mídia.

Matrizes ou modelos, narrativas que orientam o que se pode dizer sobre certos objetos são, o que na perspectiva Foucaultiana, denomina-se episteme (VEIGA-NETO, 2004, p.115). Não se pretende analisar os discursos desse período para identificar neles uma essência, um conceito de verdade ou uma lógica, não procurarei neles nenhuma matriz teórica, filosófica, psicológica ou política. O que se propõe é analisá-los tendo em vista que, aquele que o enuncia faz parte de uma ordem que lhe é anterior e na qual ele está imerso, pois o sujeito que discursa está inserido no campo discursivo.

Ao tomar por estudo os discursos acerca da infância perguntou-se o quanto eles correspondiam ou não às infâncias que se conhecia e passou-se a questionar sobre os processos que vieram a constituí-los desse modo.

Voltar à história na perspectiva Foucaultiana (VEIGA-NETO, 2004,p.54) é realizar uma busca arqueológica da infância. Procedimento de investigação acerca dos discursos já pronunciados, muitas vezes no passado, para deles retirar fragmentos de ideias, conceitos e entender como e porque ali se travaram. Fazer uma leitura arqueológica da infância, dos discursos pedagógicos é demonstrar que as práticas e os conceitos sobre infância não têm entre si relação de causalidade, ao contrário, se desenvolveram mutuamente e hipoteticamente afirmo também assim o foi ao longo dos últimos anos.

A infância em si é um objeto de estudo complexo, pois não corresponde a um período de vida universal. Cada cultura atribui aos seus discursos valores, condutas e expectativas sobre o que é: considerável, desejável, prazeroso, previsto em lei, proibido e necessário para essa instância da população, o que personaliza, podemos assim dizer o conceito de infância em seu interior.

Os significados de infância variam segundo quem enuncia os discursos acerca dela e de quem é objeto da fala. Crianças no ponto de vista biológico serão encontradas em qualquer parte do universo onde se tenha um grupo de pessoas, mas a definição que cada grupo dará para a infância será distinta. Toda sociedade carrega consigo discursos que estabelecem a definição do conceito de infância e são por ele estabelecido, o que difere nesta definição é o significado, a duração, os pressupostos e modos de como lidar com as crianças.

Espera-se poder conduzir o olhar e os objetivos durante o trabalho que me proponho a realizar partindo da reflexão que segue sobre o papel do pesquisador

Meu papel – mas esse é um termo muito pomposo – é o de mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas têm por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída. (Foucault, 1994 apud Veiga-Neto, 2004, p.26)

1.3 Descrição detalhada e ordenada do projeto de Pesquisa

1.3.1 Material: Questionários a serem respondidos pelos sujeitos da pesquisa.

(Questionários em anexo)

1.3.2 Método: Pesquisa Qualitativa em Educação - Coleta de informações, sob a forma de questionários.

1.3.3 Resultados Esperados: Espera-se coletar informações a partir de narrativas atuais que se enunciam sobre a criança e sobre a infância brasileira, para a melhor compreensão do sujeito infantil e as ações de atenção/educação/criação das crianças pequenas e dessa forma, conforme o Termo II.1 da Resolução nº 196/96 alcançar o objetivo da Pesquisa: alcançar o conhecimento generalizável.

1.3.4 Bibliografia:

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20.12.96, **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: FTD, 1996.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras/ Marisa Vorraber Costa e Maria Isabel Edelweiss Bujes (organizadoras). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T.T. (Org) *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

1.6 Explicação das responsabilidades do Pesquisador, do Promotor e da Instituição

1.6.1 Pesquisador Responsável

Profª Dra Elaine Rodrigues

Função: Pesquisador Responsável pela pesquisa

Atividades:

- Orientação à participante para elaboração da pesquisa;
- Orientação para o estudo dos dados coletados;
- Orientação à participante para elaboração do Relatório Final.

1.6.2 Pesquisador Participante

Daniella Tizziani Baladeli

Função: Pesquisador Participante

Atividades:

- Elaboração da pesquisa;
- Coleta das entrevistas;
- Estudo dos dados coletados.

1.6.3 Promotor

A Universidade Estadual de Maringá por meio do Programa de Pós-Graduação e do Mestrado em Educação terá a responsabilidade de promover a pesquisa.

1.6.4 Instituição Sediadora

Os Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá terão por responsabilidade sediar a pesquisa fornecendo os sujeitos envolvidos.

1.7 Critérios para suspender ou encerrar a pesquisa

A Pesquisa será encerrada quando concluída as entrevistas nos Centros Municipais de Educação Infantil e/ou quando não houver consentimento dos sujeitos da pesquisa, impossibilitando assim sua realização.

1.8 Local da Pesquisa: Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá (lista de endereços e telefones em anexo).

1.9 Orçamento financeiro da pesquisa: Os gastos com a pesquisa serão de responsabilidade dos pesquisadores.

XEROX DE QUESTIONÁRIOS	275 cópias x R\$ 0,10 = 27,50
ENVELOPES	55 envelopes x R\$ 0,23 = 12,75
TOTAL	R\$ 40,25

1.10 Sujeitos da pesquisa Gestores Educacionais dos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá.

DECLARAÇÃO SOBRE O USO DO MATERIAL COLETADO

Nós, pesquisadoras responsáveis pela pesquisa “Como os educadores maringaenses significam a infância nos dias atuais?”, DECLARAMOS, para os devidos fins, que estamos ligadas ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá, sendo assim, os dados coletados serão analisados, estudados e posteriormente utilizados na dissertação de Mestrado da Pesquisadora Participante Daniella Tizziani Baladeli.

Elaine Rodrigues
(Pesquisador Responsável)

Daniella Tizziani Baladeli
(Pesquisador Participante)

**DECLARAÇÃO DE QUE OS RESULTADOS DA PESQUISA SERÃO
TORNADOS PÚBLICOS**

Nós, pesquisadoras responsáveis pela pesquisa “Como os educadores maringenses significam a infância nos dias atuais?”, DECLARAMOS, para os devidos fins, que, respeitando as exigências do Programa de Pós Graduação em Educação, ao qual estamos diretamente ligadas, conforme a Portaria nº 013 de 15 de fevereiro de 2006 do Ministério da Educação serão divulgadas no meio digital todas as dissertações de Mestrado produzidas na Universidade Estadual de Maringá.

-

Elaine Rodrigues
(Pesquisador Responsável)

Daniella Tizziani Baladeli
(Pesquisador Participante)

TERMO DE COMPROMISSO

ELAINE RODRIGUES, brasileira, divorciada, portadora do registro de identidade nº 10.474.466 SSP/SP e do CPF nº 063.705.918-23 residente e domiciliada na cidade de Maringá, na Rua Motevidéo,652, Profª Dra. do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá,pesquisador responsável pela pesquisa “Como os educadores maringaenses significam a infância nos dias atuais?”,comprometo-me a cumprir todos os termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Maringá, junho de 2008.

Elaine Rodrigues

TERMO DE COMPROMISSO

DANIELLA TIZZIANI BALADELI, brasileira, divorciada, portadora do registro de identidade nº7.990.307-8 SSP/SP e do CPF nº055.166.009-01 residente e domiciliada na cidade de Maringá, na Rua Padre Germano José Mayer, 828, aluna regular do Mestrado. do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, pesquisadora participante da pesquisa “Como os educadores maringaenses significam a infância nos dias atuais?”, comprometo-me a cumprir todos os termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Maringá, junho de 2008.

Daniella Tizziani Baladeli

ANEXO III – Parecer Nº 386/2008



Universidade Estadual de Maringá

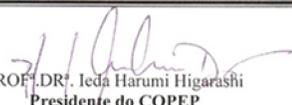
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

Registrado na CONEP em 10/02/1998

CAAE Nº. 0190.0.093.000-08

PARECER Nº. 386/2008

Pesquisador (a) Responsável: Elaine Rodrigues	
Centro/Departamento: DFE	
Título do projeto: Como os educadores maringaenses significam a infância nos dias atuais.	
Considerações: Trata-se de projeto que pretende analisar como profissionais da educação (gestores educacionais) de 55 centros municipais de educação infantil de Maringá significam/compreendem a infância nos dias atuais. O projeto tem cronograma de execução com início em Março de 2008 e término em Março de 2009. O custo de execução previsto de R\$ 40,25 ficará sob responsabilidade das pesquisadoras. Constam do projeto autorização da Secretaria de Educação do Município e TCLE adequadamente redigido. Parecer: Considerando o exposto, somos de parecer pela aprovação deste protocolo.	
Situação: APROVADO	
CONEP: (X) para registro () para análise e parecer Data: 01/08/2008	
O pesquisador deverá apresentar Relatório Final para este Comitê em: ABRIL DE 2009	
O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução nº. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 157ª reunião do COPEP em 01/08/2008.	 PROF. DR. Ieda Harumi Higarashi Presidente do COPEP

Em suas comunicações com esse Comitê cite o número de registro do seu CAAE.
 Bloco 10 sala 01 – Avenida Colombo, 5790 – CEP: 87020-900 – Maringá - PR
 Fone-Fax: (44) 3261-4444 – e-mail: copep@uem.br

**ANEXO IV – Autorização da Secretaria de Educação do
Município de Maringá**

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Autorização de Estágio

Autorizamos o (a) estagiário (a) DANIELLA TIZZIANI BALADELI do curso de MESTRADO EM EDUCAÇÃO - UEM a realizar sua pesquisa através de entrevista com os gestores dos CMEI e CEIS, . Entretanto fica a critério da direção do Centro de Educação Infantil, a aceitação do mesmo, inclusive a verificação e a montagem de horário e dias respectivos.

CMEI _____

DIRETORA: _____

DATA: _____ HORÁRIO _____

Maringá, 02/07/2008



SANDRA ALTOÉ
Coord. Pedag. Ed. Infantil

ANEXO V – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: “Como os educadores maringenses significam a infância nos dias atuais?”

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O objetivo desta pesquisa é analisar como profissionais da Educação (gestores educacionais) de 55 Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá significam/compreendem a infância nos dias atuais. O desvelamento de tal questão pode oferecer relevantes subsídios para se compreender o que é pertencer ao universo infantil na atual sociedade brasileira. Quanto aos procedimentos gerais da pesquisa, serão realizados estudos bibliográficos, visitas à Secretaria Municipal de Educação de Maringá, aos Centros Municipais de Educação Infantil, onde se entrevistarão os gestores educacionais.

Resultados Esperados:

Espera-se coletar informações a partir de narrativas atuais que se enunciam sobre a criança e sobre a infância brasileira, para a melhor compreensão do sujeito infantil e as ações de atenção/educação/criação das crianças pequenas.

Esclarecimento antes e durante a pesquisa sobre a metodologia:

Os entrevistados serão informados antes da aplicação do respectivo questionário sobre o objetivo da pesquisa, a instituição à qual estão vinculados os pesquisadores e os monitores, bem como sobre o compromisso de manutenção do sigilo e da privacidade dos entrevistados, ficando-lhes assegurado o direito de não responderem a quaisquer questões que lhes possam causar constrangimento.

Garantia de sigilo e privacidade:

Os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa manifestam expressamente o direito ao sigilo de identidade e a manutenção da privacidade dos entrevistados.

_____ Data:
____/____/____

Assinatura (do pesquisado ou responsável) ou impressão datiloscópica

Eu, _____, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao sujeito.

Data:

___/___/___ Assinatura

Equipe:**1 – Profª Dra. Elaine Rodrigues**

Telefone: 3261- 4839

Departamento de Fundamentos da Educação

Universidade Estadual de Maringá.

2 – Daniella Tizziani Baladeli

Telefone: 3026-8960 8803-2924

Mestrado em Educação

Universidade Estadual de Maringá.

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Sala 01 – Bloco 010 – Campus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

ANEXO VI – Questionário para Gestores Educacionais



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO - DFE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO PARA GESTORES EDUCACIONAIS

- ESTA PESQUISA TEM COMO OBJETIVO VERIFICAR COMO OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SIGNIFICAM/ENTENDEM A INFÂNCIA;
 - A IDENTIDADE DOS ENTREVISTADOS SERÁ MANTIDA EM SIGILO;
-

DADOS PESSOAIS

Sexo: ()Feminino ()Masculino

Idade: _____

FORMAÇÃO

() Graduação. Especifique: _____

() Especialização. Especifique: _____

() Mestrado. Especifique: _____

() Outros. Especifique: _____

DADOS PROFISSIONAIS:

Escola: _____

Experiência no trabalho com Educação Infantil: ____ anos

MÓDULO 1 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA

Qual é a sua concepção de infância?

Quando se inicia e quando termina a infância?

Qual é o significado de infância?

Infância e criança são sinônimos?

MÓDULO 2 – EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

A partir de que idade se deve educar uma criança?

Em que instâncias da sociedade a criança é educada?

Qual é o objetivo da Educação da Infância?

Qual é o papel do educador infantil?

De quem é a responsabilidade pela educação da criança?

Quem tem exercido esta responsabilidade?

MÓDULO 3 – ROTINA ESCOLAR

Quanto tempo em média a criança permanece no Centro de Educação Infantil diariamente?

Do tempo em que ela permanece na escola, quanto você atua com ela?

O que é um bom aluno em sua opinião?

Por que as salas de aula foram dispostas da maneira como se encontram?

Descreva a rotina diária do Centro de Educação Infantil:
